UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

NÍÐWUNDOR, TERRÍVEL MARAVILHA: O MANUSCRITO DE BEOWULF COMO COMPILAÇÃO ACERCA DO "ORIENTE"

Gesner Las Casas Brito Filho

Versão corrigida.

De acordo:_____

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

NÍÐWUNDOR, TERRÍVEL MARAVILHA: O MANUSCRITO DE BEOWULF COMO COMPILAÇÃO ACERCA DO "ORIENTE"

Gesner Las Casas Brito Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi

São Paulo

2014

DEDICATÓRIA

À minha família, pela compreensão quanto às minhas ausências e pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à professora e orientadora Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi, pela paciência, incentivo, amizade, compreensão e profissionalismo.

À professora Maria Cristina Correia Leandro Pereira e ao professor Ruy Andrade de Oliveira Filho pelas valiosas contribuições feitas na banca de qualificação.

Aos colegas e professores do Laboratório de Teoria e História da Imagem e da Música Medievais da USP (LATHIMM-USP).

Aos colegas do Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo (NEIBRAM).

Aos colegas da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM)

Aos colegas da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH)

Aos professores Richard Dance e Simon Keynes (University of Cambridge) pela inestimável ajuda no início da pesquisa.

Aos colegas de graduação e pós-graduação que muitas vezes, sem darem-se conta, ajudaram-me nesta caminhada.

Aos funcionários e professores do Departamento de História da USP.

RESUMO:

O objetivo deste trabalho consiste em entender-se como ocorreu a escolha, por volta do ano 1000, dos textos em inglês antigo reunidos no manuscrito conhecido como *Nowell Codex* ou manuscrito de Beowulf. O manuscrito aqui enfocado é a parte chamada de *Nowell Codex*, que somado ao *Southwick Codex*, integra o *Cotton Vitellius A.xv*, hoje em poder da *British Library*, em Londres. O *Nowell Codex* é composto pelos seguintes textos: Vida de São Cristovão, em prosa; Maravilhas do Oriente, em prosa; Carta de Alexandre para Aristóteles, em prosa; Beowulf, em poesia e Judite, em poesia. Ao buscar-se entender a unidade temática do manuscrito, é fundamental tocar em questões codicológicas juntamente com as textuais, isto é, questões materiais acerca da produção do codex. Esta abordagem foi muito pouco explorada pelos estudiosos que já se dedicaram aos textos do Nowell Codex, especialmente àqueles que se dedicam ao poema Beowulf. Defende-se aqui que os textos foram escolhido devido a uma semelhança em um arco maior de ideias que abarca todos os conteúdos do manuscrito: o Oriente. Não somente um Oriente geográfico, mas um Oriente como origem ancestral para os anglo-saxões. A palavra *Níðwundor* (terrível maravilha) resume todos os paradoxos e semelhanças deste Oriente construído pelos anglo-saxões e escolhido como tema para unir estes textos no manuscrito.

Palavras-chave: Beowulf, Nowell Codex, Cotton Vitelius A.xv, manuscrito medieval, codicologia, Idade Média, Inglaterra anglo-saxônica, inglês antigo.

ABSTRACT:

The aim of this study is identify how happened the choice, around the year 1000, of Old English texts gathered in the manuscript known as Nowell Codex or Beowulf manuscript. The manuscript focused on here is the part called *Nowell Codex*, which added to *Southwick Codex*, includes the Cotton Vitellius A.xv, now held by the British Library in London. The Nowell Codex consists of the following texts: Life of Saint Christopher, in prose; Wonders of the East, in prose; Letter of Alexander to Aristotle, in prose; Beowulf, and Judith, in poetry. By be sought for understanding the thematic unity of the manuscript, it is essential to touch codicológicas issues along with the context, that is, material issues regarding the production of the codex. This approach has been very little explored by scholars who have devoted themselves to the Nowell Codex texts, especially those engaged in the poem Beowulf. It is argued here that the texts were chosen because of a similarity in a larger arc of ideas which all the contents of the manuscript: the East. This East is not only a geographical East, but it is an East as ancestral origin to the Anglo-Saxons. The word *Níðwundor* (terrible wonder) summarizes all the paradoxes and similarities of the East as is thought by the Anglo-Saxons and chosen as a theme to unite these texts in the manuscript.

Keywords: Beowulf, Nowell Codex, Cotton Vitelius A.xv, medieval manuscript, codicology Middle Ages, Anglo-Saxon England, Old English.

Mæg ic be me sylfum soðgied wrecan,

siþas secgan, hu ic geswincdagum

earfoðhwile oft þrowade,

bitre breostceare gebiden hæbbe,

gecunnad in ceole cearselda fela -

atol yþa gewealc, þær mec oft bigeat

nearo nihtwaco æt nacan stefnan,

þonne he be clifum cnossað.

The Seafarer, Exeter Book, vv. 1-8.

Tradução:

Que eu possa fazer uma canção verdadeira sobre mim mesmo,

contar minhas jornadas, como eu muitas vezes

enfrentei dias dolorosos, tempos de provação,

como eu sofri tristeza tenebrosa

e conheci na navegação tantas atribulações -

os terríveis arremessos das ondas,

onde a vigilância ansiosa na noite

muitas vezes levava-me à proa do navio,

enquanto ele era arremessado às falésias.

Sumário

Introdução 10

Capítulo 1: Questões téoricas 13

1.1. Dos textos à História 13

1.2. Mentalidade ou mentalidades? 14

1.3. Imaginário 15

1.4. Micro-história? 17

Capítulo 2 - Origens dos textos 19

2.1.A vida de São Cristóvão 23

2.3. A Carta de Alexandre para Aristóteles 32

2.4. Beowulf 38

2.4.1.Beowulf como criação "escrita" 40

2.5. Judith 46

2.6. Resumo das origens dos textos: 48

Capítulo 3 - O manuscrito 49

3.1.Retorno aos manuscritos 52

3.3.A incorporação da materialidade aos estudos dos textos do manuscrito de Beowulf 54

3.4. Observações paleográficas e codicológicas 69

Capítulo 4 - O Oriente e os monstros no manuscrito de Beowulf 71

4.1. As origens para os anglo-saxões 74

4.2.Oriente como local e tempo de origem 80

4.3. Monstros e origens 85

Conclusões 96

Conclusões 96

Bibliografia 99

A. Fontes Primárias 99

ANEXO A - Ficha catalográfica do manuscrito 109

Introdução

Este estudo pretende entender como se deu a escolha dos textos presentes no manuscrito conhecido como *Nowell Codex* ou Manuscrito de Beowulf. Em uma primeira olhada o manuscrito pode parecer uma simples miscelânea de textos escolhidos por razões externas aos conteúdos dos textos. Porém, um olhar mais apurado demonstra que há mais de uma lógica que explique as escolhas para a reunião destes textos neste manuscrito. Além disso, haveria uma lógica maior que unificaria estes textos: o Oriente.

A maior parte dos escritos anglo-saxônicos em língua vernácula foi registrada neste período tardio, entre o reinado do rei Alfred até fim da chamada Inglaterra anglo-saxônica. Na historiografia tradicional em língua inglesa, a Inglaterra anglo-saxônica aqui nomeada corresponde ao período entre o abandono da província da Britânia pelos romanos e o povoamento pelos germânicos provenientes do continente, datado geralmente por volta do início do século V e a conquista normanda em 1066. Utilizamos o termo traduzido Inglaterra anglo-saxônica, devido ao uso consagrado na historiografia em língua inglesa: "Anglo Saxon England", embora seja carregado de intenções nacionalistas e até passível de ser criticada pelo anacronismo.[1]

O manuscrito é o chamado Cotton Vitellius A.xv, hoje em poder da British Library em Londres. Como a maioria destes documentos medievais escritos, o manuscrito é feito de pergaminho. O Cotton Vitellius A.xv é a junção de duas coleções: o Nowell Codex e o Southwick Codex.[2]. Focaremos a análise no Nowell Codex, que é a parte onde encontra-se o poema Beowulf. O poema Beowulf é a porção de maior destaque que faz parte do Nowell Codex, mas não é o seu único texto. No *Nowell Codex* encontra-se três escrito em prosa: The Life of Saint Cristopher, Wonders of the East e Letter of Alexander to Aristotle. Depois seguem-se o poema Beowulf - com 3182 versos e Judite - também em verso.

Antes do século XVII não há menção à existência do manuscrito. Provavelmente o mesmo veio a ser conhecido após cair em mãos de proprietários laicos e privados,

[1] Vide, por exemplo, os títulos das obras citadas na Bibliografia, p. 101.

[2] Southwick Codex é compost pelos seguintes textos: Alfred's Translation of Augustine's Soliloques, Gospel of Nicodemus, Salomon and Saturn e Fragment of Life of Saint Quentin.

após a dissolução dos monastérios na reforma anglicana no século XVI. O nome de *Nowell Codex* do primeiro "dono" conhecido do manuscrito, Laurence Nowell. Na parte superior do primeiro fólio do Nowell Codex é possível observar-se o nome escrito de Nowell e o ano de 1563 : "Lawrence Nowell 1563". Esta inscrição demonstra que o manuscrito já estava fragmentado e danificado quando passou às mãos de Lawrence Nowell, pois a inscrição com o seu nome e o ano foi feita no primeiro fólio, que não seria o primeiro do original, pois neste fólio encontramos o meio do texto da Paixão de São Cristovão, que está, portanto, incompleta, pois falta o seu início.

Após a morte de Nowell o manuscrito às mãos de Sir Robert Bruce Cotton , que uniu o Nowell Codex com o chamado Southwick Codex . A coleção de manuscritos medievais e antigos, como a Historia Ecclesiastica de Beda, Os Evangelhos de Lindisfarne, a Magna Carta de 1215 e o Poema da Pérola. O neto de Sir Roberto Cotton, que herdou todos estes manuscritos, doou esta coleção para o governo britânico entre 1700 e 1071. A coleção foi retirada da mansão em ruínas de Sir Cotton e foi para a Essex House. Devido ao risco de incêndio a coleção, chamada agora de Cottonian Library (Biblioteca Cottoniana), foi transferida para a Ashburn House (Mansão Ashburn), utilizada para abrigar outras coleções do governo britânico. Porém, ironicamente em 23 de outubro de 1731, a Ashburn House sofreu um incêndio de grandes proporções, que danificou grande parte desse acervo (cerca de 25%). Quanto ao Cotton Vitellius A.xv, este foi salvo, pelo que se relata, sendo defenestrado. Porém, sofreu muitos danos, principalmente na parte de cima e nas margens dos fólios que foram queimadas e muitas letras marginais foram queimadas. O poema Judite foi transcrito antes do incêndio, e por isso sua integralidade textual foi preservada. Beowulf foi transcrito alguns anos em duas versões após o incêndio quando alguns fragmentos queimados ainda não tinham sido perdidos e eram legíveis, pelo historiador islandês e arquivista do rei dinamarquês à época, Grimur Jónsson Thorkelin, que estava colecionado documentos que tivessem alguma relação com a história dinamarquesa. Hoje se percebe a imprecisão destas duas transcrições (nomeadas Thorkelin A e B). A versão A foi feita buscando-se "copiar" o desenho das letras originais, inclusive as iniciais, provavelmente por outra pessoa, que não conhecia o inglês antigo. Já a versão B, uma transcrição textual, deve ter sido feita pelo próprio Thorkelin, que conhecia inglês antigo, e por isso alterou muita letras e palavras, buscando seu sentido de interpretação. Por isso a versão A, embora apresente alguns erros, parece ser a mais

acurada das duas. Nenhuma das transcrições dos textos em prosa que precedem o poema Beowulf no Codex Nowell foram feitas por ele. Entretanto, d'As Maravilhas do Oriente existia outra cópia que se preservou (aceita como contemporânea à do Cotton Vitellius A.xv) na própria biblioteca (no Cotton Tiberius B.x). Em 1845, foi feita uma restauração mal-sucedida do manuscrito. Os fólios foram separados e cada um foi colado a uma folha de um papel de alta gramatura onde um buraco do tamanho de cada pedaço restante do manuscrito foi colado. Esta é a imagem que vemos nas versões fac-símiles e na versão escaneada de Kiernan . Algum lado do grosso papel utilizado como base acaba sempre encobrindo algumas letras das margens danificadas; e do outro lado as letras são visíveis através da fita transparente que segura cada fólio. Os textos do Nowell Codex devem ter sido copiados de outro exemplar escrito, ainda que eles mostrem exemplos de erros de cópia quando um escriba interpreta errado um texto já previamente escrito.

Este estudo focar-se-á no estudo textual. Porém, como a questão da datação é ainda um problema em que não há um consenso entre os pesquisadores, não se poderá deixar de lado questões codicológicas, isto é, questões materiais da produção do manuscrito.

Para alcançar este objetivo será utilizada uma tradução própria dos textos originais em inglês antigo diretamente para a língua portuguesa. Há duas traduções atéPois, todos os textos do *Nowell Codex* estão escritos na chamada língua anglo-saxônica ou Old English. [3]

[3] Costuma-se chamar a língua falada e escrita na Inglaterra anglo-saxônica (aproximadamente do o século VI até o século XI) como inglês antigo (Old English) ou anglo-saxão. Conforme: PAGE, R. I. *Old English*. In: LAPIDGE, Michael.; BLAIR, John.; KEYNES, Simon & SCRAGG, Donald (ed.), - The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England. Oxford: Blackwell, 1999. Pp. 343-344.

Capítulo 1: Questões téoricas

> Después reflexioné que todas las cosas le suceden a uno precisamente, precisamente ahora. Siglos de siglos y sólo en el presente ocurren los hechos; innumerables hombres en el aire, en la tierra y el mar, y todo lo que realmente me pasa me pasa a mí.... (Jorge Luis Borges)[4]

1.1. Dos textos à História

Devido à natureza textual narrativa, seja em prosa ou poesia, do manuscrito, esta dissertação busca através de um único objeto mapear o motivo, ou os motivos, que levaram a que estes textos fossem registrados neste manuscrito.

Pois como defende Michel de Certeau:

> "[O historiador] trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Empreende uma manipulação que, como as outras, obedece a regras. Manipulação semelhante é aquela feita com o mineral já refinado. Transformando inicialmente matérias-primas (uma informação primária) em produtos *standard* (informações secundários), ele os transporta de uma região da cultura (as "curiosidades", os arquivos, as coleções etc.) para outra (a história). Uma obra "histórica" participa do movimento através do qual uma sociedade modifica sua relação com a natureza, transformando o natural em utilitário (por exemplo, a floresta em exploração), ou em estético (por exemplo, a montanha em paisagem), ou fazendo uma instituição social passar de um estatuto para outro (por exemplo, a igreja convertida em museu).[5]

Esta dissertação buscará tornar este "artefato" que é ao mesmo tempo texto, - o manuscrito, em um portal de acesso a um pensamento específico da Inglaterra anglo-saxônica. Pois um manuscrito, assim como diversos outros objetos históricos é produto de uma acumulação de ideias, que transcendem à sua própria época. O Nowell Codex apresenta textos de origens diversas: greco-romana pagã e cristã, germânica e até mesmo do Antigo Testamento, de origem hebraica (e cristã).

---

[4] BORGES, Jorge. El jardín de senderos que se bifurcan. In: Ficciones. Sur Editorial: Buenos Aires, 1944.

[5] CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. [Tradução de Maria de Lourdes Menezes, original de 1975]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 (trad.). Pp.67-68.

1.2. Mentalidade ou mentalidades?

Outro ponto a ser destacado em vista do fato de que esta dissertação busca chegar além da simples demonstração das conexões entre a Inglaterra anglo-saxônica e o manuscrito, mas mapear ainda que tangencialmente um modo de pensar "anglo-saxônico", não se pode deixar de discutir alguns conceitos utilizados usualmente em estudos culturais históricos, especialmente estudos medievais no Brasil. Trata-se dos conceitos de mentalidade (ou mentalidades). De forma alguma pretende-se aqui tratar de todo o debate historiográfico acerca do tema da mentalidade ou das mentalidades. Porém, buscando apoio em Michela Vovelle acreditamos que utilizar mentalidade no singular tanto num período longo de tempo, quanto num tempo recortado, quanto num instante qualquer na história humana é diluir num esquema simplificador uma imensa diversidade de modos de pensar e agir humanos, que são muitas vezes paradoxais sincronicamente tanto em uma mesma formação social quanto nos indivíduos.

Sendo assim, nosso documento nos daria acesso a algumas mentalidades, e não a suposta "mentalidade anglo-saxônica do século XI", que seria apenas uma imensa construção que falsearia a possibilidade de alcançar qualquer vislumbre real do pensamento daquela época. Pois, se conseguir capturar algum sentido em voga nas mentes de seres humanos que viveram em uma época tão distante da atual, como a Idade Média ou a Inglaterra anglo-saxônica é uma tarefa difícil de ser alcançada, uma história que busque alcançar "a mentalidade" (no singular) deste período está muito mais próximo da impossibilidade. Devido ao fato evidente que quanto mais homogeneizante uma categoria acerca de qualquer formação social humana, mais artificial o mesmo será tanto quanto este conceito estiver longe daqueles utilizados pela sociedade estudada. Conforme proposto por Michel Vovelle:

> História das mentalidades: estudo das mediações e da relação dialética entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem. A esse nível, as contradições se diluem entre dois esquemas conceituais, cujos aspectos contrastamos: ideologia de uma parte, mentalidades de outra. O estudo das mentalidades, longe de ser um empreendimento mistificador, torna-se, no limite, um alargador essencial do campo de pesquisa. Não como um território estrangeiro, exótico, mas como o prolongamento natural e a ponta fina de toda história social. [6]

[6] VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987. Pp.24-25.

Então, pode-se afirmar que se há algum elemento ligado direta ou indiretamente ao campo de estudo da(s) mentalidade(s) nesta dissertação, trata-se na verdade de um dado cultural "mental" que está inserido em um conjunto muito maior e inescrutável das "mentalidades" de tal sociedade.

1.3. Imaginário

Esta dissertação tem como objetivo alcançar dados que não são factuais e sim características de como esta sociedade, ou ainda, parte da sociedade anglo-saxônica situa-se, "pensa-se", "imagina-se, não poderíamos igualmente nos furtar à outra questão recorrente do debate historiográfico, que é a questão do imaginário.

Porém, por muitas vezes o conceito de imaginário utilizado pelos historiadores brasileiros, com uma grande influência dos *Annales* franceses, utilizam, em parte, quando não de forma total, o imaginário tal qual formulado por Jacques Le Goff:

> (...) Mas nós sabemos cada vez melhor, com a psicanálise, com a sociologia, com a antropologia, com a reflexão sobre os meios de comunicação social, que a vida, quer do homem, quer das sociedades, está tão ligada à imagens como realidades mais palpáveis. Essas imagens não se restringem às que se configuram na produção iconográfica e artística: englobam também o universo das imagens mentais. E, se é verdade não haver pensamento sem imagem, tão-pouco deveremos deixar-nos afogar no oceano de um psiquismo sem limites. As imagens que interessam ao historiador são imagens colectivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e formam-se, modificam-se, transformam-se. Exprimem-se em palavras e em temas. São-nos legadas pelas tradições, passam de uma civilização a outra, circulam no mundo diacrônico das classes e das sociedades humanas. E pertencem também à história social sem que, no entanto, nela fiquem encerradas. (...) O imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenômeno coletivo, social e histórico. Uma história sem imaginário é uma história mutilada e descarnada.[7]

O maior exemplo é Hilário Franco Junior que, ainda que apresente muitos pontos de contato com algumas ideias de Jacques Le Goff, discorda em alguns pontos e apresenta uma nova proposta, aqui resumida:

> (...) Imaginário é um sistema de imagens que exerce função catártica e construtora de identidade coletiva ao aflorar e historicizar sentimentos profundos do substrato psicológico de longuíssima duração. Ou, ainda mais

[7] LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval [tradução Manuel Ruas, original de 1985]. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. P.16.

> sinteticamente, imaginário é um tradutor histórico e segmentado de intemporal e do universal. [8]

De forma alguma pretende-se aqui recusar ou refutar as imensas e densas obras de Le Goff e tão pouco as de Franco Junior. Porém, em virtude da natureza deste estudo e de outras balizas teóricas que serão apresentadas mais adiante, preferimos utilizar outro conceito de "imaginário".

Pois esta amplitude conceitual, outrora tão fértil para o desenvolvimento de novos estudos sobre fontes "artísticas", tal qual a literatura, pode tornar o trabalho do historiador vago e perigosamente criador de categorias que homogeneízam uma época histórica em nome de um conceito artificial e anacrônico. Tal qual alerta Michel de Certeau, o império dos conceitos fechados já não cabe, ou não deveria mais caber na historiografia:

> Com efeito, é preciso constatar um fenômeno estranho na historiografia contemporânea. O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais ao paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista, se transforma num vagabundo. Numa sociedade devota à generalização, dotada de poderosos meios centralizados, ele se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. "Faz um desvio" para a feitiçaria, a loucura, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia etc., todas elas zonas silenciosas. (...) A prioridade que a prática dá uma tática de desvio, com relação à base fornecida pelos modelos, parece contradita pelo fechamento do livro ou do artigo. Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim, e esta estrutura de parada chega até a introdução, já organizada pelo dever de terminar. Também o conjunto se apresenta como uma arquitetura estável de elementos, de regras e de conceitos históricos que constituem sistema entre si e cuja coerência vem de uma unidade designada pelo próprio nome do autor.[9]

Se em algum momento estamos lidando com algo semelhante a este "imaginário" de Le Goff e da História das Mentalidades, não é de forma alguma para buscar as permanências, ou homogeneizar longos períodos históricos sob a égide de um conceito único para determinada forma de pensar. Ainda que, de certa forma Le Goff entenda o imaginário como algo móvel, que se esta em transformação pérpetua, a ênfase de sua conceituação recai sobre as "permanências". Por isso, nesta dissertação, o

---

[8] FRANCO JUNIOR, Hilário. Os três Dedos de Adão: Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Edusp:, 2010. P. 70.

[9] CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Pp.78-90.

imaginário social como algo tendencialmente movediço, enfatizando o imaginário como criação incessante, conforme Cornelius Castoriadis:

> Aqueles que falam de "imaginário" compreendendo com isso o ''especular'', o reflexo ou o "fictício", apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de "alguma coisa". Aquilo que denominamos "realidade" e "racionalidade" são seus produtos. [10]

Sendo assim, o "imaginário" no singular torna-se também um conceito totalitário que pode cercear o alcance da pesquisa histórica ao criar categorias pré-determinadas para se lidar com a fonte. Além da ênfase no imaginário como criação incessante, destacamos aqui, de nossa o imaginário, tal qual formulado por Castoriadis, como algo plural. O mais correto seria utilizar o termo no plural, portanto, *imaginários*.

1.4. Micro-história?

Esta dissertação, ao se propor a responder uma pergunta - Qual é o critério utilizado para que estes textos fossem unidos em um único documento, um manuscrito? - guarda pontos de contato ao que convencionalmente se conhece como micro-história. Não se poderia discutir micro-história sem citar Carlo Ginzburg:

> A análise micro-histórica é, portanto, bifronte. Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula. O modelo implícito é o da relação entre *langue* e *parole* formulado por Saussure. As estruturas que regulam as relações sociais são, como as da langue, inconsciente. Entre a forma e a substância há um hiato, que compete à ciência preencher. (...) Por isso propomos definir a micro-história, e a história em geral, ciência do vivido: uma definição que procura compreender as razões tanto dos adeptos como dos adversários da integração da história nas ciências sociais – e assim irá desagradar a ambos. [11]

---

[10] CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade [original 1975]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 13.

[11] GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. [Original 1989, tradução de Antonio Narino] Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. Pp. 09-10.

Sendo o foco a categoria do “vivido”, tal qual nomeada por Ginzburg, não se pretende se buscar uma grande regra, aplicável aos anglo-saxões em todo tempo e espaço, de como estes enxergavam os textos reunidos no Nowell Codex. Então, mais do que simplesmente entender toda a trajetória dos textos desde sua origem até as versões presentes no manuscrito - tarefa impossível até o momento, principalmente no caso do poema Beowulf - buscamos entender *como* aqueles ou aqueles responsáveis pela confecção do manuscrito escolheram estes textos. Entretanto, somar à pesquisa as origens possíveis de serem alcançadas dos textos, ainda que não se possa alcançar com precisão todas as suas trajetórias até estas versões em inglês antigo, é importante para se entender como foram selecionadas estabelecer-se pontes de significados entre os textos. Sendo assim, justifica-se a existência do capitulo 02, sobre as origens dos textos.

Capítulo 2 - Origens dos textos

> No es exagerado afirmar que la cultura clásica de Tlön comprende una sola disciplina: la psicología. Las otras están subordinadas a ella. He dicho que los hombres de ese planeta conciben el universo como una serie de procesos mentales, que no se desenvuelven en el espacio sino de modo sucesivo en el tiempo. (Jorge Luis Borges) [12]

2.1. Gêneros, paganismo e cristianismo

Os textos do Nowell Codex são de origens diversas em formatos e gêneros diversos. Diversos compêndios e enciclopédias sobre a literatura anglo-saxônica o fazem apenas para realçar a diferenciação em gêneros "literários":

A	Textos em prosa	Vida de São Cristóvão, Maravilhas do Oriente, Carta de Alexandre para Aristóteles.
B	Textos em poesia	Beowulf, Judite.

Ou pelo tema religioso (cristão) ou laico:

A	Textos "religiosos"	Vida de São Cristóvão, Judite.
B	Textos "profanos" ou "laicos"	Maravilhas do Oriente, Carta de Alexandre para Aristóteles, Beowulf.

Porém, além de todo o debate sobre gênero literário, citando Todorov: "*os gêneros literários, com efeito, nada são além de tal escolha entre os possíveis do*

[12] BORGES, Jorge. Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. In: Ficciones. Buenos Aires: Sur Editorial, 1944.

discurso, tornado convencional por uma sociedade."[13] Os gêneros "literários" não eram desconhecidos dos medievais em geral, pois conheciam ainda que indiretamente os textos clássicos gregos sobre o assunto. Porém, a própria noção de "literatura" é algo bem recente:

> É preciso começar pondo em dúvida a legitimidade da noção de literatura: não é porque a palavra existe, ou porque ela se encontra na base de uma instituição universitária que a coisa é evidente. (...) Nas línguas europeias, a palavra "literatura, no sentido atual, é bem recente: data apenas do século XIX." [14]

Seria anacronismo utilizar-se da ideia de gênero literário como pedra fundamental no estudo dos textos do manuscrito como um conjunto. Pois caso o gênero fosse um critério fundamental para os produtores do Manuscrito, poder-se-ia argumentar que o manuscrito não passa de uma miscelânea de obras escolhidas ao acaso ou conforme o espaço disponível no pergaminho. Teoria que não se sustenta como veremos adiante.

A diferenciação ou classificação entre textos pagão e cristão é tão problemática quanto esta questão apresentada anteriormente. Em primeiro lugar, deve-se tomar cuidado com o anacronismo. Os próprios conceitos do que seria pagão ou cristão muda conforme o tempo, espaço, grupo ou extrato social e etc. Muitos estudos usam a famosa frase de Alcuíno, por exemplo, ao advertir aos monges britânicos contra a disseminação das "lendas" e superstições pagãs:

> Deixe a palavra de Deus ser lida na mesa de jantar episcopal. Não é apropriado para um leitor para ser ouvido, e não um harpista: sermões dos padres, nem as canções dos pagãos. O que Hinieldus [Ingeld] tem em comum com Cristo? A casa é estreita: não é possível manter ambos nela. O Rei Celestial não haverá de comungar com os chamados reis que são pagãos e

---

[13] TODOROV, Tzvetan. Os gêneros do discurso [Trad. LEITE, A. M.]. Lisboa: Edições 70, 1981. p. 21.

[14] Idem, p.11.

condenados. Para aquele, regras do Rei no céu, enquanto o outro, um pagão, é condenado a lamentos no inferno. [15]

Porém, parece-nos que diante da escassez de outros escritos de mesmo teor neste período, esta posição expressa muito mais uma visão de uma ortodoxia de Alcuíno, que está inserido num contexto de delimitação do cristianismo no continente, oriundo de um pensamento que visava à centralidade da monarquia carolíngia neste processo. Sua resposta ao questionamento do bispo parece muito mais expressar a visão de alguém que está muito distante do cotidiano anglo-saxão, e denuncia que estas lendas "pagãs" eram apreciadas e divulgadas pelos próprios eclesiásticos. Outro ponto a se destacar é que esta nomenclatura de "pagão" é sempre uma visão externa, pois os nomeados como "pagãos" provavelmente não se nomeavam a si próprios com este termo. [16] Além disso, é questionável utilizar uma frase como parâmetro de pensamento acerca do que é paganismo e do que é verdadeiramente cristão em toda Inglaterra anglo-saxônica e para um período de tempo mais longo do que 600 anos (aproximadamente 410-1060), admitindo-se a ideia, defendida por diversos estudiosos, de que as raízes do poema Beowulf estivessem presentes com os primeiros germânicos que se estabeleceram nas ilhas britânicas ao fim da Britânia romana.[17]

Ainda que as convenções evidentes de gênero literário (poesia ou prosa) e "religiosa" (pagão ou cristão) não possam ser negadas ou deixadas de lado ao lidarmos com os documentos, não serão elas balizas para o nosso estudo. Pois, como

---

[15] Verba Dei legantur in sacerdotali convivio. Ibi decet lectorem audiri, non citharistam: sermones patrum, non carmina gentilium. Quid Hinieldus cum Christo? Angusta est domus: utrosque tenere non poterit. Non vult rex elestis cum paganis et perditis nominetenus regibus communionem habere; quia rex ille aeternus regnat in caelis, ille paganus perditus plangit in inferno. ALCUÍNO DE YORK In: DÜMMLER, E., ed. (1895). "ALCUINUS, Epistolæ". Monumenta Germaniæ Historica, Epistolæ IV. Berlin, 183. Utilizamos como base para a tradução do latim ao português a tradução para o inglês de BULLOUGH, Donald A. *What has Ingeld to do with Lindisfarne* In: Anglo-Saxon England, 22, (1993). pp 93-125. doi:10.1017/S0263675100004336., 124.

[16] BENSON, L. D. '*The Pagan Coloring of Beowulf*'. In: BAKER, P. S (ed.). The Beowulf Reader. New York: Routledge, 2000. Pp. 281-302.

[17] Como veremos detalhadamente neste mesmo capítulo, na sessão sobre as possíveis origens orais do poema Beowulf.

detalharemos no capítulo 3, além das razões acima apresentadas, não parecem ser categorias primordiais utilizadas dentre as possíveis lógicas de escolha de união dos textos para a escrita do manuscrito. A diferenciação em gêneros textuais parece ser somente a explicação para o ordenamento dos textos, pois os textos em prosa estão reunidos no início do manuscrito e os escritos em poesia são os dois últimos (Beowulf e Judite). [18]

Longe de querer esgotar o tema das origens dos textos, ou apresentar todos os estudos que já buscaram explicar suas origens – tarefa impossível, especialmente com relação ao poema Beowulf – buscaremos apresentar muito mais um panorama sobre o debate acerca das origens dos textos do *Nowell Codex*.

[18] SCRAGG, Donald. Beowulf Manuscript. In: LAPIDGE, Michael.; BLAIR, John.; KEYNES, Simon. and SCRAGG, Donald (ed.), - The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England. Oxford: Blackwell, 1999. Pp. 303-304.

2.1.A vida de São Cristóvão

O primeiro texto em inglês antigo presente no MS Cotton Vitellius A.vv, chamado de "*The Life of Saint Christopher*" ("*A vida de São Cristóvão*" – ou "*A paixão de São Cristóvão*") está escrito em prosa. [19]

A vida de São Cristóvão presente no manuscrito aqui evidenciado é uma tradução de um texto de origem latina, que por sua vez tem origem em um texto original em grego. A passagem do texto de sua origem grega ao latim mudou muito ao longo dos séculos. Ainda que haja variações sobre a história de São Cristóvão nas diversas fontes ao longo de toda a Idade Média que contam sua "legenda" [20] , um dos pontos constantes ao longo do tempo, comum a diversos santos do início do Cristianismo, é o fato de que ele é um dos santos mártires:

> Há dois tipos de mártires: um em paixão aberta, outro em virtude oculta do espírito. Muitos tolerararam as insídias dos inimigos e resistiram a todos os desejos carnais, tornaram-se mártires até mesmo em tempos de paz, porque sacrificaram-se a si mesmos em seus corações para o Deus onipotente, e caso tenham sido mártires em tempos de perseguição, eles puderam ser mártires de fato. [21]

O seu nome Cristóvão, do grego "Χριστόφορος" (Cristóphorus) significa "aquele que carrega Cristo". Seu martírio teria ocorrido no 4º ano do reinado do imperador Décio. Porém, o imperador Décio só governou durante pouco mais de dois anos. Então sua execução poderia haver ocorrido mesmo durante o governo do imperador Décio de 249 a 251 ("*Decius*" em latim). Ou durante o reinado do imperador Maximino II, de 308 a 313 ("*Maximinus Daia)*. Ambos os imperadores foram pagãos perseguidores de cristãos. Os nomes de ambos ("*Decius*" e "*Daia*" no original em latim) teriam dado origem ao nome "Daza", que voltou à tradução latina posterior como

---

[19] AMODIO, C. Mark. The Anglo-Saxon Literature Handbook. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing, 2014. P. 99- 104.

[20] FARMER, David Hugh. *The Oxford Dictionary of Saints*. Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 104.

[21] Duo sunt autem martyrii genera, unum in aperta passione, alterum in occulta animi virtute. Nam multi hostis insidias tolerantes, et cunctis carnalibus desideriis resistentes per hoc, quod se omnipotenti Deo in corde mactaverunt, etiam pacis tempore martyres facti sunt, qui etiam si persecutionis tempus existeret, martyres esse potuerunt. ISIDORO DE SEVILHA, Etymologiae, Liber VII, 11 De martyribus

“Dagnus”. E em nossa versão em OE do Nowell Codex, o “rei” persa pagão que inflige os martírios a Cristóvão é nomeado como *Dagnus*. [22]

O nome de nascimento de São Cristóvão seria *Reprobus* ou *Reprebus*, que em latim significa “rejeitado”, “perverso”, “espúrio, “ilegítimo”, ele era um “estrangeiro” e desconhecia a língua grega, pois era de origem norte africana - *Marmaritae*. Algumas vezes descrito como possuidor de uma grande estatura. Ele seria da região daqueles que possuem “ cabeça de cão.” Fato este que explicaria a ocorrência da menção a São Cristóvão como um cinocéfalo tanto nas imagens (especialmente bizantinas posteriores) quanto nos textos . Então, Reprobus teria sido obrigado a unir-se ao exército romano (*Numerus Marmitarum*) onde condoeu-se ao ver a perseguição aos cristãos. E em resposta às suas preces, uma figura brilhante tocou seus lábios tornando-o capaz de entender e falar a língua grega. Reprobus foi até a prisão da cidade onde os cristãos estavam sendo torturados e praguejou contra os seus algozes. Os seguidores de Reprobus aumentaram, fazendo com que sua conduta chegasse aos ouvidos de Dagnus (Décio ou Daza). Os soldados enviados pelo Rei (ou imperador) foram convertidos aos Cristianismo com a ajuda do anjo Rafael. Reprobus teria sido batizado pelo bispo Babylas de Antioquia e nomeado agora de Cristovão (Christoforus). Depois do batismo, Cristóvão insistiu para que os soldados o amarrassem e levassem para Dagnus. Recusou-se a sacrificar-se aos deuses pagãos e foi torturado. Para finalizar seu martírio, Dagnus ordenou que ele fosse decapitado. O Bispo de Attalia então, pagou para que pudesse levar o corpo do mártir para sua cidade.

Segundo David Woods[23], há uma série de enganos de tradução e fatos incorretos segundo a cronologia, como o ano de seu martírio e morte, o fato de que um “imperador” pessoalmente ordenar o martírio do santo em Antioquia, e diversos outros personagens aos quais não há registro histórico algum, como o bispo de Atallia. O único

[22] MACKAY, C.S. Lactantius and the Succession to Diocletian. In: Classical Philology 94 (1999), Pp. 198-209. Chicago: Boook Review Editor, p. 207. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/i211983. Acessado em 12 fev.2014.

[23] WOODS, David. St. *Christopher, Bishop Peter of Attalia, and the Cohors Marmaritarum: A Fresh Examination*. In: Vigiliae Christianae, Vol. 48, No. 2 (Jun., 1994), pp. 170-186. Published by: BRILL Disponível em : http://www.jstor.org/stable/1583965 . Acessado em 01 fev.2014.

fato que há de concreto com os registros é o fato de que os *marmaritae* seriam um povo do norte da África oriundo de uma região entre o oeste do Egito e o leste da Cirenaica. Segundo Heródoto este seria o local habitado por cinocéfalos:

> Nesse país (região oriental da Líbia) há gigantescas cobras, leões, elefantes, ursos, víboras, asnos chifrudos, homens com cabeças de cão e homens sem cabeça que possuem seus olhos no peito, como os líbios dizem, e homens e mulheres selvagens além de muitas outras criaturas não-fabulosas. [24]

Sendo assim, o relato sobre São Cristóvão incorpora em algum momento esta ideia de que o mesmo seria um cinocéfalo. Do homem de grande estatura, estrangeiro, posteriormente incorpora-se às narrativas sobre Cristóvão a imagem de que o mesmo seria um cinocéfalo. E o nome dado a Reprobus após o batismo Christóforus, "aquele que carrega Cristo (em sua alma)", é tornado em narrativa, ao colocá-lo como um gigante que carregou Cristo realmente em seus ombros de um lado a outro de um rio, provando sua fé.

Há três versões em inglês antigo da *Passio S. Chistophori*. Uma delas está presente no Nowell Codex. Porém, devido ao fogo ela encontra-se incompleta. A outra versão, que estava presente no manuscrito *Cotton Otho B.x*, foi totalmente destruída no mesmo incêndio de 1776, na Ashburnham House, no qual o Cotton Vitellius A.Xv foi salvo[25]. A outra versão em Old English da Vida de São Cristóvão encontra-se no Old

---

[24] Hdt. 4.191.4 (livro 4, capítulo 19)1. "καὶ γὰρ οἱ ὄφιες οἱ ὑπερμεγάθεες καὶ οἱ λέοντες κατὰ τούτους εἰσὶ καὶ οἱ ἐλέφαντές τε καὶ ἄρκτοι καὶ ἀσπίδες τε καὶ ὄνοι οἱ τὰ κέρεα ἔχοντες καὶ οἱ κυνοκέφαλοι καὶ οἱ ἀκέφαλοι οἱ ἐν τοῖσι στήθεσι τοὺς ὀφθαλμοὺς ἔχοντες, ὡς δὴ λέγονταί γε ὑπὸ Λιβύων, καὶ οἱ ἄγριοι ἄνδρες καὶ γυναῖκες ἄγριαι, καὶ ἄλλα πλήθεϊ πολλὰ θηρία ἀκατάψευστα." "In that country are the huge snakes and the lions, and the elephants and bears and asps, the horned asses, the dog-headed and the headless men that have their eyes in their chests, as the Libyans say, and the wild men and women, besides many other creatures not fabulous." Tradução para o inglês por GODLEY, A. D. Cambridge. Harvard University Press. 1920. A tradução do inglês ao português é nossa.

[25] RYPINS - The Old English Life of St. Christopher. In: *Modern Language Notes, Vol. 35, No. 3 (Mar., 1920)*, pp. 186-187. The Johns Hopkins University Press. Disponível em : http://www.jstor.org/stable/2915511. Acessado em 01 fev. 2014.

English Martyrology[26], manuscrito tardio Anglo-saxão. Ambas as versões, tanto a do *Cotton Otho B.x*, quanto a do Old English Martyrology, apresentam grandes semelhanças com a presente no *Cotton Vitellius A.xv*. por exemplo, as duas apresentam Reprobus como vindo do país dos homens com cabeça de cão em seu primeiro parágrafo[27]. Informação esta que podemos inferir que estava presente na versão do *Nowell Codex*, mas foi perdida no incêndio.

Ainda que haja algumas incertezas quanto ao caminho feito por este texto, desde suas origens Greco-latinas até chegarmos às versões em Old English, não há duvidas de que a versão em Old English advém da versão latina do texto, pois manteve algumas destas características incluídas na história posteriormente, como São Cristóvão ser proveniente do país dos cinocéfalos "de onde o povo tem cabeça de cães e da terra onde um homem come ao outro."[28]

Porém, uma diferença é notável entre a versão latina e a aqui estudada: a versão em inglês antigo coloca Dagnus e Cristóvão em um nível muito mais "individual", explorando a dicotomia entre o cristianismo de [29]

A versão presente no Nowell Codex não contém o início da narrativa. O fragmento presente no manuscrito inicia-se no meio de uma frase onde Cristóvão está

---

[26] ORCHARD, Andy. *Old English Martyrology*. In: LAPIDGE, Michael.; BLAIR, John; KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald (ed.) The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England. Oxford: Blackwell, 1999. Pp. 303-304.

[27] Apesar de ter sido perdida para sempre, temos acesso a uma transcrição feita do primeiro parágrafo da Paixão de São Cristóvão feita antes do incêndio. Cf. PULSIANO, Phillip, 'The Passion of Saint Christopher'. IN: Early Medieval English Texts and Interpretations: Studies Presented to Donald G. Scragg, ed. Elaine Treharne and Susan Rosser, Medieval and Renaissance Texts and Studies 252. Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2002), pp. 167–99.

[28] HERZFELD, George, ed. An Old English Martyrology. Woodbridge: Boydell and Brewer, 1997. Originally published for the Early English Text Society, Vol. 116 (n.p.: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1900). P.110.

[29] "of þære þeode þær men habbað hunda heafod and of þære eorðan on þære æton men hi selfe". Tradução nossa. ORCHARD, Andy. Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript. Toronto: University of Toronto Press, 1995. p. 18.

reafirmando sua fé em Cristo contra a falta de fé e sabedoria de Dagnus, enquanto é martirizado pelo rei pagão.

2.2.As Maravilhas do Oriente

"*The Wonders of the East*" ou "The Marvels of the East"é uma tradução ao Old English de um texto latino conhecido como "*De rebus in oriente mirabilibus*". Este texto, que ganhou este título latino nos tempos modernos é proveniente de uma tradução grega ao latim de um original, escrito provavelmente antes de 636. Tal datação explica-se pelo fato de que o texto original é apontado como uma das fontes para as *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, pois muitas vezes encontramos os nomes em latim ao lado de sua tradução em inglês antigo.

No texto em Old English são descritas cerca de 32 maravilhas, acompanhadas por 35[30] ilustrações. Este não é o único texto, há uma cópia do mesmo texto em inglês antigo em outro manuscrito, no *Cotton Tiberius B.v*, uma miscelânea de escritos geográficos, também presente na British Library. As imagens e textos da versão presente no *Nowell Codex* são apontadas como mais "simplificadas" do que no *Cotton Tiberius B.v*, fato que demonstraria origens diferentes das duas versões.

Além disso, a versão do Nowell Codex apresenta muitas vezes uma tendência a diminuir as letras para fazê-las caber na página, tal qual se faz numa cópia. E ambas as versões anglo-saxãs mudam as posições de algumas das maravilhas, buscando criar uma dicotomia amplificada entre o mundo dos homens e dos "monstros" tal qual notado por Andy Orchard. [31]

---

[30] Vide Anexo A – Ficha Catalográfica.

[31] ORCHARD, Andy. Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript. Toronto: University of Toronto Press, 1995. p. 27.

As maravilhas listadas na versão do texto presente no Nowell Codex são as seguintes:

1. Terra da Antimolima; ilha das ovelhas, próxima à Babilônia.

2. Terra dos mercadores; carneiros tão grandes quanto bois próximo à cidade dos Medos; monumentos erigidos por Alexandre, o Grande.

3. *Lentibelsinea* (Mar Vermelho), onde há galinhas vermelhas que se tocadas queimam.

4. Animais que fogem ao ouvir a voz humana, com oito pés, duas cabeças, olhos ferozes e que o toque queima.

5. *Hascellentia*, país no caminho para a Babilônia; cobras de duas cabeças com olhos brilhantes.

6. Asnos com chifres grandes como os de bois; cobras (corsiae) com chifres grandes como de carneiros cujo toque queima e que cultivam e estocam pimenta.

7. Os chamados *Copenae*, homens com crina de cavalo, cabeças de cão (cinocéfalos) e respiração como uma chama ardente, ao sul do Egito.

8. Pessoal altas (6 pés de altura), chamadas de Homodubii, com longos cabelos e barbas, que comem peixe cru.

9. Rio *Capi*, no lugar chamado *Gorgoneus (Valkkyerano*), onde há formigas tão grandes quanto cães, que mineram e guardam ouro.

10. Entre os rios Nilo e *Brixontes*, colônia de *Locotheo*, onde há manadas de elefantes.

11. Pessoas com o corpo branco, 15 pés de altura, dois rostos em uma só cabeça, pés e joelhos vermelhos, longos narizes e cabelo preto. Eles viajam até a Índia para reproduzir-se.

12. Região na Gália, chamada *Ciconia* onde seus habitantes possuem jubas como leões e, possuem 20 pés de altura. Tem bocas grandes como uma asa. Fogem ao ouvir a voz humana e suam sangue. Pensam que são humanos.

13. Passando o rio Brixontes, a leste, canibais de cor negra com membros inferiores de vinte pés, flancos com peitos de 7 pés de tamanho. São chamados Hostes (Inimigos).

14. Ilha ao sul do rio *Brixontes* onde há os *Lertices:* que tem orelhas de asno, pelo de carneiro e pés de pássaro.

15. Pessoas sem cabeças, com olhos e bocas no peito, com 8 pés de altura e 8 pés de largura.

16. Propagação de dragões, medindo 150 pés e espessos como largas colunas. Ninguém consegue viajar pela região devido ao grande numero de dragões;

17. Lado sul do Oceano com uma distância precisa. Os *Homodubii*, que significa "talvez pessoas". Parecem humanos até o umbigo, e o resto do corpo similar a um asno. Têm pernas longas como de pássaros e voz agradável. Ao ouvirem a voz humana fogem.

18. Mais povos "bárbaros", com línguas bárbaras, sujeitas a seus reis. Lagos do sol e da Lua.

19. Maravilhosas árvores, como oliveira e loureiro.

20. Ilha do Mar Vermelho, chamada de *Donestre*. Habitantes poliglotas que são louva-deus até o umbigo e humanos da cintura para baixo. Atraem estrangeiros para a morte, comem eles, deixando a cabeça. Depois choram pela cabeça decepada.

21. Para o leste. Pessoas com 15 pés de altura e 10 de largura. Grande cabeças com orelhas como asas. Deitam-se sobre uma orelha e cobrem-se com a outra à noite, corpos brancos como o leite. Fogem ao verem pessoas, voam utilizando suas orelhas como asas;

22. Ilha onde as pessoas têm os olhos brilhantes como lâmpadas acesas em uma noite escura.

23. Ilha. Prédio feito no tempo do rei *Bellus*. Templo de *Jove* feito de aço. Em direção ao sol nascente templo sagrado onde vive um respeitoso e virtuoso padre. Ele mantém o tabernáculo com um selo "*Quietus*" do mais sereno bispo, que se alimenta só de ostras.

24.vinha de ouro, na direção do sol nascente. Com uvas da qual se produzem joias.

25. Reino na região da Babilônia, onde há maior (mais alta e ampla) das montanhas, entre os medos e a Armênia. Seus habitantes controlam o Mar Vermelho. Produzem joias.

26. Caçadoras barbadas que usam tigres, leões e linces como cães de caça.

27. Mulheres com presas de javalis, cabelos até as canelas, caudas de bois, 13 pés de altura, corpo branco como mármore, pés de camelo e dentes de asno. Foram abatidas por Alexandre, o Grande, pois não conseguiu capturá-las vivas, eram obscenas e desgraçadas de corpo.

28. *Catini*, animais de aparência nobre. Pessoas que vivem de carne crua e mel.

29. Reis hospitaleiros que subjugaram tiranos.

30. Povo generoso, que oferecem mulheres aos estrangeiros. Alexandre espanta-se com a humanidade deles não os matou;

31. Árvores que produzem pedras preciosas;

32. O povo chamado *Sigel-wara* (etíopes) de cor preta;

No Cotton Tiberius B.v, o texto das Maravilhas do Oriente apresenta cinco maravilhas a mais do que a versão do Nowell Codex, a saber:

33. A terra dos vinhedos, o divã de marfim de 306 pés;

34. A montanha *Adamans*, o grifo de 4 pés com cauda de vaca e cabeça de águia;

35. A fênix com crista de pavão e seu ninho de canela que vive mil anos, autoimolação e ressurreição;

36. As montanhas de fogo e seus habitantes negros;

37. O relato apócrifo sobre *Iamnes* e *Mambres*.[32]

Cabe ressaltar que este é o único texto do manuscrito que apresenta imagens. E é evidente a conexão deste texto com o próximo, A carta de Alexandre para Aristóteles, pois, apresenta Alexandre duas vezes (nas maravilhas nº 02 e 27) e ambos têm o mesmo tema, narrar tal qual uma descrição "geográfica" os prodígios do Oriente.

E assim como veremos na Carta de Alexandre para Aristóteles, a versão em Old English com certeza advém de uma versão latina do original grego, confirmado pelo uso de palavras latinas "intraduzíveis" no texto do Nowell Codex.

[32] Idem. p. 29.

2.3. A Carta de Alexandre para Aristóteles

Outro documento de origem grega, cuja a versão em latim serviu como base para esta versão em inglês antigo é a "Carta de Alexandre para Aristóteles". A versão original em grego se perdeu, mas há diversas outras versões mais tardias, inclusive gregas (bizantinas) medievais do mesmo texto. [33]

A única versão em inglês antigo da Carta existente é esta versão do Nowell Codex. Há 67 manuscritos com versões conhecidas do texto em latim na Europa, e mais 5 manuscritos nos Estados Unidos, datados entre o século IX ao século XV. Juntamente com outros documentos que farão parte das "fábulas" sobre Alexandre, o Grande, que alimentarão uma imensa produção medieval sobre o conquistador grego, tanto em latim, quanto em línguas vernáculas. [34]

Em todas as versões há alguns elementos comuns. A Carta se faz parecer escrita pelo próprio Alexandre ao seu velho tutor, o filósofo Aristóteles. Após uma breve introdução, e da narrativa da conquista de Porus (Punjab, provavelmente) por Alexandre, a Carta torna-se tanto em estrutura quanto conteúdo muito semelhante ao texto anterior do manuscrito, as Maravilhas do Oriente, ao enumerar as "maravilhas" da Índia, e situá-las geograficamente. A trajetória e as "maravilhas" as quais Alexandre encontra são as seguintes:

1. O exército de Porus: incontável infantaria, 16.000 homens e 8.000 cavaleiros, todos equipados. Elefantes usados como montaria de arqueiros, torres e plataformas de combate.

2. O palácio de Porus com imensas colunas de ouro. Paredes, assoalho de ouro; uma videira dourada que produz cristais, esmeraldas e outras joias como frutos. Paredes decoradas com pedras preciosas e carbúnculos (rubi). Por fora de marfim e postes de

[33] CARY, George. The Medieval Alexander. Cambridge: Cambridge University Press, 1956. Pp.14-16.

[34]STONEMAN, Richard. *Primary Sources from the Classical and Early Medieval Period*. In: ZUWIYYA, David Z. A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages. Leiden: Brill, 2011. P. 14.

cipreste e loureiro, colunas de ouro. Ouro acumulado por fora e por dentro, joias, cálices de cristal, jarros de ouro. Não há prata visível.

3. Região interior da Índia, chamada *Caspia*. Mais fértil dos solos. Vários tipos de cobras nos buracos das rochas. Alexandre procura *Porus*.

4. Região das areias escaldantes e sem água. Alexandre deseja dirigir-se à região da *Patricen*, onde se fabricam as mais finas roupas. Porém, é levado à terra das cobras e outros animais ferozes.

5. Alexandre ordena que as armas de seu exército fossem embelezadas com lâminas de ouro.

6. Sede. *Severus* acha uma fonte d'água entre as rochas. Próximo a um rio encontram diversas espécies de árvores: junco,pinho, abeto prateado gigantes;

7. Acampam, água do rio acre e amarga. Alexandre preocupa-se com seus animais sem água: cavalos, elefantes, asnos, bois, camelos trazendo o ouro.

8. Alexandre ordena que se matem os homens sem armas.

9. Cidade dos indianos que se escondem. Monstros grandes como elefantes saem do rio e matam alguns soldados de Alexandre. Alexandre manda que 150 homens dos guias sejam jogados no rio por levarem-no àquela emboscada.

10. Pessoas a margem do rio indicam caminho para a água potável. Mas, no caminho à noite enfrentam leões, ursos, tigres, panteras e lobos. Chegam ao Lago. Manda cortar o bosque em volta do lago e usar a madeira para fazer fogo durante a noite.

11. Todos se alimentam e após o surgimento da lua, escorpiões aparecem através da água do lago. Depois cobras com chifres, chamadas de *Cerastes*. São cobras de duas cabeças largas como colunas, com hálito de fogo, venenoso e mortal. Mata 30 homens e 20 comandantes.

12. À noite ataque de leões brancos do tamanho de touros. Javalis de tamanho imenso e outros animais selvagens como tigres. Morcegos do tamanho de pombos atacando e lacerando os homens, com seus dentes como de humanos.

13. Atacados por um vapor branco venenoso. Ratos indianos do tamanho de raposas. Antes do amanhecer, corvos da noite, como falcões, matam os peixes do lago.

14. Alexandre ordena que se quebrem os fêmures dos guias e deixem-nos naquele local para serem consumidos pelos animais daninhos. Ordenou ainda que suas mãos fossem cortadas.

15. Caminhos difíceis, sem trilhas e enfrentam um grande exercito de indianos e nativos que falavam línguas sem sentido. Chegam à província da *Patriacen* (Pártia) e depois vão para as fronteiras com os medo e persas onde batalham novamente nos campos.

16. Alexandre se disfarça de encarregado de si próprio e vai ter com o rei Porus, no acampamento inimigo. Diz que Alexandre é velho e decrépito. *Porus* entrega ao falso encarregado uma carta para entregar a Alexandre. Presunção arrogante dos falantes destas linguagens inarticuladas.

17. Porus rende-se a Alexandre. Dá ouro a ele e seu exército. Mostra duas estátuas de ouro erigidas no nos limites mais orientais do mundo, dos deuses *Hércules* e *Liber*. Comprovadamente de puro ouro. Alexandre ordena sacrifícios aos dois deuses.

18. Como diz o próprio texto: "Queríamos ver e explorar mais coisas maravilhosas. Planícies incultivadas e florestas e montanhas próximo ao mar, inalcançáveis por causa de animais selvagens e daninhos. Eu pretendia testar se eu poderia circular toda a terra que o oceano cerca. Mas os nativos me disseram o oceano era tão escuro que ninguém poderia navegá-lo de navio."

19. Região ressecada e pantanosa, com canas (bengala) e juncos. Animal com o dorso dentado. Cabeça redonda com a lua, peito como a serpente do mar, com dentes largos. O animal mata dois comandantes. Armas comuns (lanças) não podem ferí-lo, mas com martelos e marretas conseguiram matá-lo.

20. Rio *Biswicmon*. Elefantes e um exército de outras bestas da floresta. Fogem dos suínos.

21. Grande planície. Homens e mulheres peludos como animais, de 9 pés de altura, nus, os *ictifafonas* (peixe-faunos), comedores de baleia, escondem-se. *Cinocéfalos* tentam atacá-los e fogem.

22. Região da *Fasiacen.* Um forte vento leva as tendas e gado. Alexandre ordena que tudo seja armazenado junto. Frio intenso, vento, neve. Neve desbastada pelo fogo, porém causa incêndio.

23. Enterra 500 comandantes. Acamparam perto do mar, onde podem ver o oceano da Etiópia (monte *Enesii* e caverna do deus *Liber*). Alexandre ordena que se lancem na caverna os condenados.

24. Dois velhos indicam outra maravilha a Alexandre. Duas árvores do sol e da lua que falam em hindu e grego. Uma é macho (do sol) e outra fêmea (da lua). Alexandre não acredita, mas seus companheiros desejam ver esta maravilha. Regiões pobres em água e cheias de animais selvagens e daninhos.

25. Homens e mulheres vestidos de couros de pantera e pelos de tigres, indianos. Bálsamos e incensos que escorrem dos galhos das árvores.

26. Bispo de 10 pés de altura todo negro, com exceção dos dentes. Orelhas perfuradas e brincos de pedras preciosas, e roupas de peles de animais. Imaculados com intimidades com mulheres poderiam entrar no bosque divino. Deveriam tirar seus sapatos e roupas. Só na hora do por do sol as árvores falavam.

27. Bálsamos e fragrâncias das arvores próximas ás da lua e do sol, *bebronas*, de 100 pés de altura. Lá não chovia, não havia pássaro, besta, animal venenoso. Bispo conta que durante eclipse arvores choravam com receio de perder seus poderes divinos. O bispo não permite sacrificar animais para as árvores. Manda fazerem perguntas sem proferir palavras.

28. Alexandre pensa em seu coração se ele seria rei de todo o mundo e se voltaria para casa. A árvore responde que ele seria rei de todo o mundo, mas não

voltaria para casa jamais, em língua indiana, traduzida pelo bispo. Alexandre mantém com eles seus três companheiros mais leais: *Perticas, Clitomu* e *Pilotas*.

29. Pergunta em seu coração onde ele, Alexandre irá morrer. A árvore conta que ele morrerá no mesmo anos no mês de maio. Os companheiros tentam animar Alexandre. Ele partilha a refeição com todos os outros companheiros e vai dormir cedo.

30. De manhã o bispo, que tem 3 séculos de idade, dorme, assim como todos não em camas ou travesseiros, mas sobre peles de animais - e demora-se a levantar.

31. Alexandre pergunta à árvore: através da mão de qual homem seu fim virá e qual dia final minha mãe e irmãs devem esperar. A árvore diz que não vai revelar a conspiração contra ele, mas diz que dentro de 1 ano e 8 meses, Alexandre morrerá na Babilônia, envenenado. Sua mãe morrerá numa morte humilhante abandonada na estrada como refeição para os pássaros e animais selvagens. Suas irmãs terão uma vida feliz. Você, embora viva tão pouco, tornar-se-á sozinho rei e senhor de todo o mundo. Volte para *Fasiacen* e Rei *Porus*. Seus companheiros choraram, mas o bispo advertiu-os para não ofender às árvores chorando na presença delas.

32. Citando o próprio texto: "E não foi permitido a meus companheiros não revelar isso a mais ninguém, para que não fosse ouvido por algum rei bárbaro. "E o fim próximo de minha vida não era tão aflitivo como e a o pensamento de que eu alcancei menos glória do que eu pretendia. Eu estou escrevendo estas coias, meu querido professor, então você após regozijar-se sobre o sucesso de minha vida e também revelar as honras. E da mesma maneira possa minha memória permanecer eternamente e preserve como um exemplo para os outros reis terrenos, então aqueles possam certamente minha glória e minha honra sejam tão grandes quanto daqueles todos os reis que estiveram sobre a terra...Fim."[35]

---

[35] Tradução e adaptação feita do Old English ao Português a partir do texto completo do Nowell Codex transcrito em: FULK, R. D. - The Beowulf Manuscript. Cambridge (USA): Harvard University Press, 2010.

Do texto parcial em: ORCHARD, Andy. Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript. Toronto: University of Toronto Press, 1995.

Praticamente não há divergência entre os estudiosos em apontar que a origem da carta, ainda que não seja mesmo produto nem das mãos nem da época de Alexandre, é grega. E esta versão em Old English com certeza vem de uma versão latina, até pelo uso de palavras latinas "intraduzíveis" ao Old English, como já dito acima.

Com consultas às imagens digitais do manuscrito em KIERNAN, Kevin. S.(edited by), Iacob, Ianutt. E (programmed by). - Electronic Beowulf - 3rd Edtion. London: The British Library Board, 2011. (CD-ROM).

2.4. Beowulf

De todos os textos do Nowell Codex, o poema *Beowulf* é aquele que apresenta o maior número de estudos, em diversos campos de conhecimento. A origem do poema está longe de ser uma unanimidade. Porém, a quantidade de teóricos que se debruçaram sobre a questão da origem do poema é imensa, não somente em países anglófonos.[36] Como o objetivo desta dissertação é entender como se deu o seu registro no manuscrito, apresentaremos aqui somente um panorama geral destes estudos. Além disso, recentemente houve uma profusão maior de pesquisadores que se dedicam sobre os outros textos do manuscrito, ou sobre todo o manuscrito como uma unidade. Estudos que levam em conta o manuscrito como um todo, que é o nosso objetivo aqui, serão estudados mais detalhadamente no capítulo 03.[37]

Uma explicação para o fato de Beowulf ser um dos mais estudados escritos anglo-saxões seria seu tamanho, que é notável, não só dentro do manuscrito, mas dentre todos os textos remanescentes até o presente em inglês antigo. E em poesia ele é o maior, pois Beowulf possui 3182 versos, distribuídos dos fólios 129r ao 198v - 70 fólios, correspondentes a 140 páginas aproximadamente, de um total de 230 fólios do Nowell Codex , aproximadamente 460 páginas.[38]

Porém, desde os primeiros estudos que se debruçaram sobre o poema, como Thorkelin[39] no século XIX, o poema é utilizado como uma passagem para o passado "germânico", "nórdico" ou pagão dos povos setentrionais europeus. O foco destes estudos, com ecos até hoje nos estudos históricos e linguísticos, está em sua grande

---

[36] Sugerimos as seguintes obras como compêndios que resumem uma longa lista de estudos, tanto historiográficos quanto linguísticos, acerca do poema Beowulf desde o século XVIII. Sendo que a segundo livro há até mesmo um capítulo acerca de obras de ficção atuais como livros, filmes, peças de teatro, musicais, artes plásticas baseadas no poema:

SHIPPEY, T.A. and Haarder, Andrea. Beowulf – The critical heritage. London: Routledge, 1998.

GEORGE, Jodi-Anne. Beowulf: a reader's guide to essential criticism. London: Palgrave Macmillan: 2010.

[37] Vide capítulo 03 – O manuscrito.

[38] Vide ANEXO A – ficha catalográfica.

[39] THORKELIN, Grimur J. De Danorum Rebus Gestis Secul. III & IV. Poëma Danicum Dialecto Anglosaxonica. Ex Bibliotheca Cottoniana Musaei Britannici. Copenhagen: Th. E. Rangel,1815.

maioria no caráter do épico “germânico” / “nórdico” ou até anacronicamente “viking” do poema. Apesar de sua narrativa se passar em terras correspondentes hoje aos territórios da Dinamarca e da Suécia, estes estudos, deixam de lado o fato de que ele é um poema épico escrito em inglês antigo, na Inglaterra anglo-saxônica. Além disso, embora os elementos pagãos estejam presentes, as referências bíblicas constantes demonstram que o poema é produto de um contexto cristão e não pagão, como comumente é defendido, como veremos adiante.

O poema de forma geral, com inúmeras “digressões” a outros fatos adjacentes, narra a história de um guerreiro *geata* (um reino na atual Suécia), chamado *Beowulf* que viaja à para lutar na Dinamarca a pedido de seu tio, para ajudar o rei dos daneses, Hrothgar contra um gigante antropomórfico monstruoso chamado Grendel, que vem assolando seu palácio. Beowulf enfrenta e mata não só Grendel, como sua monstruosa mãe (não-nomeada) que revela-se, advinda do pântano onde Grendel vivia quando vem ao palácio de Hrothgar se vingar da morte de seu filho. 50 anos depois, Beowulf tornado rei dos Geatas, enfrenta um dragão (não nomeado) que assola seu reino. Apesar de conseguir matar o dragão, Beowulf também é morto, e o poema termina contando seu funeral. O poema narra tanto os geatas quanto os daneses como pagãos, porém o “narrador” condena o paganismo e não só faz referência a Deus em todo o poema, como deixa claro que Grendel e sua mãe são descendentes de Caim.

2.4.1.Beowulf como criação "escrita"

Há desde estudos que enquadram o poema Beowulf dentro de molduras de "folclore" que podem ligá-lo a um fundo mitológico céltico-germânico, habilmente trabalhado por escaldos. Gwin Jones estuda em cada capítulo de seu livro "Kings, Beasts and heroes", três poemas medievais: o próprio Beowulf, Culhwch and Olwen (galês, celta) e King Hrolf's Saga (nórdico):

> Mas, a natureza da tradição da saga (...) é originária das mãos de um 'ferreiro-de-palavras' e não um 'ferreiro-de-espadas' e pertence como tantos outros na 'King Hrolf's Saga', 'Clhuwch and Olwen' e 'Beowulf' não à História, filha da Verdade, mas à Poética, a mãe da Invenção.[40].

Com uma metodologia semelhante a estudos de mitologia e folclore como os de Mircea Eliade[41], Jones procura demonstrar como as três estórias possuem um "esqueleto", uma estrutura semelhante de um tipo de construção que ele nomeia de "The Three Stolen Princesses" (as Três princesas raptadas), baseado em diversos folcloristas. Esta estrutura pode apresentar algumas variantes, segundo Jones. Mas possui algumas características fundamentais que não mudariam de um texto a outro, como um herói de força sobrenatural que enfrenta um "monstro". O monstro rapta três princesas ou as ataca nas propriedades de seus aliados. O herói enfrenta o "monstro" em sua moradia subterrânea ou em uma caverna, com uma espada, lá encontrada. Ele é traído por seus companheiros, mas salva-se e conquista o reconhecimento e a glória.[42]

Muitos outros estudos buscam fazer conexões entre Beowulf e diversos outros poemas épicos "pagãos", geralmente germânicos ou nórdicos:

---

[40] But the nature of saga tradition (…) came from the hand of a wordsmith not swordsmith, and belongs like so much else in King Hrolf's Saga, Clhuwch and Olwen, and Beowulf not with History, daughter of Truth, but with Poetry, the mother of InventionJ." JONES, G. - Kings, Beasts and heroes. Oxford (UK): Oxford University Express, 1972, p. 162.

[41] Vide: ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. 4ª Edição[tradução de Natália Nunes e de Fernando Tomaz, original de 1949]. Martins Fontes Editora: São Paulo, 2008.

[42]JONES, G. Kings, Beasts and heroes. Oxford (UK): Oxford University Express, 1972, Pp. 08-09.

> "[Beowulf] é o mais antigo épico germânico complete e o único registrado por escrito em um período não tão distante das migrações germânicas. Seja qual for evidência de que há influência de fontes cristãs ou da épica clássica, a obra permanece essencialmente pagã em sua ética e visões da relação entre o indivíduo com relação aos semelhantes e a sociedade. A forma, do mesmo modo, deve muito pouco ou nada aos clássicos. Foi escrito em uma forma de versificação característica dos povos germânicos, e sua estrutura metafórica encontra paralelo com as Eddas nórdicas, poemas anglo-saxões e fragmentos de épicos. [43]

Aumentando o peso da influência dos clássicos épicos greco-romanos, como citado acima há estudiosos que defendem que Beowulf foi escrito num contexto germânico, mas com grande influência de textos em latim. Peter North vai mais além, para ele o "autor", um monge, utiliza não somente textos latinos cristãos como base para a criação do poema, mas textos latinos de origem clássica (pagãos cristianizados, incluindo os outros textos do Nowell Codex como as Maravilhas do oriente e a Carta de Alexandre para Aristóteles). North destaca especialmente o uso do clássico épico romano de Virgilio, a *Eneida* na criação de Beowulf:

> Parece que o poeta de Beowulf imitou uma ampla gama de fontes latinas, tanto para fazer as aventuras de Beowulf mais emocionante e para moralizar a história que antecedera sua morte. A última equivaleria ao salvamento espiritual dos pagãos, um último uso teológico de latim e de material baseado em latim. Este poeta, provavelmente, leus outros livros latino também. (...) Há três ou quatro cenas de Beowulf que parecem ter sido elecandas com base em episódios criados respectivamente na Eneida de Virgílio, livros I, III e VI. Em uma colagem interessante de fontes, Beowulf, portanto, parece ser caracterizado, por exemplo com a ajuda de Sansão, o jovem David, Jesus, São Miguel, e Enéias. (...) O poeta fez uso posterior da Eneida, dos livros VII e XI, a fim de autorizar a sua justaposição de Beowulf com Freawaru e Ingeld. Parece justo dizer que Beowulf é ricamente híbrido e

[43] " It [Beowulf] is the earliest complete Germanic epic and the only one written down at a period not totally remote from the period of the Germanic migrations. Whatever evidence there is of influence from Christian sources or from classical epic, the work remains essentially pagan in its ethic and its views of the relation of individual to his fellowmen and to society. The form, too, owes little or nothing to the classics. Its written in a verse form peculiar to the Germanic peoples, and its metaphor structure finds parallels in the Norse Eddas and lyrics and Anglo-Saxon lyrics and epic fragment." JACKSON, W. T. H. The Hero and the King: An Epic Theme. New York: Columbia University Press (USA), 1982. Pp. 26-27.

> e um trabalho em inglês antigo composto por um monge com interesse em latim, grego, hebraico e língua germânica.[44]

Em um dos raros estudos sobre o poema feito no Brasil, Medeiros, ao analisar a figuração do modelo de aristocracia presente em Beowulf, defende a criação do poema como sendo feita no que ele nomeia como período "alfrediano":

> Seguindo a idéia levantada, a respeito da composição do poema, Beowulf teria sido então composto no que denominamos como Período Alfrediano. Este Período Alfrediano seria o período que estaria localizado justamente no momento entre o fim do Grande Exército e a coroação de Cnut, o Grande. Definimos assim então este período, diferente de se referir simplesmente ao século X, ele também englobaria o mesmo, pois se estenderia desde em trono de 871 (governo de Alfred, o Grande) até Æthelred II, em 1016. [45]

Dentre os defensores de uma criação do poema tal qual se apresenta hoje em dia, obra de um autor, destacamos Kevin Kiernan. Kiernan, responsável pelo escaneamento do manuscrito e edição em CD-ROM, também, disponibilizado on-line pela British Library, vai além e defende que o poema foi escrito diretamente no momento de sua escrita, composto por um dos escribas que o registrou no pergaminho.[46]

---

[44] "The poet of Beowulf seems to have imitated a wide range of Latin sources, both to make Beowulf 's adventures more exciting and to moralize the story leading up to his death. The last would amount to the spiritual salvage of heathens, an ultimately theological use of Latin and Latin-based material. This poet probably read other Latin books as well.(…) There are three or four scenes in Beowulf which appear to have been cast on the basis of episodes set respectively in Vergil's Aeneid I, III, and VI. In an interesting splicing of sources, Beowulf thus appears to be characterized (i.a.) with the aid of Samson, young David, Jesus, St Michael, and Aeneas. (…) The poet made further use of the Aeneid, from Books VII and XI, in order to authorize his juxtaposition of Beowulf with Freawaru and Ingeld. It seem fair to say that Beowulf is richly hybrid, and Old English Work composed by a monk with interest in Latin, Greek, Hebrew , and Germanic." NORTH, Peter. The Origins of Beowulf From Vergil to Wyglaf.

[45] MEDEIROS, E.O.S. **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História – FFLCH-USP em 2006. P. 80-81.

[46] KIERNAN, K. S. - Beowulf and the Beowulf Manuscript. Rutgers University Press: New Jersey (USA), 1981. No capítulo 3 será detalhada e discutida detalhadamente a teoria de Kiernan.

2.4.2.Beowulf e sua origem "oral"

Apresentaremos aqui, assim como no trecho anterior algumas hipóteses que defendem uma origem oral para o poema Beowulf. Há diversos estudos, desde aqueles que focam-se em desvendar as origens orais do poema, sobretudo linguísticos, até aqueles que o utilizam como exemplo de oralidade passada ao texto manuscrito, não só medieval, mas de qualquer tempo e região da história da humanidade.

Com relação à oralidade do poema faz-se necessário citar Paul Zumthor, importante não só pela publicação de estudos divisores de águas nos estudos sobre oralidade em geral, mas por utilizar muitas vezes Beowulf e outros textos anglo-saxões como exemplos de suas teorias acerca da oralidade e da voz:

> *Oralidade* é um remo histórico designa um fato que diz respeito às modalidade de transmissão: significa simplesmente que uma mensagem é transmitida por intermédio da voz e do ouvido, aí não há problema. *Vocalidade*, por usa vez, parece-me uma noção antropológica, não histórica, relativa aos valores que estão ligados à voz como voz e, portanto, encontram-se integrados ao texto que ela transmite. O que simplifica a abordagem filológica, pois pouca importa que o texto tenha sido composto por escrito ou improvisado em sua performance. E se ele for composto por escrito em vista de uma performance (assim como a poesia destinada ao canto), sua vocalidade me aparece como uma intenção incorporada ao texto.[47]

O poema Beowulf é apresentado por Zumthor como exemplo de caso para explicar seu conceito de oralidade perceptível em um texto que chegou até os dias de hoje escrito, mas tem origem na oralidade:

> O poeta oral não apenas dispõe de uma grande quantidade de sinônimos e epítetos como também de longas frases. Embora o nosso texto do Beowulf já tivesse sido certamente reelaborado ao tempo em que foi passado a escrito, ainda revela as suas origens pré-letradas; muitos dos seus meios versos podem ser combinados, no todo ou em parte, com meios versos existentes

---

[47] ZUMTHOR, Paul. Escritura e Nomadismo. [Tradução Jerusa Pires Ferreira , original 1990]. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. p. 117.

> noutra passagem do nosso - relativamente escasso - corpo da poesia anglo-saxônica. Estes meio versos representam maneiras pré-determinadas de descrever um personagem, apresentar um cenário ou desenvolver a ação. (...) Também isso dá chaves mnemônicas que facilitam a composição. [48]

Ainda que defenda-se que o texto tal qual encontra-se no único exemplar existente conhecido no Nowell Codex tenha sido copiado de outro manuscrito e não seja o registro diretamente oral de uma "canção" de um "scop"(escaldo) anglo-saxão, ou de várias canções unidas tardiamente, a origem oral do poema é inegável:

> Concluo enfatizando minha opinião de que, felizmente, Beowulf nos fornece um testemunho único das realizações em larga escala da narrativa poética oral que esta tradição conceitual e verbal anterior [pré-alfrediana] ainda era capaz de, no século VIII, apesar da emergente alfabetização latino-cristã de base clássica promovida principalmente no Nortúmbria de Beda e na escola de Canterbury Arcebispo Teodoro e Adriano. Outros poesia sobreviventes – as máximas, as elegias e os enigmas em particular - contaram com a mesma tradição nativa de pensamento e da linguagem, mas só este poema nos oferece um extenso acesso à inteligência, sabedoria, simpatias e valores acumulados que a aristocracia laica do século VIII consideradas como o *ethos* que compartilhavam com precursores germânicas dos séculos passados e que, mesmo assim, foram relativamente intocados pela "nova" aprendizagem intelectual da igreja.[49]

---

[48] FENTRESS, J. & WICKHAM, C. - Memória Social - Nova Perspectivas sobre o Passado. [Tradução: T. Costa.] Editorial Teorema: Lisboa, 1992, p.61.

[49] "I will conclude by emphasizing my opinion that fortunately Beowulf provides us with unique testimony to the achievements in largescale oral poetic narrative which this age-old conceptual and verbal tradition was still capable of in the eighth century in spite of the emergent Latin-, Christian-, classical-based literacy promoted most notably in theNorthumbria of Bede and in the Canterbury school of Archbishop Theodore and Hadrian. Other surviving poetry - maxims, elegies and riddles in particular194 — drew on the same indigenous tradition of thought and language, but this poem alone affords us its extensive access to the accumulated intelligence, wisdom, sympathies and values which eighth-century secular aristocracy regarded as the ethos they shared with Germanic forerunners of centuries past and which even then was relatively untouched by the 'new' intellectual learning of the church." CLEMOES, Peter. Interactions of Thought and Language in Old English Poetry. In: Cambridge Studies in Anglo-Saxon England 12. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 67.

Não é exatamente o objetivo do presente estudo buscar as origens orais do poema. Porém, diante deste conceito de oralidade, não se pode negar a influência de alguns aspectos desta oralidade para explicar-se o modo que o poema foi escrito, como foi copiado neste manuscrito junto a estes outros textos:

> Um editor perspicaz de Beowulf que aceite os argumentos aqui apresentados fará uma distinção entre duas coisas: um discurso de poesia oral que, por definição, está perdido para nós, e um texto manuscrito que foi feito para os leitores letrados. O primeiro destes é fluido. Ele consiste de incontáveis atos de comunicação no código simbólico de palavras que são expressas em voz alta para a audição. Um texto manuscrito é uma coisa complexa. Ele cria significado através do código de grafemas que podem ser mapeadas detalhadamente, estudadas com luz ultravioleta, com uso de um computador, e assim por diante. Embora qualquer texto escrito que deriva da tradição oral vai mostrar algumas características residuais da oralidade; ele apresenta também sua própria forma baseada nas convenções da escrita.[50]

Sendo assim, sem desprezar-se de forma alguma os aspectos orais que estão de uma maneira ou de outra presentes no poema Beowulf e também no seguinte, Judith, este estudo prioriza a análise do texto enquanto registro no manuscrito.

---

[50] "A prospective editor of Beowulf who accepts the arguments advanced here will make a distinction between two things: a discourse of oral poetry that by definition is lost to us, and a manuscript text that was made for literate readers. The first of these is fluid. It consists of countless acts of communication in the symbolic code of words that are voiced aloud for hearing. A manuscript text is a hard thing. It creates meaning through the code of graphemic symbols that can be pored over, studied with ultraviolet light, run through a computer, and so on. Although any written text that derives from oral tradition will show some residual features of orality; it also has its own form based on the conventions of script." NILES, John D. *Understanding Beowulf: Oral Poetry Act*. pp. 131-155 In: **The Journal of American Folklore**, Vol. 106, No. 420, 1993, p.148. Disponível em http://www.jstor.org/stable/541965. Acessado em: 01 abr. 2014.

2.5. Judith

Judith, o último texto do Nowell Codex, é uma versão poética em inglês antigo do livro deuterocânonico de Judite, no período da escrita do manuscrito era considerado canônico pela Igreja Católica. Pode-se atestar isso, por exemplo, pelas tábuas de cânone de uma Bíblia anglo-saxônica (em latim) produzida em Canterbury do último quarto do século X, *Royal 1.E vii-viii* (British Library), ainda que os textos subsequentes em si estejam perdidos:

> Na seleção e disposição dos livros do Antigo Testamento, Royal 1.E. vii-viii reflete o padrão estabelecido nas bíblias "alcuinianas" produzidas em Tours. A sequência dos livros é a seguinte: Pentateuco, Josué, Juízes, Rute, Reis I-IV, Isaias, Jeremias, Ezequiel, Daniel, vinte profetas menores, Jó, Ester, Tobias, **Judite**, Macabeus I-II. [51]

O poema presente no Nowell Codex foi danificado. Porém, o poema foi transcrito e publicado em 1698, antes do incêndio da Ashburham House que danificou o Cotton Vitellius A.XV.[52]

A narrativa conta a história de Judite, uma viúva hebraica que seduz Holofernes, líder do exército assírio que ocupava a Palestina e depois o mata, decapitando-o. Ela é a responsável pela vitória dos hebreus contra os assírios. Porém, nesta versão em poesia anglo-saxã, diferentemente do original, a personagem Judite é muito mais "guerreira", liderando os hebreus contra os assírios. Para aumentar o destaque dado às virtudes

---

[51] O negrito é nosso. "In the selection and arrangement of the books of the Old Testament, Royal 1. E. vii-viii reflects the pattern established in the Alcunian Bibles produced at Tours. The Sequence of books is as follows: the Pentateuch, Joshua, Judges, Ruth, I-IV Kings, Isaiah, Jeremiah, Ezekiel, Daniel, twelve minor prophets, job, Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs, Wisdom, Sirach, Chronicles, Ezra, Esther, Tobit, Judith, I-II Maccabes. Cf.MARSDEN, Richard. *The Old Testament in late Anglo-Saxon England*. Pp. 101-124 In: GAMESON, Richard. **The Early Medieval Bible: Its production, decoration and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. P.114.

[52] THWAITES, Edward. Heptateuch, Liber job, et Evagelium Nicodemi; Anglo-Saxonice. Historiae Judith Fragmentum. Dano-Saxonice. Oxford, 1698. Cf. citado em COOK, Albert S. Judith: An Old English Epic Fragment. D. C. Heath and Company Publishers: Boston, 1907. P. vii.

guerreiras e de liderança de Judite, o poema abre mão de Além, disso diversos outros personagens presentes na história original são deixados de lado para que a história detalhe mais das adversidades como guerreira de Judite. [53]

E por isso mesmo, ao apresentar uma mulher com características consideradas "masculinas" para a Idade Média, semelhante a um guerreiro anglo-saxão, o poema Judite muitas é priorizado como fonte para o estudo de gênero na Idade Média[54]. Algumas características do texto original são amplificadas para transformar Judith numa heroína tal qual Beowulf no texto anterior:

> O [poema] Judite em inglês antigo constrói um líder do sexo feminino que engloba um espectro andrógino de poder, a fim de derrotar um rei pagão e seu exército. Através de sua esmagadora feminilidade, Judith seduz Holofernes e o mata. Seu poder como mulher é inicialmente construído com o propósito específico de atrair ao rei pagão, sob o disfarce de vulnerabilidade. No entanto, sua posse do poder não é vulnerável, mas potente e transforma Judite para o papel masculino de heroísmo violento[55]

---

[53] COOK, Albert S. Judith: An Old English Epic Fragment, D. C. Heath and Company Publishers: Boston, 1907. FULK, R. D. - The Beowulf Manuscript. Harvard University Press:Cambridge, USA, 2010. Do texto parcial em: ORCHARD, Andy. Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript. Toronto: University of Toronto Press, 1995. Com consultas às imagens digitais do manuscrito em: KIERNAN, K. S.(edited by), Iacob, I. E (programmed by). - Electronic Beowulf - 3rd Edtion. London: The British Library Board, 2011. (CD-ROM).

[54] MAGENNIS, Hugh. *Gender and Heroism in the Old English Judith*. In: **Writing Gender and Genre in Medieval Literature: Approaches to Old and Middle English Texts**.. TREHARNE, Elaine (Ed.) .: D.S. Brewer: Woodbridge, UK, 2002. Pp. 5-18.

[55] "The Old English Judith constructs a female leader who encompasses an androgynous spectrum of power in order to defeat a heathen king and his army. Through her overwhelming femininity, Judith seduces Holofernes and kills him. Her power as a woman is initially constructed for the specific purpose of luring the heathen king under the guise of vulnerability. However, her possession of power is not vulnerable, but potent, and transforms Judith to the masculine role of violent heroism." SHAUGHNESSY, Elizabeth. *Judith's Necessary Androgyny: Representations of Gender in the Old English Judith*. IN: Emergence: A Journal of Undergraduate Literary Criticism and Creative Research, Vol 3, 2012. Department of English University of California, Santa Barbara. P. 07. URL: http://journals.english.ucsb.edu/index.php/Emergence/article/view/26/89.

2.6. Resumo das origens dos textos:

Texto	Gênero	Personagens/	Origem Provável
The Life of Saint Christopher	prosa	São Cristovão (gigante, "cinocéfalo" e cristão) enfrenta a tortura feita pelo rei Dagnus (pagão)	Origem grega, mas versão em inglês antigo feita a partir da tradução latina
The Wonders of the East	prosa	Narrativa sobre seres e lugares fantásticos no Oriente. 32 maravilhas. 25 imagens.	Origem grega, mas versão em inglês antigo feita a partir da tradução latina
Letter of Alexander to Aristotle	prosa	Alexandre narra as atribulações e os vários seres e locais fantásticos que encontrou na Índia Aristóteles	Origem grega, mas versão em inglês antigo feita a partir da tradução latina
Beowulf	poesia	Beowulf enfrenta Grendel, mãe de Grendel e Dragão.	Não há um consenso, pois mescla elementos cristão e pagãos germânicos. Defendemos aqui que criado na própria Inglaterra anglo-saxônica já cristianizada.
Judith	poesia	Judite versus Holofernes	Paráfrase poética em inglês antigo da Vulgata latina

Capítulo 3 - O manuscrito

> He confrontado centenares de manuscritos, he corregido los errores que la negligencia de los copistas ha introducido, he conjeturado el plan de ese caos, he restablecido, he creído restablecer, el orden primordial, he traducido la obra entera: me consta que no emplea una sola vez la palabra tiempo. La explicación es obvia: El jardín de los senderos que se bifurcan es una imagen incompleta, pero no falsa, del universo tal como lo concebía Ts'ui Pên. A diferencia de Newton y de Schopenhauer, su antepasado no creía en un tiempo uniforme, absoluto. Creía en infinitas series de tiempos, en una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos. Esa trama de tiempos que se aproximan, se bifurcan, se cortan o que secularmente se ignoran, abarca todas las posibilidades. No existimos en la mayoría de esos tiempos; en algunos existe usted y no yo; en otros, yo, no usted; en otros, los dos. En éste, que un favorable azar me depara, usted ha llegado a mi casa; en otro, usted, al atravesar el jardín, me ha encontrado muerto; en otro, yo digo estas mismas palabras, pero soy un error, un fantasma. (Jorge Luis Borges) [56]

O Nowell Codex só veio a ser conhecido após cair em mãos de proprietários laicos e privados, após a dissolução dos monastérios por Henrique XVI, na Reforma Anglicana.

O *Cotton Vitellius A.xv* é a junção de duas coleções, o Nowell Codex e o *Southwick Codex*, que foram unidas no século XVII por Sir Bruce Cotton. O nome de *Nowell Codex* vem do primeiro "dono" do manuscrito, Lawrence Nowell[57]. Em meados do século XVI (na primeira lâmina há o nome de Nowell e o ano de 1563). Nesta coleção encontramos três escritos em prosa: A vida de São Cristovão, As Maravilhas do Oriente e uma tradução de Carta de Alexandre para Aristóteles. Depois seguem-se Beowulf (o poema Beowulf é composto por 3182 versos) e Judite, também em verso.

---

[56] BORGES, Jorge. El jardín de senderos que se bifurcan. In: Ficciones. Sur Editorial: Buenos Aires, 1944.

[57] **Lawrence Nowell** (1515 – 1571) foi um antiquário, cartógrafo, pioneiro nos estudo da literatura e língua anglo-saxônica e diácono da Catedral de Liechfield no período elisabetano. LAPIDGE, Michael.; BLAIR, John; KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald (ed.) The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England. Oxford: Blackwell, 1999..

Os textos iniciais em prosa e *Beowulf* até o verso **1939** parecem ter sido escritos pela mesma mão (chamado de **escriba A**) e o restante de *Beowulf* e todo o poema de *Judite* apresenta outro tipo escrita (**escriba B**)[58]. O manuscrito já estava fragmentado e danificado quando passou para as mãos de Lawrence Nowell, pois a inscrição com o seu nome e o ano foi feita na primeira folha, que não seria a primeira do original, pois é o meio do texto da Paixão de São Cristovão.

Após a morte de Nowell o manuscrito passou às mãos de Sir Robert Bruce Cotton[59], que uniu o *Nowell Codex* com o chamado *Soutwhick Codex*, que é composto por outros manuscritos que hoje sabe-se que não fazem parte da mesma origem do Nowell Codex, embora próximos temporalmente.

MS	**Texto**	**Gênero**
Southwick Codex	Soliloquies of St. Augustine	prosa
	Gospel of Nicodemus fragment;	prosa
	Debate of Solomon and Saturn	prosa
	St. Quintin Homily fragment	prosa
Nowell Codex	The Life of Saint Christopher	prosa
	The Wonders of the East	prosa
	Letter of Alexander to Aristotle	prosa
	Beowulf	poesia
	Judith	poesia

[58] Vide o ANEXO 02 - Ficha catalográfica do manuscrito, para maiores detalhes.

[59] **Sir Robert Bruce Cotton**, (1570/1 – 1631) foi um político inglês, colecionador de antiguidades e criador da Biblioteca Cottoniana descrita no texto. LAPIDGE, Michael.; BLAIR, John; KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald (ed.) The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England. Oxford: Blackwell, 1999.

Além do Nowell Codex, a coleção de manuscritos de Sir Cotton incluiu outros manuscritos importantes da História britânica como a *Historia Ecclesiastica* de Beda, Os Evangelhos de Lindisfarne, a Magna Carta de 1215 e o Poema da Pérola.

O neto de Sir Robert Cotton, que herdou todos esses manuscritos, doou esta coleção para o Governo Britânico entre 1700 e 1701. A coleção foi retirada da Mansão em ruínas de Sir Cotton e foi para o Palácio de Essex.

Porém, devido ao risco de incêndio, a coleção chamada de cottoniana em honra a Sir Robert Cotton foi transferida para o Palácio de Ashburnham, utilizada para abrigar outras coleções de documentos e livros importantes de posse do governo britânico.

Mas ironicamente em 23 de outubro de 1731, o Palácio de Ashburnham sofreu um incêndio de gigantescas proporções, que danificou grande parte desse acervo (cerca de 25%). Quanto ao Cotton Vitellius A.xv, este foi salvo, pelo que se relata, sendo defenestrado. Porém, sofreu muitos danos, principalmente na parte de cima e nas margens dos fólios que foram queimadas e muitas letras marginais foram queimadas. O poema Judite foi transcrito antes do incêndio, e por isso sua integralidade textual foi preservada. Beowulf foi transcrito alguns anos em duas versões após o incêndio quando alguns fragmentos queimados ainda não tinham sido perdidos e eram legíveis, pelo historiador islandês e arquivista do rei dinamarquês à época, Grimur Jónsson Thorkelin, que estava colecionado documentos que tivessem alguma relação com a história dinamarquesa. Hoje percebe-se a imprecisão destas duas transcrições (nomeadas Thorkelin A e B), sendo que a versão A parece ser a mais acurada das duas. Nenhumas transcrições dos textos em prosa que precedem Beowulf no Codex Novell foram feitas. Entretanto, d'As Maravilhas do Oriente existia outra cópia que se preservou (aceita como contemporânea à do Cotton Vitellius A.xv) na própria biblioteca (no Cotton Tiberius B.x).

Em 1845, foi feita uma restauração malsucedida do manuscrito. Os fólios foram separados e cada um foi colado a uma folha de um papel muito pesado aonde um buraco do tamanho de cada pedaço restante do manuscrito foi colado. Esta é a imagem que vemos nas versões fac-símiles e na versão escaneada de Kiernan. Algum lado do grosso papel utilizado como base acaba sempre encobrindo algumas letras das margens danificadas; e do outro lado as letras são visíveis através da fita transparente que segura cada fólio. Os textos do Nowell Codex devem ter sido copiados de outro exemplar

escrito, ainda que eles mostrem exemplos de erros de cópia quando um escriba interpreta errado um texto já previamente escrito.

3.1.Retorno aos manuscritos

A recente digitalização de manuscritos e artefatos históricos torna necessária a atualização dos estudos sobre textos e uma quebra de barreiras entre as humanidades e as "*hard sciences*":

> Pesquisas sobre materiais culturais digitais, sem dúvida, inspirarão e adicionarão novo rigor a muitos campos de pesquisa relacionados, incluindo visão computacional, inteligência artificial, tecnologia da informação, mineração de dados e processamento de imagens. [60]

Por outro lado, não se pode esquecer que a utilização de imagens digitalizadas, ou programas simuladores de artefatos em 3D não são os objetos originais. Ainda que, conforme Meneses, os próprios artefatos do passado que chegam até o presente não deixam de ser construções:

> Com efeito, o artefato neutro, asséptico, é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas que o envolvem. (...). Poder-se-ia concluir dizendo que o objeto puro ou purificado, "the real thing" (a coisa, o objeto real), pode, sim, existir, mas somente saturado de hiper - realidade: "imagination demands the real thing and, to attain it, must fabricate the

[60] "Research on digital cultural materials will undoubtedly inspire and add new rigor to many related research fields, including computer vision, artificial intelligence, information technology, data mining, and image processing." CHEN, Ching-chih; WACTLAR, Howard D;.WANG, James Z; KIERNAN, Kevin. *Digital Imagery for significant cultural and historical materials – An emerging research field bridging people, culture and technologies*. Published online: 22 July 2005. © Springer-Verlag 2005. In: **DELOS/NSF Working Group on Digital Imagery for Significant Cultural and Historical Materials**. (pp. 275-286). p. 276. Disponível em: http://www.delosnsf-imagewg.unifi.it. Acessado em: 10 out. 2014.

> absolute fake" (a imaginação necessita da coisa real e, para alcançá-la, deve fabricar o falso absoluto).[61]

Porém, a análise material do manuscrito, por si só, não basta ao estudo. Citando novamente o Professor Ulpiano Meneses:

> História Material ou História da Cultura Material não pode ser uma História feita a partir de fontes materiais, mediante a utilização apenas de documentos físicos. O risco de empobrecimento e deformação fica patente. Não pode ser a história de artefatos ou de contextos materiais — sua produção, circulação, usos, etc. Para ser História, precisaria ser História da sociedade.(...) Não se estudam fontes para melhor conhecê-las, identificá-las, analisá-las, interpretá-las e compreendê-las, mas elas são identificadas, analisadas, interpretadas e compreendidas para que, daí, se consiga um entendimento maior da sociedade, na sua transformação. A cultura material (entendida, pois, como aquele segmento do universo empírico social e culturalmente apropriado) pode ser uma dessas plataformas de observação. Mas, para que a observação seja eficaz, é indispensável usar-se todo e qualquer tipo de fonte (fontes materiais, escritas, orais, hábitos corporais, etc.) — ainda que as materiais possam predominar. É, contudo, a dimensão material da produção/reprodução social (a que acima aludimos) que está sendo estudada.[62]

Há uma profusão de estudos, tanto na área de História, quanto de Literatura, sobre o poema *Beowulf*, alguns mais reentes com relação aos outros textos do Nowell Codex. Porém, somente nos últimos anos surgiram estudos que conjugam o estudo textual com o codicológico do manuscrito onde se encontra o poema. Pretende-se aqui, apontar alguns aspectos dos estudos que incorporaram à análise dos textos a materialidade do manuscrito.

---

[61] MENESES, Ulpiano T. Bezerra de *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Documentos pessoais no espaço público* do Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV–IEB/USP, 1997. P. 1.

[62] Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. IN: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 – 200. P. 11.

3.3.A incorporação da materialidade aos estudos dos textos do manuscrito de Beowulf

Havia na historiografia até o início do século XIX, de forma geral, uma ampla tendência, que procurou empurrar sua criação para o período próximo às invasões dos povos germânicos às ilhas britânicas no fim da dominação romana buscando esta conexão com o passado germânico.[63] De forma geral, os estudos anteriores a Tolkien, tributários de Thorkelin[64] que enxergava os fatos narrados no poema como uma espécie de registro histórico do passado escandinavo. Mais do que isso, Thorkelin acreditava, em sua visão nacionalista, que tanto o autor do poema quanto sua audiência eram "dinamarqueses", maximizando o "paganismo" heroico presente no poema e tendendo a ver os elementos cristãos como adições "artificiais" de um monge que "cristianizou" um poema legitimamente pagão. Tolkien dialogará intensamente com Ker, discordando do autor na grande maioria das vezes. Ker, em seu livro de 1904, que possui o sugestivo nome de "The Dark Ages" explicita sua visão sobre a fraqueza da narrativa, sendo que o heroísmo dos "homens do Norte" é o único ponto forte do poema:

> A falha de Beowulf é que não há muito na história. O herói está ocupado em matar monstros, como Hércules ou Teseu. Mas há outras coisas na vida de Hércules e Theseus, além do assassinato do Hydra ou de Procusto. Beowulf não tem mais nada para fazer depois de matar Grendel e a mãe de Grendel e na Dinamarca: ele vai para casa com sua própria Gautland [terra dos geatas], até que finalmente os anos seguintes tragam o dragão de fogo e sua última aventura. É muito simples.[65]

---

[63] Como já explicado no capítulo 2 – As origens dos textos.

[64] THORKELIN, G. Johnson. **De Danorum Rebus Gestis Secul. III & IV. Poëma Danicum Dialecto Anglosaxonica. Ex Bibliotheca Cottoniana Musaei Britannici**, Th. E. Rangel Copenhagen: 1815.

[65] The fault of Beowulf is that there is nothing much in the story. The hero is occupied in killing monsters, like Hercules or Theseus. But there are other things in the lives of Hercules and Theseus besides the killing of the Hydra or of Procrustes. Beowulf has nothing else to do, when he has killed Grendel and Grendel's mother in Denmark: he goes home to his own Gautland, until at last the rolling years bring the firedrake and his last adventure. It is too simple. KER, William Paton. **The Dark Ages.** Charles Scribner's Sons: New York, 1904. Pp. 252-253.

Esta hipótese da "fraqueza da narrativa" ecoará até Jorge Luis Borges, que não só utilizou textos em inglês antigo com inspiração para suas próprias obras literárias, como escreveu compêndios sobre literatura anglo-saxã e deu aulas sobre o assunto:

> A fábula é mal inventada, porque temos a princípio um rei poderosíssimo e depois esse rei, com seus vassalos, com sua tropa, a única medida que toma é rezar aos seus deuses, pedir ajuda a seus antigos deuses, Odin e Tor, e os outros. O poeta nos adverte que todas as suas suplicas eram inúteis. Os deuses não tinham nenhum poder contra o monstro. E assim se passam, inverossimilmente doze anos, e cada tantas noite o ogro força as duas portas do castelo - não havia outras -, entra e devora um dos senhores. E o rei não faz nada. [66]

A grande virada nos estudos sobre o poema é sem dúvida o ensaio de J. R. R. Tolkien de 1936, *The Monsters and the Critics*, que pela primeira vez propõe que o poema deve ser analisado como uma obra arte e não um exemplar do "folclore" exótico dos pagãos.

> Eu sugeriria, então, que os monstros não são um erro estético inexplicável, pois eles são essenciais, fundamentalmente aliados às ideias subjacentes (implícitas) do poema, dando-lhe um tom sublime e elevada seriedade. A chave para o ponto de fusão da imaginação que produziu esse poema reside, portanto, nessas mesmas referências a Caim que são foram usadas muitas vezes como um porrete para bater em um jumento - tomadas como um sinal evidente (onde quer que fosse necessário) das cabeças confusas dos anglo-saxões. Eles não poderiam, foi dito, manter as vagas escandinavas e as escrituras separadas em seus cérebros atrapalhados. O Novo Testamento estava além da compreensão deles. [67]

---

[66] BORGES, Jorge Luis. Curso de Literatura inglesa. Organização, pesquisa e notas de Martín Arias e Martín Hadis, 2000. Martins Fontes: São Paulo. Tradução de Eduardo Brandão, 2002, p. 24.

[67] "I would suggest, then, that the monsters are not an inexplicable blunder of taste; they are essential, fundamentally allied to the underlying ideas of the poem, which give it its lofty tone and high seriousness. The key to the fusion point of imagination that produced this poem lies, therefore, in those very references to Cain which have often been used as a stick to beat an ass – taken as an evident sign (were any needed) of the muddled heads of early Anglo-Saxons. They could not, it was said, keep Scandinavian bogies and the Scriptures separate in their puzzled brains. The New Testament was beyond their comprehension." TOLKIEN, J. R. R. '*The monsters and the critics*' [1936]. In: **The Monsters and the critics and other essay**s. London: Harper-Collins Publisher, 2006. P. 19.

Ainda que não fosse sua intenção, ao tirar o foco do herói ou dos heróis do poema, e recolocá-lo nos "monstros", Tolkien abre caminho para que possa fazer pontes entre Beowulf e os outros textos do manuscrito.

E quem primeiro fará isto é Kenneth Sisam, em 1953, ao retornar ao manuscrito, incorporando de certa forma a visão tolkieniana à argumentos paleográficos e filológicos. Para Sisam, o manuscrito é. *"(...)* Um livro sobre monstros diversos escrito em inglês Antigo ". [68] Porém, Sisam, conclui que tanto *Judith* quanto a *Passion of Saint Christopher* não faziam parte do manuscrito original, pois nem São Cristovão nem Judite são monstros. Ainda que seja uma teoria aceita por poucos atualmente, Sisam marca o retorno efetivo ao manuscrito.

Kiernan utilizando-se também de evidências linguísticas e paleográficas defende o período união anglo-dinamarquesa (1016-1042) como época propícia à criação do poema, ao louvar heróis suecos e dinamarqueses:

> Assumindo que os paleógrafos estão certos em suas estimativas, é praticamente certo que o poema foi copiado em algum momento após 1016. É, por fim, pouco provável que um poema tão obviamente simpático aos daneses, e de fato exaltando-os pela sua política externa pacífica, poderia ter sido copiado no [Reino] West Saxon tardio durante o calamitoso reinado de Aethereld, o Mal-aconselhado, de 978 a 1016. As relações anglo-danesas nunca estiveram mais hostis. A Crônica Anglo-saxônica para os anos de reinado de Aethereldnada mais são do que um registro sinistro das invasões danesas e das derrotas inglesas. [69]

---

[68] "(...)a book of various monsters, written in [Old] English. (Liber de diversis monstris, anglice)" SISAM, Kenneth. The Compilation of Beowulf Manuscript. In: Studies in the History of Old English literature. Oxford: Oxford University Press, 1953. P.96.

[69] "Assuming that the paleographers are right in their estimates, it is virtually certain that the poem was copied sometime after 1016. It is, at least, highly unlikely that a poem so obvious sympathetic to the Danes, and indeed extolling them for their peaceful foreign policy, could have been copied in Late West Saxon during the calamitous reign of Aethered, The Unread, from 978 to 1016. Danish-English relations were never more hostile. The Anglo-Saxon Chronicle for the years of Aethered's rule is little more than a grim Record of Danish invasions and English defeats." KIERNAN, K. S., **Beowulf and the Beowulf Manuscript**, Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey,1981. P. 15.

No entanto, a teoria Kiernan não é aceita amplamente, pois a evidência que ele usa é aberta a diversas interpretações, especialmente a base de sua teoria: a questão da *encadernação* e do *palimpsesto.* Kiernan defende, dentre outras coisas, que o fólio 182r (Malone) /179r(Kiernan) do Cotton Vitellius A.xv seria um palimpsesto, que foi mudado de posição (era originalmente a ultima folha, e que teria sido escrita pelo escriba A) e que teria sido apagado pelo escriba B, para unir os dois textos "artificialmente". E que as 21 linhas (diferente de todo o restante do MS, que possui 20 linhas) apresentadas na parte escrita pelo escriba B ratificaria esta teoria. Além disso, ele sugere que o poema Beowulf não fazia parte do mesmo manuscrito.

Os autores da 4ª edição do *Klaeber's Beowulf* (Fulk, Bjork e Niles) refutam esta interpretação de Kiernan. Para o pesquisador estadunidense, o palimpsesto provaria que o poema teria sido composto pelos dois escribas diretamente no momento da escrita. Sobretudo o escriba B, que teria não só corrigido posteriormente o trabalho do escriba A, como alterando-o. Porém, a encardenação original foi perdida no incêndio de 1731 e não há descrição alguma de como ela era, tornando-se muito difícil reconstruí-la. Por, exemplo, há outros fólios do manuscrito que apresentam partes "apagadas" como o fólio 182r (Malone) /179r (Kiernan). Estes pesquisadores destacam que cada especialista aumenta o peso das evidências de sua própria área de atuação para defender uma data mais especifica para o poema e para a produção do manuscrito. Para eles, a ideia de Julius Zuptza, de que o fólio 182r (Malone) /179r(Kiernan) é muito mais uma correção, uma restauração de um texto apagado, do que uma substituição. Isto é, não é um palimpsesto. [70] Apesar disso, o estudo de Kiernan tem sua importância, especialmente pelo seu retorno à materialidade do manuscrito e a consequente digitalização do manuscrito recentemente.

Kiernan defende que as diferenças dialetais entre o escriba A e o escriba B, são produtos da produção direta do poema sobre o manuscrito. Porém, o ecletismo dialetal do poema pode corroborar também a tese de uma origem oral para o poema, como por exemplo, os usos de "*Beowulf*" e "*Biowulf*", como veremos a seguir.

[70] FULK, R.D & BJÖRK, R. E. & NILES, John D. **Klaeber's Beowulf. 4th.** Edition. University of Toronto Press. Toronto: 2008. Pp. xxv-xxxv.

> Assim, a linguagem que o manuscrito fixa continua a ser, potencialmente, a da comunicação direta, A escrita, salvo exceções constitui-se por contágio corporal a partir da voz: a ação do copista é "tátil", segundo a terminologia mcluhaniana; e a nebulosa ideológica que gravita é mais próxima do tipo "tribal" que do nosso. Donde, para a maioria dos homens desse tempo, a pouca pertinência das distinções (para nós importantes) entre autor, escrevente e intérprete. (...) O "autor" é o avatar laicizado do elocutor divino.[71]

Kiernan afirma também que os outros textos não são deste mesmo manuscrito, ainda que feitos pelos mesmos escribas. Defende também que o poema Beowulf teria sido composto especialmente para louvar ao rei dinamarquês Knut.

Além de lembrar que a conexão entre o oral e o escrito obedeceriam a uma lógica de dependência circular, Paul Zumthor ressalta que a passagem do oral para a escrita se dava primeiro pelo uso das tábuas de cera. Como detalha Michelle Brown:

> A partir da evidência de exemplo sobrevivente, a fonte escrita e aa representação visual das funções emerge. Os tabletes [de cera] foram empregados como auxiliares de aprendizagem, livro de anotações, livros-modelo, objetos de arte e prova de amor; para fins quase litúrgicos; como veículos para a elaboração de registros literários, especialmente as transações financeiras (incluindo tudo, desde a conta real e cívica para aluguéis e contagens de jogo), e para a compilação de listas tais como inventários de bibliotecas. Os tabletes foram amplamente utilizados na sala de aula durante a Antiguidade e esta função continuou. [72]

---

[71] ZUMTHOR, P. A letra e a voz. A "literatura" medieval. [original 1987]. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. p. 103.

[72] "From the evidence of surviving example, written source and visual representation of functions emerges. Tablets were employed as learning aids, notebooks, modelbooks, objetcs d'art and love tokens; for quasi-liturgical purposes; as vehicles for drafting of literary records, especially financial transactions (including everything from royal and civic account to rentals and gaming tallies), and for compiling lists such as library inventories. Tablets were widely used in the schoolroom during Antiquity and this function continued." BROWN, Michelle P. *The Role of the Wax Tablet in Medieval Literacy: A Reconsideration in Light of a Recent Find from York*," British Library Journal 20, no. 1 (Spring 1994): 1-16. P.7-8.

O escriba copiava então da tábua de cera para o pergaminho o texto. Com relação à escrita, a tese da composição feita ao mesmo tempo da escrita também não se sustenta:

> "Confinado até cerca do ano 100 a alguns mosteiros e cortes régias, o uso da escritura se expandiu com extrema lentidão nas classes dirigentes dos jovens Estados europeus. O magistral livro de M. Clanchcy provou-o, no que diz respeito à Inglaterra dos séculos XII e XIII. Durante esse período, a proliferação dos documentos administrativos ainda não muda nada de essencial nos comportamentos. B. Stock esboça a mesma história e levanta as implicações no conjunto do Ocidente, muito especialmente na França; insiste, como M. Scholz, no elo que liga a escritura ao desenvolvimento do comércio, à intensificação das comunicações e à personificação do direito, traços maiores dos séculos que se estendem entre 1050 e 1350. (...) Por isso, a impregnação das sensibilidades e dos costumes pelos valores que a manuscritura engendra não começou mesmo a mostrar seus efeitos antes do século XV, mais cedo lugar, mais tarde em outros; e a saturação escritural, característica da cultura "moderna", se produzirá bem mais tarde ainda." [73]

As partes apagadas poderiam ser simplesmente erros dos copistas. Além disso, ainda que o poema Beowulf exista apenas neste exemplar, os outros textos são claramente cópias de outros textos, demonstrando que é mais provável que o manuscrito seja mesmo uma compilação de outros textos. Caso admitamos que o caso do Nowell Codex seja diferente do usual para a Antiguidade e Idade Média e que o mesmo tenha sido composto pelos escribas no exato momento em que foi escrito, a existência de partes que foram apagadas no pergaminho não prova isto necessariamente, como insiste Kiernan.

[73] ZUMTHOR, P. – A letra e a voz. A "literatura" medieval. [original 1987]. Tradução Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. P. 106

.

Comparação da foliotação de Malonem e do “Palimpsesto” de Kiernan

Escribas	**Foliotação de Malonem (1884)**	*Foliotação de Kiernan (2011)*	**Manuscritos**	**Texto**
ESCRIBA A	*94v-98r*	*91r-95r*	Outro MS (20 linhas p/ página)	The Life of Saint Christopher
	98v-106v	*95v- 103v*		The Wonders of the East
	107r-131v	104r-129v		Letter of Alexander to Aristotle
	132r – 175v (linha /4)	129r-172v (linha 4)	Original (**Escriba A**) – 20 linhas p/ página	Beowulf
ESCRIBA B	175v (linha 3/4) - 181v	172v (linha 3/4-178v	Adição do **Escriba B**. O 179r 182r) Palimpsesto – pelo Escriba B (21 linhas p/ página)	
	182r -201	**179r-198v**		
	202r-209v	*199r -206v*	Outro MS (20 linhas p/ página)	Judith

Leonard Boyle, em 1997 lançou um artigo que, retornando ao manuscrito, após exaustivo exame do Nowell Codex, buscou nas manchas dos fólios indícios da trajetória da construção do manuscrito, dividindo-o em 3 unidades.

Para Boyle o fólio 182r(M)-179r(K), que seria o último desta "unidade II" teria sido exposto à chuva e ao calor. Provando assim, que a parte do texto Judith, não faria parte do manuscrito original e foi adicionada depois, corroborando a hipótese de Sisam.

> But a third may not entirely be ruled out of order, when notes that Scribe A stopped towards the end of a phrase, and it, may well, with a Word incomplete (the e of [mo]ste is certainly that of B, but the st could be A's). Perhaps the plain truth is that he had taken ill, and died. ".[74]

Boyle apresenta várias explicações para a mudança de escriba no meio da página. Dentre elas, sugere que a mudança de escriba no meio do texto poderia ter ocorrido por cansaço do primeiro escriba ou porque o segundo estava livre e pegou este "trabalho". E escriba B, o "Anglo-Insular", o mais velho teria terminando e corrigido o trabalho de A. Porém, a sua sugestão mais surpreendente é a da suposta morte do escriba A "*Anglo-caroline hand*" no meio do trabalho incompleto. A teoria do "ataque cardíaco", chamada assim por Andy Orchard.

[74] Tradução: "Porém, uma terceira hipótese não pode ser inteiramente descartada, quando se percebe que o escriba A parou próximo ao final de uma frase, e, como pode ser que, deixou uma palavra incompleta [na quarta linha, no início] (o "e" de [mo] ste é certamente do escriba B, mas o st poderia ser do escriba A). Talvez a mais simples verdade é que ele [escriba A] tinha ficado doente, e morreu." BOYLE, Leonard E. 'The Nowell Codex and the Poem of Beowulf'. In: The Dating of Beowulf. Toronto: University of Toronto Press, 1997. P.32

Teoria das três unidades e do “ataque cardíaco” [75]:

Escribas	**Unidades**	**Foliotação de Malonem (1884)**	**Texto**
ESCRIBA A “mão anglo-carolíngea”	**Unidade I**	*94v-98r*	**The Life of Saint Christopher**
		98v-106v	**The Wonders of the East**
		107r-131v	**Letter of Alexander to Aristotle**
		132r – 175v (linha 3/4)	**Beowulf**
ESCRIBA B “mão anglo-insular”		175v (linha 3/4) - 181v	
	Unidade II (21 linhas)	182r -201	
	Unidade III	202r-209v	**Judith**

[75] Adaptado de BOYLE, Leonard E. ‘The Nowell Codex and the Poem of Beowulf’. In: The Dating of Beowulf. Toronto: University of Toronto Press, 1997. P. 53.

Jane Roberts situa como data provável para a escrita do manuscrito o período da escrita "Anglo-saxon Minuscule chamada de "Square fase" (minúscula anglo-saxônica da fase quadrada) – de 920 a 1020. Ligada à ascensão e centralidade do poder ao reino de Wessex, reflexo do reinado de Alfred (de 871 a 899). A minúscula anglo-saxônica utilizada em escrito em inglês antigo é divida em três fases principais por esta pesquisadora:

1. "*Pointed fase*" (fase "pontuda"), fase inicial - usada desde os primeiros manuscritos conhecidos em inglês antigo até 920.

2. "*Square fase*" (fase quadrada), que vai de 920 a 1020. Está ligada essencialmente ao século X. Mais formal com varias influências da semi-uncial dos escritos latinos. Ligada à ascensão e centralidade do poder ao reino de Wessex e possivelmente apresentava-se como centro de criação de manuscritos, Winchester. Esta escrita seria, pois, reflexo do reinado de Alfred, que vai de 871 a 899. Este período é creditado como período de fomento da escrita em língua vernácula, traduzindo-se textos latinos originais ao inglês antigo.

3. "*Round fase*" (fase redonda). A mais elaborada de todas, de 1020 até 1060. Provavelmente produto da incorporação da minúscula carolíngia e da reforma beneditina. [76]

Curiosamente alguns tipos de iniciais decoradas dos primeiros manuscritos de origem em Winchester (como o Lauderadale Orosius e Parker Chronicle) apresentam mesmo tipo de inicial decorada do manuscrito contendo o poema Heliand em Old Saxon (Cotton Caligula A.vi), poema ao qual há alguns estudiosos que defendem semelhanças do texto como o poema Beowulf e com os textos do MS Junius 11, ou "*Caedmon Manuscript*". Ainda que o texto do poema *Heliand* seja escrito em minúscula carolíngia e tem provavelmente origem continental. [77]

---

[76] Adaptado e traduzido de ROBERTS, J. Scripts Used in English writings up to 1500. London: The British Library, 2008. P. 39.

[77] PRIEBSCH R. -The Heliand Manuscript Cotton Caligula A.vii. Oxford: Oxford Bodleian Library, 1925.

Michelle Brown também data o período da escrita do Nowell Codex como segundo quarto do século XI [78], ainda que não se detenha em tantos detalhes, nem crie uma classificação tão detalha quanto de Jane Roberts.

Andy Orchard refuta Peter S. Lucas, que em um artigo de 1990, afirmara que o poema Judith estaria antes da Passion of St. Christopher no manuscrito. Para Lucas, haveria duas lógicas no Manuscrito: seriam uma unidade de texto religioso e outra unidade de textos de origem "laica" ou "pagã", ou que dois manuscritos diferentes foram unidos. Posições defendidas em 1995 e reafirmadas no seu livro de 2003 – Orgulho e Prodígios.[79]

Além disso, a batalha é descrita com muito mais riqueza de detalhes do que a versão em latim. Andy Orchard defende que as duas lógicas, a pagã e a laica se interpenetram no Nowell Codex. Orchard vê paralelos entre os textos de Beowulf e da saga islandesa Grettis Saga Ásmundarsonar, compilada em 1280. Orchard demonstra ainda comparando com outras versões em Old English onde o São Cristóvão é descrito não só como gigante, como no fragmento do Nowell Codex, mas como um cinocéfalo que se converteu ao cristianismo. Os cinocéfalos aparecem tanto no texto da Wonders of The East quanto na Letter of Alexander to Aristotle.

Ainda assim, no poema Judith, esta figura feminina que nomeia este texto não é um "monstro". Porém, diferentemente da versão original latina, na qual ela é um exemplo de viuvez e castidade, no poema do Nowell Codex ela destaca-se pela beleza, coragem e sabedoria. Na versão em Old English, o momento em que Judith decepa a cabeça de Holofernes é muito mais detalhado do que no original latino, e é semelhante à forma em que são detalhadas as mortes violentas em Beowulf.

Para Orchard, todos os textos sempre estiveram unidos neste manuscrito. E são todos compilações de textos anteriores. E para provar isso, o pesquisador canadense refuta a teoria controversa de Kiernan, retomando de certa forma Sisam:

---

[78] BROWN, Michelle. Manuscripts from the Anglo Saxon Age. Toronto: University of Toronto Press, 2007. Pp. 141-142.

[79] LUCAS, Peter S. 'The Place of Judith in the Beowulf-Manuscript'. Review of English Studies41, 1990, 463-78.

> Inevitavelmente, então, todos nós vemos à mínima parte de Beowulf através dos olhos dos escribas, embora, parece claro que ambos são a cópia de pelo menos um exemplar anterior de data desconhecida, e que talvez seja, por sua vez, a cópia de uma cópia de uma cópia. (...) Ambos os escribas aumentam dramaticamente sua proporção de escrita no final de suas próprias tarefas, confirmando, então, o fato de que eles trabalharam dentro de uma quantidade pré-determinada e limitada de espaço. [80]

Orchard retoma todos os outros estudos anteriores, especialmente Sisam, baseando-se na distribuição de fonema "io" e "þ"/ "ð": na frase recorrente no poema: "*Beowulf falou (solenemente), o filho de Edgetheow*". [81]

Escriba	**Frase "formular"**		**Verso**
A	Béowulf maþelode	bearn Ecgþéowes	529
A	Béowulf maþelode	bearn Ecgþéowes	631
A	Béowulf maþelode	bearn Ecþéowes	957
A	Béowulf maþelode	bearn Ecgþéowes	1383
A	Béowulf maðelode	bearn Ecgþéowes	1473
A	Béowulf maþelode	bearn Ecgþéowes	1651
A	Béowulf maþelode	bearn Ecgþéowes	1817
B	Biowulf maðelode	bearn Ecgðioes	1999
B	Biowulf maþelade	bearn Ecgðéowes	2425

Orchard destaca que o Escriba A apresenta uma preferência pelo "eo", e pelo "þ". Já o escriba B utiliza muito mais a terminação "io" e o "ð". Estas preferências são

[80] "Inevitably, then we all see at least part of Beowulf through the scribes eyes, even though it seems clear that they are both copying from at least one earlier exemplar of unknown date, and perhaps itself the copy of a copy of a copy.(…) Both Scribes dramatically increase their rate of writing towards the end of their stint, so testifying to the fact that they were working within a predetermined and limited amount of space". ORCHARD, Andy. *Reading Beowulf Now And Then*. **Selim 12 (2003-2004**):49-81. p. 52.

[81] Idem, p. 53. A tradução e adaptação são nossas.

mais do que isso, um indício de que o Escriba A, escreve em um dialeto "mais recente do Old English, o "Late West Saxon" (Saxão do Oeste, ligado ao reino de Wessex, à Alfred, portanto). Porém, as preferências do Escriba B, revelam o uso de estruturas gramáticas mais comuns nos reinos do norte, como East Anglia, Northumbria ou Mércia, demonstrando sua origem mais antiga.

Orchard chama a atenção também para o fato de que as transcrições anteriores fizeram um esforço para uniformizar estas dissonâncias ou erros, e que o retorno ao manuscrito é importantíssimo para entender estas particularidades.

Orchard conta entre "erros e correções":

- 75 correções feitas pelo escriba A em sua parte;

- 57 correções do escriba B em sua própria parte;

- 13 feitas pelo escriba B na parte do A;

Ainda há Correções gerais: são erros comuns da mecânica da cópia:[82]

- Confusão no formato das letras individuais;

- Omissão de palavras individuais por omissão ou *haplografia*. Haplografia é um erro de copista que consiste em copiar-se somente uma vez um elemento (letra, sinal ou palavra) que se repete no original;

- Há também a ocorrência de *ditografia*, que é cópia de duas letras ou elementos que no original encontrava-se em uma única ocorrência, ou seja, duplicação de uma letra, sinal ou palavra única no original.

Todas estas correções e erros são sintomas que comprovam que o manuscrito é uma cópia. E há os erros que não foram corrigidos. Seriam advindos do texto original, ou seriam "erros" que passaram pelas revisões dos escribas?

[82] Ibidem. p. 52

Embora para Orchard, façam sentido as hipóteses dos textos sobre monstros e de dois conjuntos (religioso e secular), ele busca uma lógica maior para todos os textos. Para ele estes textos foram reunidos por dois temas interpenetrados: orgulho e prodígios.

> Não é certamente por engano que o manuscrito de Beowulf pôde combinar textos bíblicos, patrísticos, seculares em latim, e de natureza popular germânica em um códice misto, combinando e contrastando em prosa e verso temas cristãos e heroicos, e os mundos físico e psicológico, mostrando como inesquecivelmente o orgulho prodigioso pode tornar homens em monstros, e dar uma resposta enfática, afinal, à questão mesquinha de Alcuíno: Sic Hinieldus cum Christo ("isto aqui é o que Ingeld tem a ver com Cristo). "[83]

Orchard é cauteloso, mas todos estes indícios já fazem cair por terra as teorias de estudiosos anteriores, como por exemplo, as de Kiernan. Alcuíno, por exemplo, ao advertir aos monges britânicos contra a disseminação das "lendas" e superstições pagãs, pergunta: "*Quid enim Hinieldus cum Christo?"*- "O que Ingeld tem em comum com Cristo?", advertindo contra a preferência por "lendas pagãs" por eclesiásticos. Para Orchard, o manuscrito responde a esta pergunta ao amalgamar elementos cristãos com paganismo, não somente germânico, mas de origem greco-latina.

Apesar destas divergências polêmicas, do amplo período atribuído como propício à sua criação entre os séculos VII a X e retirando-se ideias menos sólidas sobre o poema Beowulf e seus manuscrito, há certo consenso de que o manuscrito teria sido produzido volta do ano 1.000, como conclui Roy Liuzza, em 2000. [84] Michael Lapdige,

---

[83]" It is surely no mistake that the Beowulf-manuscript should combine texts of biblical, patristic, secular Latin, and popular Germanic nature in one mixed codex combining and contrasting in prose and verse themes Christian and heroic, and worlds psychological and physical, showing unforgettably how prodigious pride can make monsters of men, and providing an emphatic answer, after all, to Alcuin's ungenerous question: Sic Hinieldus cum Christo ("this is what Ingeld has to do with Christ)." ORCHARD, Andy. Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript. Toronto: University of Toronto Press, 1995. P. 171.

[84] LIUZZA, R. M. - *On the Dating of Beowulf*. In: BAKER, P. S (ed.) - **The Beowulf Reader**. Routledge: New York, 2000. pp. 281-302; MITCHELL, B. & ROBINSON, F.C. - **Beowulf**. Blackwell Publishing: Oxford, 1998. Pp. 3-13.

por exemplo, em 2000, defendeu que alguma versão escrita de Beowulf deve ter existido antes de 750. [85]

Em nossa dissertação de mestrado trabalhamos com outra ideia (ainda que concordemos com os apontamentos codicólogicos e filológicos feitos por Orchard, que demonstra a unidade do manuscrito todo) . A teoria de que o orgulho e dos prodígios possam ser o tema comum dos textos do manuscrito apresenta-se, após exaustivo trabalho ser um tanto quanto vaga, pois não dá conta da totalidade dos temas dos textos do manuscrito. Parece-nos que os textos foram reunidos porque dizem respeito a um passado "Oriental". Mas, não um oriente exatamente geográfico, um Oriente no sentido de local do surgimento das coisas, um local de prodígios, mas que está no passado ancestral. E de certa forma, o manuscrito revela a imiscuidade entre o passado do Oriente mediterrânico greco-romano, via cristianismo latino, e as referências nórdico-germânicas. Portanto, consideramos a hipótese de que estes textos teriam sido reunidos devido a uma semelhança de caráter temático de acordo com a interpretação dos textos feitos pela época de seu registro, próximo ao ano 1.000. Pois Grendel e sua mãe são descendentes de Caim. No próprio poema Beowulf, o tempo do antigo Testamento confunde-se com o tempo da narrativa dos daneses e geatas pagãos. Para os anglo-saxões, seu passado de origem nórdico-germânica pagã seria também um oriente como "origem".

[85] LAPDIGE, M. 2000: *The Archetype of Beowulf*. In: Anglo-Saxon England. 29. Cambridige: Cambridge University. P. 41.

3.4. Observações paleográficas e codicológicas

O Nowell Codex não se enquadra em somente uma das mais comumente usadas nomenclaturas gerais do Ocidente medieval latino devido à especificidade dos escritos do período anglo-saxônico. Ao contrário do continente, a Inglaterra possui escrita de várias naturezas em língua vernácula. Há em inglês antigo desde escritos poéticos até leis, sermões, crônicas, etc. O latim era usado e muito conhecido pelos anglo-saxões, pois à medida que a cristianização avançou a Inglaterra Anglo-saxônica progressivamente inseriu-se na esfera cultural da cristandade Ocidental, não somente como receptora, mas como produtora de escritos.

O manuscrito possui 116 fólios preservados (provavelmente partes iniciais e finais foram perdidas antes da Idade Moderna). Como a maioria dos manuscritos anglo-saxônicos que chegaram aos tempos atuais, sua datação é aceita de forma ampla como sendo próximo do ano 1000. Devido aos danos sofridos pelo fogo, os fólios apresentam basicamente a parte do texto (riscadura) e apenas em alguns preservaram-se partes das margens. Suas medidas são 200 mm x 120 mm na parte preservada, sem contar o suporte onde se encontram coladas os centros dos fólios. O manuscrito possui 01 coluna por página.

A preparação da página (riscadura) apresenta ponta seca, em algumas páginas é possível ver as linhas, mas devido aos danos às margens causados pelo fogo, não conseguimos detectar os furos causados pelo instrumento (régua) para medição de cada traço das linhas e margens.

Quanto aos cadernos, não há dados suficientes para afirmar com certeza quantos fólios há por caderno, visto que toda a encadernação do manuscrito foi queimada.

A escrita é a minúscula anglo-saxônica. Há letras diferentes do alfabeto latino, utilizadas para fonemas da língua anglo-saxônica:

- æ (ash) – Ash tree –fraxinus ou freixo

- þ (thorn). fricativa dental surda ([θ] = thin) , fricativa dental sonora (ð= this)

- ð (eth) - fricativa dental surda ([θ]), fricativa dental sonora (ð)

- ƿ (wynn)

Além disso, há as abreviaturas características: “ond” e “þæt” (vide item 1). De 129r a 206v (Beowulf e Judith), os versos são separados por ponto (.) no meio das linhas, representando as cesuras.

Conseguimos identificar dois escribas para o manuscrito, como a maior parte da bibliografia acerca do manuscrito defende[86]. Além da evidente maior firmeza na escrita do escriba B - que torna suas letras mais escuras, mais fortes, quase um “negrito” perante o escriba B, há algumas particularidades que podemos destacar:

Escriba A:

Embora ambos utilizem sempre o “a” semiuncial, o escriba A tende a prolongar a cauda do a e a escrevê-la ligeiramente inclinada à direita. Tendência a serifar as barras do “b”, “h”, “l”, þ. Tendência a prolongar o remate das letras, como, por exemplo, letras: “b”, “l”, traço do “ð”, e das abreviaturas. Na letra “æ”, a parte que forma o “a”, tende a parecer-se com um triângulo. Tendência a manter o “e” dentro das linhas das minúsculas mesmo quando este forma ligaduras com outras letras subsequentes.

Escriba B:

Tendência a não fechar as letras “a”, “o”, “r”, “þ” e a abreviatura do “þæt” (que tem por base a mesma letra “þ”, talvez porque use a pena muito pressionada, causando um efeito de “negrito” quando compramos as escritas. Letra “e” sempre acima da linha das minúsculas. Barra inferior do “r”, ao contrário, tendencialmente mais curta. Cauda da letra “g” bem mais prolongada, fazendo um formato circular e retornando para arrematar encontrando com a parte superior dentro da linha das minúsculas.

[86] FULK, R.D & BJÖRK, R. E. & NILES, John D. **Klaeber’s Beowulf. 4th.** Edition. University of Toronto Press. Toronto: 2008. Pp. xxv-xxxv.

Capítulo 4 - O Oriente e os monstros no manuscrito de Beowulf

> Abundan los sistemas increíbles, pero de arquitectura agradable o de tipo sensacional. Los metafísicos de Tlön no buscan la verdad ni siquiera la verosimilitud: buscan el asombro. Juzgan que la metafísica es una rama de la literatura fantástica. Saben que un sistema no es otra cosa que la subordinación de todos los aspectos del universo a uno cualquiera de ellos. (Jorge Luis Borges) [87]

Dentre os estudos existentes que buscam explicar o que motivou a escolha destes textos que foram unificados neste manuscrito fazem sentido até certo ponto, como os de Sisam e o de Orchard. Sem desprezar estas hipóteses e seus extensos estudos, parece-nos que a lógica dos monstros, dos prodígios e do orgulho está sob um arco maior de ideias, que abarca todos os conteúdos do manuscrito realmente.

Neste capítulo demonstraremos como, juntamente com estas outras lógicas, o grande tema unificador do manuscrito é um ideal de Oriente. Porém, não o Oriente geográfico real, mas um Oriente que está ao mesmo tempo no passado e é origem. Este Oriente idealizado possui semelhanças com o Oriente imaginado pela Europa cristã medieval, mas apresenta algumas peculiaridades que apresentam-se mais evidentemente no poema Beowulf, pois é uma origem que conjuga o Oriente clássico e cristão com as origens (o Oriente) germânico (e ou nórdico). Esta operação é possível, pois de forma geral o pensamento analógico está na raiz tanto da criação do poema Beowulf quanto na motivação para escolha da união destes textos no manuscrito.

A base desta construção é toda a cultura clássica e cristã (greco-romana) trazida pelo próprio cristianismo e os elementos germânicos, também cristianizados, presentes na própria Inglaterra anglo-saxônica. Mas esta construção tem uma longa gestação que está documentada de alguma forma em Beda, e tem sua origem quando os anglo-saxões apropriam-se do latim, após a conversão ao cristianismo. Pois, após a cristianização e o

[87] BORGES, Jorge. Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. In: Ficciones. Buenos Aires: Sur Editorial, 1944.

aprendizado de latim, os anglo-saxões terão acesso aos autores que citam as origens destes povos germânicos que povoaram a Britânia romana, como Gildas.

Se o construto identitário anglo-saxão de Beda é a base para a leitura dos textos do Nowell Codex pelos próprios anglo-saxões, o pensamento *analógico* (presente no próprio construto de Beda) é o elemento que conecta os textos do manuscrito de Beowulf entre si, tal qual formulado por Hilário Franco Junior:

> [O pensamento analógico] Ou seja, forma de pensamento baseada em analogias. Como indica a etimologia da palavra grega (a*na*, "por meio de", *legein*, "assemelhar"), analogia é "proporção matemática" (identidade entre as relações que unem os termos de dois mais conjuntos) e "correspondência" (semelhança entre domínios heterogêneos possibilitada pela percepção de certa unidade entre eles). É isomorfismo que leva à transferência de propriedades de algo conhecido para outro menos conhecido, isto é gera conhecimento conectado com outros, e não apenas cumulativo. Logo, pensamento analógico é método extensivo que depende mais das propriedades sintáxicas do conhecimento do que de seu conteúdo específico. Ele busca similitude entre seres, coisas e fenômenos, todos articulados em uma totalidade que os ultrapassa e é comum a cada elemento. Tais pontos estruturais presentes em todo componente do universo decorrem, desta perspectiva, de uma realização primordial, de uma unidade básica de tudo, escalonada por semelhanças dos termos análogos entre si e por referência deles ao termo primeiro, ao protótipo.[88]

Além do viés antropológico sobre como funciona o pensamento analógico humano, Hilário Franco Junior especifica e exemplifica como ocorria o pensamento analógico para os tempos medievais:

> É por isso, que o pensamento analógico privilegia a busca de semelhanças. Sem negar, contudo as diferenças entre os elementos comparados sejam eles sociais, naturais ou supranaturais. É por isso igualmente que as sociedades pré-industriais, inclusive a do Ocidente medieval, fazem relativa indistinção entre os ventos daquelas esferas. (...)As correlações estabelecidas pelo pensamento analógico entre dois ou mais termos de um mesmo sistema ou entre sistemas diferentes podem ser diretas (por similitude de características e/ou funções) ou invertidas (por contraste ou paradoxo). Sob quaisquer dessas formas, é pensamento indutivo, comparativista e intuitivo, que automática e espontaneamente constitui uma malha de conexões afetivas consideradas capazes de exprimir e explicar a integralidade do mundo, portanto de acalmar as dúvidas existenciais. O papel central que o pensamento analógico desempenhou na Europa medieval é bem compreensível, dada a predominância dele nas três heranças culturais que construíram a europeia - a clássica, a bíblica e a germânica.[89]

---

[88] FRANCO JUNIOR, Hilário. Os três Dedos de Adão – Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Edusp, 2010. Pp. 96-97.

[89] Idem. P.97.

Sendo assim, demonstraremos como, por diversos tipos de teias de analogias diretas ou indiretas, os textos foram unidos em uma analogia maior: as origens.

Porém esta operação, no cotidiano medieval se dá pela lenta leitura e escrita dos textos e das imagens presentes nos manuscritos, a *Ruminatio*:

> Esta imagem [uma inicial iluminada], como muitos outros produzidos na Inglaterra anglo-saxã, pretende ensinar ao leitor como ler ambos os textos e imagens. Estes processos, diferentemente dos nossos modernos métodos de leitura, implicava em uma lenta, meditativa ingestão e ruminação buscando extrair os diversos níveis de significados presentes no texto. [90]

Portanto, apesar de destacarmos uma única lógica geral, o Oriente, para a escolha destes textos, de forma alguma podemos negar a existência de diversas outras lógicas para esta escolha, como a dos monstros, por exemplo. E, por isso mesmo, não é possível esgotar todos estes níveis de significados para o leitor (ou os leitores) dos textos à época do registro do manuscrito.

[90] "This image, like many others produced in Anglo-Saxon England, aims to teach the reader how to read both texts and images. These processes, unlike our modern approaches to reading, involved a slow, meditative ingestion and rumination in order to draw out various levels of meaning in the text." GAMESON, Richard. The Role of Art in the Late Anglo-Saxon Church. Oxford: Clarendon Press, 1995. P. 61.

4.1. As origens para os anglo-saxões

O fato de que os anglo-saxões, pelo menos os mais cultos, sabiam de sua origem continental germânica[91] e pagã é unânime entre os anglo-saxonistas. Podemos citar como exemplo as palavras de Dorothy Whitelocke sobre este assunto:

> Os ingleses dos tempos anglo-saxônicos estavam cientes das origens germânicas de seu povo e os homens mais cultos, após a primeira metade do século VIII, poderiam acrescentar que os seus antepassados vieram de três das mais bravas nações da Germânia: os anglos, os saxões e os jutos - que desembarcaram a princípio na província romanizada da Britânia, no ano de 449. Eles provavelmente obtiveram esta informação, direta ou indiretamente, dos escritos do grande historiador, Beda, cujo mais famoso trabalho, sua Historia Eclesiástica da nação inglesa, finalizado em 731, contém um capítulo sobre a origem de seu povo, muito usada por escritores tardios. [92]

De fato, Beda é a principal fonte sobre este período de ocupação "germânica" nas ilhas britânicas. Mas, antes dele há Gildas, o sábio (500 –570), monge celto-britânico do século VI. Sua obra *De Excidio et Conquestu Britanniae*, que contém narrativas da Britânia pós-romana. Gildas atribui nesta obra a culpa aos bretões, na forma de seus pecados, pela perda da Britânia romana para os anglo-saxões:

> Então, todos os conselheiros - juntamente com o orgulhoso tirano Gurthrigern, o rei bretão [celto-britânico]- estavam tão cegos, que, como proteção ao seu país, eles selaram sua maldição pelo convite [para viver] entre eles, como lobos no curral de ovelhas, os ferozes e ímpios saxões - um povo odioso à Deus e aos homens, buscando assim, impedir a invasão das nações nortenhas. Nada nunca foi tão pernicioso à nossa nação, nada nunca foi tão desafortunado. Que embotamento mental tomou suas mentes desesperadas e cruelmente assombradas! Estas mesmas pessoas que, quando ausentes são temidas mais do que a própria morte, foram convidadas a viver

---

[91] Sobre os usos do termo *germânico*, recomendamos o seguinte artigo, disponível on-line, que, além de demonstrar a artificialidade do termo, faz um balanço histórico da fluidez de significados deste termo: "It did not correspond (at least, at first) to any self-determined denomination nor does it reflect any provable consciousness of a common Germanic identity among early northern European peoples. As recent studies of early medieval ethnogenesis have argued, without a uniform identity-consciousness among the speakers of the Germanic dialects, the denomination "Germanic" can be considered nothing other than a mere scholarly convention." FRUSCIONE, D. - *On "Germanic"*, In: **The Heroic Age- A Jornal of Early Medieval Northwestern Europe- Issue 14 (November 2010).**

URL: em: http://www.mun.ca/mst/heroicage/issues/14/fruscione.php (acessado em 15/05/2012). .

[92] "Englishmen in Anglo-Saxon times were aware of the Germanic origin of their race and most educated men after the first half of the eight century could probably have added that their forefather came for three of the bravest nations of Germany, the Angles, the Saxons, and the Jutes, and first landed in the Romanized province of Britain in the year 449. They would have derived this knowledge, directly or indirectly from the writings of the great historian , Bede, whose most famous work, his Ecclesistical History of the English nation, which he finished in 731, contains a chapter on the origin of his race much used by later writers." WHITELOCK, Dorothy. The beginnings of English Society. London (UK): Penguin Books/Aylesbury, 1956. P. 11.

> sob o mesmo teto: príncipes tolos, com se diz, de Thafneos, ao aconselhar ao insensato faraó. Uma multidão de filhotes veio diretamente do covil desta leoa bárbara, em três 'cyuls", como eles chamam, que são três barcos de guerra, com suas velas insufladas pelos ventos e com presságios e profecias favoráveis, pois foi predito por certo adivinho entre eles, que eles deveriam ocupar o país para o qual estavam navegando por 300 anos, e que na metade deste tempo, 150 anos, deveriam saquear e despojar o mesmo. Eles desembarcaram pela primeira vez no lado leste da ilha, devido ao convite do infeliz rei e não fixaram suas garras para lutar em favor da ilha, mas contra ela. Sua terra-mãe, percebendo que fora bem-sucedida sua primeira ninhada, enviou uma companhia maior de sua lupina descendência, que velejando, junta-se aos seus bastardos companheiros. A partir desse momento o germe da iniquidade de, a raiz da discórdia plantou seu veneno entre nós, como merecíamos, e deitou suas folhas e ramos. [93]

Esta informação está presente no já citado Beda, por Dorothy Whitelock, em sua *Historiam Ecclesesticam Gentis Anglorum*, escrita em latim, mas traduzida ao inglês antigo no período do reinado do rei Alfred, de onde se tirou a tradicional história que os anglo-saxões descendem de três povos germânicos continentais: anglos, saxões e jutos:

> No ano do nosso senhor de 449, Marciano alçado a imperador com Valentiniano, e o 46º desde Augusto, governou o império por sete anos. Então, a nação dos anglos, ou saxões, convidada pelo referido rei [Vortigern], chegou em três grandes embarcações e obtiveram um lugar garantido para assentarem pelo mesmo rei, na parte oriental da ilha, pois assim, pareciam estar lutando por este país, mas suas reais intenções eram escravizá-lo. Depois, eles se engajaram contra o inimigo, que veio do norte e obtiveram a vitória, que foi conhecida pelo seu país de origem, assim como a fertilidade da terra e a covardia dos britânicos e a mais extensa frota dói enviada rapidamente, trazendo um número maior de homens, que adicionados aos primeiros, formaram um exército invencível. Os recém-chegado receberam dos britânicos um lugar para morar, sob a condição que eles deveriam guerrear contra os inimigos deles para manter a segurança do país, enquanto os britânicos concordaram em fornecer-lhes remuneração. Aqueles que chegaram eram originários dos três mais poderosas nações da Germânia:

---

[93]"Tum omnes consiliarii una cum superbo tyranno cæcantur, adinuenintes tale præsidium, immo excidium patriæ ut ferocissimi illi nefandi nominis saxones deo hominibusque inuisi, quasi in caulas lupi, in insulam ad retundendas aquilonales gentes intromitterentur. quo utique nihil ei usquam perniciosius nihilque amarius factum est. o altissimam sensus calignem! o desperabilem crudamque mentis hebetudinem! quos propensius morte, cum abessent, tremebant, sponte, ut ita dicam, sub unius tecti culmini inuitabant: 'stulti principes', ut dictum est, 'taneos dantes pharaoni consilium insipiens'. Tum erumpens grex catulorum de cubili læanæ barbaræ, tribus, ut lingua eius exprimitur, cyulis, nostra longis nauibus, secundis uelis omine auguriisque, quibus uaticinabatur, certo apud eum præsagio, quod ter centum annis patriam, cui proras librabat, insideret, centum uero qunquaginta, hoc est dimidio temporis, sæpius uastaret, euectus, primum in orientali parte insulæ iubente infausto tyranno terribiles infixit ungues, quasi pro patria pugnaturus sed eam certius impugnaturus. cui supradicta genetrix, comperiens primo agmini fuisse prosperatum, item mitit satellitum canumque prolixiorem catastam, quæ ratibus aduecta adunatur cum manipularibus spuriis. inde germen iniquitatis, radix amritudinis, uirulenta plantatio nostris condigna meritis, in nostro cespite, ferocibus palmitibus pampinisque pullulat". GILDAS, De Excidio et Conquestu Britanniæ, 23.

Extraído de: STEVENSON, Joseph (Ed.), GILDAS. De Excidio et Conquestu Britanniæ ad fidem manuscriptorum recensuit. Londres: Sumptibus Societatis, 1838. Pp. 30-31.

Traduzido ao português com base na tradução do latim para o inglês de: GILES, J. A. The works of Gildas and Nennius. Londres: James Bohn-Williams Stevens, 1841. pp.19-20.

> saxões, anglos e jutos. Dos jutos descendem o povo da Cantuária e da Victuária (Kent) e da Ilha de Wight e todos aqueles da província saxônica Ocidental (Wessex) que até hoje são chamados de jutos, situado em oposição à ilha de Wight. Dos saxões, que são originários do que hoje é chamada de Antiga Saxônia, vieram os saxões orientais, saxões meridionais e saxões ocidentais. Dos anglos, da terra conhecida como Anglia, e como é chamada desde aquela época, que permanece deserta até hoje, entre as províncias dos jutos e saxões, descendem os anglos orientais, os anglos das terras –médias, mércios, e toda estirpe dos nortúmbrios, que são esse povo que ocupam as terras ao norte do rio Umber, e os outros povos dos anglos [94]

Mas Beda somará a origem espiritual à origem "genética" anglo-saxônica. É inegável que haja em vários níveis institucionais e culturais considerável influência formativa "germânica" de origem continental na sociedade anglo-saxônica por uma razão de origem étnico-linguística. A aparição de elementos germânicos neste poema cristão deve-se ao fato que a sociedade que o produziu possuía estes elementos "germânicos" em sua teia de relações sociais. Porém, a oposição frequente entre cultura "germânica" e cultura "cristã" nos estudos que se debruçam sobre o poema é uma construção anacrônica que busca separar realidades que estavam mescladas na sociedade anglo-saxã.

A imiscuidade de elementos "pagãos" e cristãos é uma característica existente desde os primórdios da cristianização dos anglo-saxões. Ela estará presente inclusive no próprio discurso eclesiástico de "conversão" dos futuros "ingleses", por exemplo, nos

---

[94] "ANNO ab incarnatione Domini CCCCXLVIIII Marcianus cum Ualentiniano XLVI ab Augusto regnum adeptus, VII annis tenuit. Tunc Anglorum siue Saxonum gens, inuitata a rege præfato [Uurtigerno], Brittaniam tribus longis nauibus aduehitur, et in orientali parte insulæ, iubente eodem rege, locum manendi, quasi pro patria pugnatura, re autem uera hanc expugnatura, suscipit. Inito ergo certamine cum hostibus, qui ab aquilone ad aciem uenerant, uictoriam sumsere Saxones. Quod ubi domi nuntiatum est, simul et insulæ fertilitas, ac segnitia Brettonum; mittitur confestim illo classis prolixior, armatorum ferens manum fortiorem, quæ præmissæ adiuncta cohorti inuincibilem fecit exercitum. Susceperunt ergo, qui aduenerant, donantibus Brittanis, locum habitationis inter eos, ea condicione, ut hi pro patriæ pace et salute contra aduersarios militarent, illi militantibus debita stipendia conferrent. Aduenerant autem de tribus Germaniæ populis fortioribus, id est Saxonibus, Anglis, Iutis. De Iutarum origine sunt Cantuarii et Uictuarii, hoc est ea gens, quæ Uectam tenet insulam, et ea, quæ usque hodie in prouincia Occidentalium Saxonum Iutarum natio nominatur, posita contra ipsam insulam Uectam. De Saxonibus, id est ea regione, quæ nunc Antiquorum Saxonum cognominatur, uenere Orientales Saxones, Meridiani Saxones, Occidui Saxones. Porro de Anglis, hoc est de illa patria, quæ Angulus dicitur, et ab eo tempore usque hodie manere desertus inter prouincias Iutarum et Saxonum perhibetur, Orientales Angli, Mediterranei Angli, Merci, tota Nordanhymbrorum progenies, id est illarum gentium, quæ ad Boream Humbri fluminis inhabitant, ceterique Anglorum populi sunt orti. Duces fuisse perhibentur eorum primi duo fratres Hengist et Horsa; e quibus Horsa postea occisus in bello a Brettonibus, hactenus in orientalibus Cantiæ partibus monumentum habet suo nomine insigne. Erant autem filii Uictgilsi, cuius pater Uitta, cuius pater Uecta, cuius pater Uoden, de cuius stirpe multarum prouinciarum regium genus originem duxit." Beda, História Eclesiástica dos povos ingleses. Livro I, capitulo XV.

Original em latim e tradução ao inglês (utilizada como auxílio na presente tradução ao português de PLUMMER, Carl. Venerabilis Bædæ Historiam Ecclesiasticam Gentis Anglorum Oxford: Clarendom, 1896. Pp. 30-31 (Tomo I);

escritos instrutivos do papa Gregório Magno ao orientar que os santuários pagãos não deveriam ser destruídos na Britânia. Outros fatos demonstram a coexistência dos elementos locais neste cristianismo, como a aceitação do idioma anglo-saxão no nome das festividades cristãs como a Páscoa (*Eoster* em anglo-saxão), na escritura das leis[95], e na existência de versões tanto em prosa, quanto paráfrases em verso de episódios bíblicos no idioma anglo-saxão, algo que é único na cristandade Ocidental do período. Vide por exemplo, os poemas do Codex Junius 11[96]. A produção de textos, tanto no idioma local quanto em latim demonstra como, apesar destas particularidades, a Inglaterra anglo-saxônica está inserida no universo da circulação de escritos cristãos da Europa Ocidental neste período.

O fato de que uma imensa Bíblia de mais de 500 fólios, como o *Codex Amiatinus* teria sido produzida no mosteiro de Wearkmouth-Jarrow pelas ordens do abade Ceolfrith (688-716) demonstra que a circulação de escritos entre o continente e as ilhas britãnicas era expressiva. Conforme narrado por Beda, a Bíblia foi feita para ser entregue pelo próprio Ceolfrith diretamente às mãos do papa. O abade morreu no caminho, não finalizando sua missão. Mas o enorme Códice ainda por volta desta época chegou até península itálica, onde se encontra até os dias de hoje, mais precisamente em Florença.[97]

A presença do *wyrd* (destino), dos funerais crematórios nos barcos e outros elementos com características pré-cristãs no poema poderiam ser na realidade elementos mais "laicos" do que "pagãos" aos olhos da época. O "*wyrd*", e outras fórmulas textuais "germânicas", presentes em diversas outras composições poéticas de origem oral desta sociedade não podem ser desprezadas, pois são perceptíveis na confrontação com outras obras da mesma época. [98]É impossível traçar todo o percurso que liga Beowulf ao Antigo Testamento. Mas podemos analisar alguns aspectos que apontam como o texto bíblico está apropriado dentro do poema, independentemente da forma como este texto chegou a compor parte da construção da narrativa do poema. E verificando como ele

---

[95] BROWN, P. - **The Rise of Western Christendom: triumphy and diversity, A.D. 200-1000**, 2nd Edition. Blackwell Publishing: Oxford, 2003. p. 346.

[96] URL: http://image.ox.ac.uk/show?collection=bodleian&manuscript=msjunius11 (acessado em 13/06/2012).

[97] GAMESON, R. - **The Early Medieval Bible**, Cambridge: Cambridge University Press, 1996. P. 98.

[98] FENTRESS, J. & WICKHAM, C. - **Memória Social - Nova Perspectivas sobre o Passado**. Lisboa: Editorial Teorema, 1992, P. 61.

está inserido na narrativa do poema, verificamos como o texto vetero-testamentário era lido pela sociedade anglo-saxônica.

Após a conversão ao cristianismo, o passado cristão, que traz consigo também a herança clássica greco-romana e pagã se imiscuirá com esta "identidade" germânica para produzir a identidade anglo-saxônica, que será mais religiosa do que qualquer outra coisa:

> O próximo passo seria, deste modo, a conversão dos anglo-saxões ao cristianismo. Nesta conversão Beda estabelece uma identidade que transcende as linhas familiares do mito germânico de origem e o papel do pagão como um instrumento de castigo divino para criar uma identidade que seria étnico-religiosa.[99]

Um exemplo visível desta construção, citando o próprio Gildas, estará presente em Wulfstan, o homilista, em sua mais famosa composição, o sermão do Lobo aos ingleses, composto e escrito entre 1010 e 1016:

> Houve um homem sábio nos tempos dos bretões, chamado Gildas, que escreveu sobre as más ações deste tal povo. Ele contou como, através de seus próprios pecados, os mesmos enfureceram a Deus, a ponto de Ele deixar os exércitos ingleses conquistarem as terras deles e destruírem totalmente as tropas dos bretões.[100]

Sendo assim, esta construção muitas vezes paradoxal, acerca da origem espiritual cristã e "genética" germânica - ao mesmo tempo presente em Beda –estará presente em certa medida até o fim do período anglo-saxônico. Diversas genealogias de reis anglo-saxônicos apresentam personagens míticos germânicos como antepassados desta realeza.

---

[99] "The next step in this plan was of course the Anglo-Saxon conversion to Christianity. In this conversion, Bede establishes an identity for them which transcends the familiar lines of Germanic origin myth, and the role of the pagan as an instrument of divine retribution, to create an identity which was ethno-religious."MCKINNEY, Windy. Creating a gens Anglorum: Social and Ethnic identity in Anglo Saxon England through the lens of Bede's Historica Ecclesiastica. Thesis submitted for Degree of Doctor of Philosophy in Medieval Studies, University of York, 2011. P. 9.

[100] "An þeodwita wæs on Brytta tidum, Gildas hatte, se awrat be heora misdædum, hu hy mid heora synnum swa oferlice swyþe God gegræmedan þæt He let æt nyhstan Engla here heora eard gewinnan, and Brytta dugeþe fordom mid ealle." WHITELOCK, D. - Sermo Lupi Ad Anglos. London (UK): Methuen & Co. LTd., 1952, 2nd edition.

Vide também nossa tradução ao português em: BRITO FILHO, Gesner L.C. Tradução: 'Sermo Lupi Ad Anglos' - O sermão do Lobo aos ingleses de Wulfstan, o homilista. In: Revista Brathair, Vol. 13, nº 1, 2013. pp.105-113. Disponível em: http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/issue/view/118 . Acessado em 30 mai.2014.

> A imaginação dos anglo-saxões comovia-se por esta tradição, vaga e sem forma, de algo majestoso do passado distante, de uma idade de ouro em que os homens eram mais altos, mais ousados, mais livres e mais gloriosos. E poetas do inglês antigo buscavam encontrar e fazer algum drama interpretado por estes grandes reis e heróis, apartá-los da história e libertá-los para realizar a sua magia coletiva em um palco maior do que suas próprias vidas ou sociedade(...). Poetas da lenda germânica, também, conjurado por seus contemporâneos como uma magnífica, descendência aristocrática, uma história orgulhosa incorporando esperanças e medos atuais, um sonho agradável transmutando o deserto da existência diária em uma paisagem rara e estranha.[101]

Apesar de ser um lugar comum, a identidade é construída sobretudo pela pela alteridade, e neste jogo entre Oriente-origens que os textos do Nowell Codex serão unidos. Pois, é sobre o Oriente como origens que aqueles ou aqueles que uniram os textos neste manuscrito. E o Nowell Codex representa uma tentativa de enquadrar os documentos nestas origens, ao somar documentos que falam sobre o Oriente como origem, um Oriente clássico, germânico e, sobretudo, visto pelas lentes do cristianismo.

[101]The imagination of the Anglo Saxons was stirred by this tradition, vague and unformed, of something majestic out of the distant past, of a golden age in which men are taller, bolder, freer and more glorious. And Old English poets were moved to find and make some drama played by these great kings and heroes, cutting them loose form history and setting them free to perform their collective magic on a stage larger than their own lives or society. (…) . Poets of Germanic legend, too, conjured up for their cotemporaries a magnificent, aristocratic descent, a proud history embodying current hopes and fears, a pleasant dream transmuting the desert of daily existence into a landscape rare and strange. FRANK, Roberta. Germanic legend in Old English literature. IN: GODDEN, Malcolm & LAPIDGE, Michæl . The Cambridge Companion to Old English Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 104

4.2.Oriente como local e tempo de origem

Apesar de escritos em inglês antigo, nenhum texto do Nowell Codex apresenta como tempo ou espaço de suas "narrativas" a Inglaterra anglo-saxônica. O quadro abaixo resume os tempos e espaços presentes em cada texto do manuscrito:

Texto	**Tempo da narrativa**	**Espaço**
The Life of Saint Christopher	Século III ou IV	Antioquia – Oriente do Império Romano.
The Wonders of the East	Século IV a. C. (Alexandre, O Grande)	Oriente, da Babilônia até a Índia
Letter of Alexander to Aristotle	Século IV a. C. (Alexandre, O Grande)	Oriente: Índia.
Beowulf	Século V, mas remete ao início da criação (Genesis)	Oriente "nórdico" em relação à Inglaterra : Geatland (atual Suécia) e terra dos Daneses (atual Dinamarca), porém referências ao Gênesis bíblico (Criação e Caim).
Judith	Vetero-testamentário	Palestina – Oriente.

A construção do palácio por Hrothgar no poema Beowulf acontece no presente da narrativa, e sua criação funciona como uma analogia à própria criação do mundo pelo Deus do Gênesis bíblico. O rei Horthgar ao beber junto com seus guerreiros e doar riqueza (os anéis) no salão faz uma partilha ritual do poder num local sagrado. É a construção de um mundo, de uma nova sociedade. Esta ligação com o início da criação é confirmada na festa de comemoração da construção de Heorot, quando um "*scop*" (bardo ou escaldo) canta a criação do mundo por Deus e dizer que todos viveram por muito tempo, alegres, felizes e abençoadas até que Grendel seus crimes perpetrasse:

> Ele [Grendel] que, em cada um de seus dias ouvia músicas festivas
> Em alto [brado entoadas] no salão. Havia som de harpa -
> doce melodia do poeta - que dizia o que sabia sobre
> a remota criação dos homens.
> Disse [ele] que o Todo-poderoso criou à Terra -
> belíssimo campo cercado de água.
> Criou triunfantes ao Sol e à Lua -
> luzeiros brilhantes para os moradores da Terra.

E adornou aos cantos da Terra
com galhos e folhas. Ele criou a vida, também,
cada espécie que vive e que se move.
Então, os nobres homens viviam em alegria,
felizes, até ele atacar,
perpetrar sua fúria. O demônio-inimigo [d]o inferno,
era o selvagem estrangeiro, conhecido por Grendel.[102]

A construção do palácio de Heorot é propositalmente análoga à criação bíblica. Evidencia-se aqui a influência do Genesis bíblico neste relato da criação do mundo:

1. No princípio, Deus criou os céus e a terra.
2. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.
3. Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz foi feita.
4. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas.
5. Deus chamou à luz DIA, e às trevas NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia.
6. Deus disse: "Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras".
7. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima.
8. E assim se fez. Deus chamou ao firmamento CÉUS. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o segundo dia.[103]

Ainda dentro desta chave do "tempo antes dos tempos", o poema narra a genealogia dos reis daneses, desde o mitológico *Shield Shefing*, até Hrothgar:

Então estava na cidade Beowulf (Beaw) dos Shieldings,
estimado rei de seu povo. Há muito tempo
o povo ouvia sobre ele, sobre seu seu pai que em outra nação
[foi] líder na terra, até que ele nascesse.
O altivo Halfdene que governou enquanto viveu
velho e feroz em batalha, aos brilhantes Shieldings.
A ele quatro filhos em sucessão direta
levantaram-se no mundo como líderes de legiões:
Heorogar e Hrothgar e o bondoso Halga.
Eu ouvi que Yrse foi rainha do [rei] Onela,
do guerreiro Shilfing companheira de leito

[102] swutol sang scopes sægde sé þe cúþe / frumsceaft fíra feorran reccan / cwæð þæt se ælmihtiga eorðan worhte / wlitebeorhtne wang swá wæter bebúgeð / gesette sigehréþig sunnan ond mónan / léoman tó léohte land-búendum /ond gefrætwade foldan scéatas /leomum ond léafum líf éac gesceóp /cynna gehwylcum þára ðe cwice hwyrfaþ / Swá ðá drihtguman dréamum lifdon / éadiglice oð ðæt án ongan / fyrene fremman féond on helle / wæs se grimma gaést Grendel háten. (Beowulf, vv. 88 – 102) .

[103] Gn 1; 1-9. "1.in principio creavit Deus cælum et terram 2.terra autem erat inanis et vacua et tenebræ super faciem abyssi et spiritus 3.Dei ferebatur super aquas 4.dixitque Deus fiat lux et facta est lux 5.et vidit Deus lucem quod esset bona et divisit lucem ac tenebras 6.appellavitque lucem diem et tenebras noctem factumque est vespere et mane dies unus 7.dixit quoque Deus fiat firmamentum in medio aquarum et dividat aquas ab aquis 8.et fecit Deus firmamentum divisitque aquas quæ erant sub firmamento ab his quæ erant super firmamentum et factum est ita 9. vocavitque Deus firmamentum cælum et factum est vespere et mane dies secundus". Extraído de: Vulgata em latim, conforme: Biblia Sacra Vulgata. Editio quinta. Stuttgart:German Bible Society, 2007. Disponível em http://www.academic-bible.com/en/online-bibles/biblia-sacra-vulgata/read-the-bible-text/ Tradução ao português extraída de Gn 1; 2 . BÍBLIA DE JERUSALÉM (vários editores e tradutores). São Paulo: Paulus Editora, 2008.

Então foram por Hrothgar [obtidos] sucesso na batalha,
glória na guerra para ele e seus comandados,
que a ele obedeciam completamente, até que sua jovem [tropa] crescesse
em um grande éxercito. E veio ao seu espírito [mente] :
o palácio do poder que ele governaria -
o Grande Salão de hidromel criado pelos homens.
Onde os homens em seu interior sempre ouvirão
e lá, juntos, todos congregaram (compartilhariam),
do jovem ao velho, assim com Deus concedeu, [104]

A vida de São Cristóvão se passa no tempo posterior ao advento, mas também num momento de desavença entre o cristão "Cristóvão" e o pagão "Dagnus", no tempo do Império Romano. Porém a referência ao tempo da criação esta presente no texto do início do fragmento: *"...de meu Deus, o Cristo Salvador, mas você é iludido e insensato, você que não teme ao Senhor, que é o criador de todas as coisas*". [105]

Judite também se passa no tempo do Antigo Testamento. Porém, alem de citar a natureza trinitária da divindade, demonstra claramente como Deus é o criador de todas as coisas, ao pedir em oração que Deus lhe conceda atributos para matar Holofernes, que serão concedidos, de um verdadeiro guerreiro tal qual Beowulf:

Eu a ti, Deus das origens e Espírito consolador,
Filho do Todo-poderoso, peço rezando,
tua compaixão, em meu auxílio,
Ó Poder Tríade (Trindade). Agora, Pesado é o meu
coração inflamado e oprimido pela tristeza,
perturbado fortemente pelo sofrimento. Conceda-me, Senhor dos céus,
vitória e verdadeira fé, que eu com esta espada, seja-me permitido
cortar este doador de atos de violência Dê-me minha salvação
Severo Senhor dos homens. Eu nunca tive, da tua
compaixão antes, grande necessidade. Vingue agora, poderoso Senhor,
nobre-espírito Doador de glória, para que a mim assim, dolorosamente em
[meu espírito
esteja esta chama em meu coração." [106]

---

[104] Ðá wæs on burgum Béowulf Scyldinga /léof léodcyning longe þráge /folcum gefraége -- fæder ellor hwearf /aldor of earde-- oþ þæt him eft onwóc /héah Healfdene héold þenden lifde /gamol ond gúðréouw glæde Scyldingas /ðaém féower bearn forðgerímed /in worold wócun weoroda raéswan: / Heorogár ond Hróðgár ond Hálga til /hýrde ic þæt Ýrse wæs Onelan cwén /Heaðo-Scilfingas healsgebedda. /Þá wæs Hróðgáre herespéd gyfen /wíges weorðmynd þæt him his winemágas /georne hýrdon oðð þæt séo geogoð gewéox /magodriht micel him on mód bearn /þæt healreced hátan wolde / medoærn micel men gewyrcean /þone yldo bearn aéfre gefrúnon /ond þaér on innan eall gedaélan /geongum ond ealdum swylc him god sealed. (Beowulf, vv. 53-72).

[105] "…mines Dryhtnes hælendes cristes, ac þu eart dysig ond unsnotor, þu ðe ne ondrætst Dryhten se ys ealra ðinga scyppend.". (Passion of Saint Christopher, linhas: 1-3) p. 3.

[106] Iċ ðē, frymða God ond frōfre Gæst, /Bearn Alwaldan, biddan wylle /miltse þīnre mē þearfendre, /Ðrȳnesse Ðrym. Þearle ys mē nū ðā /heorte onhæted ond hiġe ġeōmor, /swȳðe mid sorgum ġedrēfed. Forġif mē, sweġles Ealdor, /sigor ond sōðne ġelēafan, þæt iċ mid þȳs sweorde mōte /ġehēawan þysne morðres bryttan. Ġeunne mē mīnra ġesynta, /þearlmōd Þēoden gumena.

As maravilhas e a Carta de Alexandre, complementares que são, trabalham em outra modulação, mas que de certa forma encontram semelhança com Beowulf. Porém, mais do que isso, ele está conectado as origens, pois é um construtor, um criador tal qual o rei Hrothgar em Beowulf :

> A região ocupada é habitada majoritariamente por mercadores. Os carneiros difundidos por lá têm o tamanho de bois, que povoam a área tanto como a cidade dos medos. O nome da cidade é *Archemedon* ; que é a maior cidade excluindo-se a cidade da Babilônia. (...) há grandes monumentos lá, que, são obras que o macedônio Alexandre [o grande] mandou que fossem feitas.[107]

Apesar de Alexandre ser pagão, ele é um Ocidental viajando para o Oriente. Há uma evidente identificação do leitor anglo-saxão com o personagem. Ele faz às vezes do leitor anglo-saxão ao descobrir todas as coisas desconhecidas do Oriente e da Índia. Nas palavras do "personagem" Alexandre, sobre a variedade de seres maravilhosos no mundo:

> A terra existe para ser mirada [olhada - maravilhada), aquela que a princípio produz tanto coisas boas ou torna-as más, pelo que é revelado aos observadores. Ela continuamente produz esta bem conhecidos animais selvagens e plantas e minerais de metais e maravilhosas criaturas, todas estas coisas, para as pessoas que as testemunham e observam, são difíceis de serem entendidas devido a variedade de suas formas. [108]

Além deste papel, destaca-se aqui a ideia de "gênese", origem das coisas. Apesar de não citar o Deus cristão, este tipo de ideia de criação provém do Genesis bíblico, tal qual aparece em Beowulf para justificar o surgimento das coisas, especialmente as maravilhas. E ao mesmo tempo, Alexandre, tal qual Beowulf é uma espécie de pagão valoroso entre pagãos maldosos:

Nāhte iċ þīnre nǣfre / miltse þon māran þearfe. Ġewrec nū, mihtiġ Dryhten, / torhtmōd tīres Brytta, þæt mē ys þus torne on mōde, /hāte on hreðre mīnum." (Judith vv. 83-94).

[107] Seo lond bunis is swyðust cepe-monnum geseted. Þær beoð weðras acenned on oxna micelnesse, þa buað oð Meda burh. Þær burge nama is Archemedon; sio is mæst to Babilonia burh (…).Þær syndon þa miclan mærða, þæt syndon þa weorc þe se micla macedonisca Alexsander het gewyrcan. (The wonders of the East, linhas 5-10)

[108] Seo eorðe is to wundrienne, hwæt heo æest oþþe godra þinga cenne, oððe eft þe heo þæm sceaxigendum is æteowed. Hio is cennende þa ful-cuþan wildru ond wæstmas ond wecga oran ond wunderlice wyhta, þa þing eall, þæm monnum þe hit geseoð ond sceawigað, wæron une þe to gewitanne for þære missenlicninsse þara hiowa. (Letter of Alexander to Aristotle, linhas 5-10).

> Em suma, embora o paganismo fosse alheio aos cristãos, clérigos queriam acima de tudo para trazer os pagãos para o rebanho cristão: eles eram parte da criação de Deus, e eles tiveram que convertidos antes do fim dos tempos. O Outro, por isso, tinha que permitir a possibilidade de integração. Como resultado, o pagão, o Outro no início da Idade Média é uma categoria ambígua, e não uma clara demarcação de diferença. [109]

Em outras palavras é um pagão com todas as características de um cristão. E o cristianismo conseguirá operar esta adequação, esta acomodação de todas estas origens dentro de um fundamento religioso não étnico:

> Mitos de origem permitem aos povos para localizarem-se no tempo e no espaço. Eles oferecem uma explicação sobre as tradições desconhecidas e sagradas, ligando-os aos acontecimentos heróicos e personagens do passado distante. Além disso, eles formam a base para os sistemas de crenças ou ideologias que, proporcionando uma validação moral para atitudes e atividades, ligam os homens juntos em uma sociedade.[110]

Por analogia, entende-se que o tempo bíblico, que é o passado, mas ao mesmo tempo é eterno, é o lugar das origens, origens que se imiscuem: as origens germânicas pagãs são as mesmas Greco-romanas pagãs, todas englobadas dentro da moldura de origem cristão que é o Antigo Testamento.

---

[109] In short, although Paganism was alien to the Christian, churchmen wanted above all to bring the pagans into the Christian fold: they were part of God's creation, and they had to be preached to before the Last Times. The Other, therefore, had to allow the possibility of integration. As a result the Pagan Other in the early Middle Ages is an ambiguous category, and not a clear demarcation of difference." WOOD, Ian – *The Pagans and the Other: Varying Presentationss in The Early Middle Ages*. IN: Networks and Neighbours, Volume One, Number One, 2013. p. 19.

Disponível em http://www.networksandneighbours.org/index.php/ (acessado em 03/02/2014).

[110] Myths of origin enable people to locate themselves in time and space. They offer an explanation of the unknown and hallowed traditions by linking them to heroic events and personages of the distant past. In addition, they form the ground for belief systems or ideologies which, providing a moral validation for attitudes and activities, bind men together into a society. MacDougall, Hugh Racial Myth in English History: Trojans, Teutons, and Anglo-Saxons (London: University Press of New England, 1982), 1.

4.3. Monstros e origens

Os monstros presentes nos textos do manuscrito inserem-se naquilo que Le Goff nomeia de maravilhoso medieval. De origem plural, todos estas criaturas serão reunidas em uma ordenação do mundo que embora para a atualidade aparente ser irracional ou baseado na fé, na realidade dentro do pensamento analógico, busca uma ou diversas racionalidades ou lógicas que expliquem o ordenamento do mundo. Dentro de uma lógica cristã obviamente:

> Assim, o maravilhoso no cristianismo parece-me essencialmente encerrado nessas heranças – das quais encontramos elementos "maravilhosos' nas crenças, nos textos, na hagiografia. Na literatura, o maravilhoso é praticamente sempre de raízes pré-cristãs. [111]

Partindo-se desta formulação, o lugar perfeito para a manifestação do monstruoso acontece além dos limites do quotidiano. Pois, além dos limites visíveis na rotina mundana poder-se-ia perceber uma lógica de compilação acerca de monstros (o maravilhoso) nos textos do Nowell Codex:

> "É raro que o maravilhoso exista nos limites de nosso horizonte; na maioria das vezes ele nasce fora do alcance do olhar. È por isso que as 'extremidades' da terra são fecundas, sejam elas regiões polares, periféricas ou simplesmente terras misteriosas inexploradas, nos confins da terra conhecida. O estado de espírito mais favorável à credulidade e à fabulação é o estado de receptividade extrema e apreensão em que se encontram os viajantes que pisam pela primeira vez em uma dessas terras, onde não se tem mais certeza da materialidade do solo e do equilíbrio entre os diferentes elementos."[112]

Ainda que esta lógica, um tanto quanto incerta no caso do poema Judite especialmente, abarque também a lógica de textos sobre o oriente, ou sobre as origens dos anglo-saxões.

---

[111] LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval [tradução Manuel Ruas, original de 1985]. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. P. 47.

[112] KAPPLER, Claude. Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média. [tradução Ivone Benedetti, original de 1980]. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993. P.39.

Beowulf encontra na gruta subterrânea onde viviam Grendel e sua mãe, uma espada feita pelos *gíganta cyn* - pelo povo dos gigantes em tempos primordiais. Os gigantes estão presentes na mitologia germânica[113], mas também estão presentes no texto vetero-testamentário:

> 1. Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas,
> 2. Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.
> 3. Então, disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.
> 4. Ora, naquele tempo havia *gigantes* na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.
> 5. Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração;
> 6. Então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. [114]

Em Números:

> 30. Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela.
> 31.Porém os homens que com ele tinham subido disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.
> 32.E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura.
> 33.Também vimos ali *gigantes* (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos.[115]

---

[113] SHIPPEY, Tom (ed.) The Shadow-Walkers: Jacob Grimm's Mythology of the Monstrous. Tempe: Medieval and Renaissance Texts and Studies 291 /Brepols, 2005.

[114] Gn 6, 1-5. Texto da Vulgata: "1.cumque coepissent homines multiplicari super terram et filias procreassent 2videntes filii Dei filias eorum quod essent pulchræ acceperunt uxores sibi ex omnibus quas elegerant 3dixitque Deus non permanebit spiritus meus in homine in æternum quia caro est eruntque dies illius centum viginti annorum 4gigantes autem erant super terram in diebus illis postquam enim ingressi sunt filii Dei ad filias hominum illæque genuerunt isti sunt potentes a sæculo viri famosi 5videns autem Deus quod multa malitia hominum esset in terra et cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum omni tempore." Disponível em http://www.academic-bible.com/en/online-bibles/biblia-sacra-vulgata/read-the-bible-text/ Tradução ao português extraída de Gn 1; 2 . BÍBLIA DE JERUSALÉM (vários editores e tradutores). São Paulo: Paulus Editora, 2008.

[115] Nm 13, 30-33. Texto da Vulgata: "30.Amalech habitat in meridie Hettheus et Iebuseus et Amorreus in montanis Chananeus vero moratur iuxta mare et circa fluenta Iordanis; 31.inter hæc Chaleb conpescens murmur populi qui oriebatur contra Mosen ait ascendamus et possideamus terram quoniam poterimus obtinere eam; 32.alii vero qui fuerant cum eo dicebant nequaquam ad hunc populum valemus ascendere quia fortior nobis est. 33.detraxeruntque terræ quam inspexerant apud filios Israhel dicentes terram quam lustravimus devorat habitatores suos populum quem aspeximus proceræ staturæ est. 34.ibi vidimus monstra quædam filiorum Enach de genere *giganteo* quibus conparati quasi lucustæ videbamur." IDEM.

A espada encontrada na gruta dos monstros funciona também como elemento de conexão entre tempo da saga e este passado da criação, pois ela continha sua origem gravada em letras rúnicas as lutas dos tempos iniciais do mundo, pois foi feita por gigantes. O poema usa a palavra de origem germânica para gigante, "*ent*" (inglês antigo) na maioria das vezes, mas no trecho abaixo alterna com "*giganta*" de origem latina, o que demonstra esta imiscuidade germânico-latina:

> Viu, então, entre as artes-de-guerra uma espada abençoada com a vitória,
> uma espada-anciã gigantesca com lâminas fortes,
> para guerreiros de espírito-valoroso, era a melhor das armas.
> Porém, ela era mais do que qualquer outro homem,
> de butim-de-batalha, pudesse carregar,
> boa e terrível, o trabalho de *gigantes*.
> Ele tomou-a pelo cabo ornamentado, o herói dos Shieldings,
> feroz e furiosa espada, desembanhou a marcada-de-anéis ,
> sem esperança de sobreviver, atacou furiosamente
> contra o pescoço dela, duramente golpeou,
> quebrando aos anéis-dos-ossos, a lâmina atravessou totamente
> pelo amaldiçoado manto-de-carne. Ela [mãe de Grenedel] sucumbiu ao [solo,[116].

Os gigantes são caracterizados como antepassados, como um povo antigo habilidoso, existentes no início dos tempos:

> O trabalho de *gigantes* antigos, passou à [sua] possessão,
> Após a queda dos demônios [falsos deuses], do líder dos daneses,
> O trabalho dos ferreiros-maravilhosos, e então a esta palavra desistiu
> O homem de coração cruel, adversário de Deus
> Culpado por assassinatos, e sua mãe também,
> e de comando passou, dos reis-do-mundo,
> Dos melhores entre os dois mares,
> Desses que na Escandinávia compartilharam tesouros.
> Hrothgar falou, observou o cabo da espada,
> O antigo legado, no qual estava escrita a origem
> do conflito ancestral quando a inundação assassinou,
> derramou o mar, à raça dos gigantes,
> atingidos terrivelmente. Pois eram um povo estranho
> ao Senhor eterno, e eles a recompensa-final
> através da corenteza das águas, o Senhor liberou,
> como estava naquele cabo-de-espada, de ouro brilhante,
> pelas letras rúnicas, exatamente marcadas,
> entalhadas e [que] diziam, para quem aquelea espada foi feita,
> o melhor dos aços, primeiramente foi
> com o cabo torcido e com desenho de dragão. (...) [117]

---

[116] "Geseah ðá on searwum sigeéadig bil / ealdsweord eotenisc ecgum þýhtig / wigena weorðmynd þæt wæs waépna cyst / búton hit wæs máre ðonne aénig mon óðer / tó beaduláce ætberan meahte /gód ond geatolíc gíganta geweorc /hé geféng þá fetelhilt freca Scyldinga /hréoh ond heorogrim hringmaél gebrægd /aldres orwéna yrringa slóh /þæt hire wið halse heard grápode /bánhringas bræc bil eal ðurhwód /faégne flaéschoman héo on flet gecrong. (BEOWULF, vv. 1557-1564)

[117] "Hárum hildfruman on hand gyfen /enta aérgeweorc hit on aéht gehwearf /æfter déofla hryre Denigea fréän /wundorsmiþa geweorc ond þá þás worold ofgeaf / gromheort guma godes andsaca /morðres scyldig ond his módor éac /on geweald gehwearf woroldcyninga /ðaém sélestan be saém twéonum /ðára þe on Scedenigge sceattas daélde. /Hróðgár maðelode hylt scéawode / ealde lafe on ðaém wæs ór written /fyrngewinnes syðþan flód ofslóh /gifen géotende gíganta cyn-- /frécne geférdon

Conectado diretamente ou não a estes elementos da narrativa épica, há registros em outros documentos em Old English, que demonstram que muitos anglo-saxões acreditavam que as ruínas romanas presentes no território inglês eram obras de gigantes. Há o registro, por exemplo, no *Exeter Book*, no poema *"A ruína",* de que as construções romanas em ruínas[118] eram consideradas como *"*antigo trabalho de gigantes":

> Maravilhosa é esta construção,
> O destino quebrou-a
> Seus pavimentos destruídos
> O trabalho dos gigantes deteriora-se.[119].

O primeiro grande opositor do herói que aparece na narrativa principal do poema é o monstro Grendel. No desenrolar da narrativa, o herói Beowulf enfrenta a vingança da mãe de Grendel. Os dois seres habitam o pântano desde tempos imemoriais e são descendentes de Caim, uma das figuras de maldição primordial da narrativa bíblica, pois é o primeiro criminoso:

> Assim como a ele [Grendel], o Criador condenou ao banimento
> à toda estirpe de Caim por causa do vingativo assassinato,
> pelo Senhor Eterno, pois ele matou Abel.
> Nenhuma alegria [obteve] desta vingança mas, baniu-o para longe
> o Senhor Deus, pelo crime contra a humanidade.
> Deste modo os monstros, todos surgiram:
> ogros e elfos e orcs. A todos os gigantes
> que lutam contra Deus desde muito tempo,
> Ele retribuiu-os seus atos com esta pena. [120]

Um dos fatores que explica a força descomunal dos dois monstros é a ligação dos mesmos com os primórdios da criação. Grendel e sua mãe só poderiam ser derrotados através de algo com um poder e origem equivalentes à deles: a espada feita pelos gigantes do início dos tempos da criação. Este *topos* se repetirá na velhice do

---

þæt wæs fremde þéod /écean dryhtne him þæs endeléan /þurh wæteres wylm waldend sealde-- /swá wæs on ðaém scennum scíran goldes /þurh rúnstafas rihte gemearcod /geseted ond gesaéd hwám þæt sweord geworht /írena cyst aérest waére /wreoþenhilt ond wyrmfáh ðá se wísa spræc." (Beowulf vv. 1671-1698).

[118] BLAIR, P. H. - **An introduction to Anglo-Saxon England**. Cambridge: Cambridge University Press: 1959, pp. 396-398.

[119] Wrætlic is þes wealsta/ wyrde gebræcon/ burgstede burston,/ brosnað enta geweorc CHADWICK, N. K. - **Anglo-Saxon and Norse poems**, Cambridge(UK): Cambridge University Press, 1922, PP. 51-57.

[120] "Siþðan him scyppend forscrifen hæfde / in Caines cynne þone cwealm gewræc /éce drihten þæs þe hé Ábel slog /ne gefeah hé þaére faéhðe ac hé hine feor forwræc /metod for þý máne mancynne fram /þanon untýdras ealle onwócon /eotenas ond ylfe ond orcnéäs /swylce gígantas þá wið gode wunnon /lange þráge hé him ðæs léan forgeald. (Beowulf: vv. 106– 114).

herói ao enfrentar ao dragão. Grendel e sua mãe são humanos, pois são descendentes de Caim. São componentes de uma tipologia do mundo enquadrada numa ordenação cristã do mundo:

> O que encontramos no norte, pelo contrário, era um modelo mais horizontal. O mal não vinha do céu. Não era "demoníaco" em que sentido estrito. Ele vinha da terra aberta, e era totalmente concreto. Estamos lidando com uma padronização do imaginário social, que via a sociedade humana estabelecida como cercada, por todos os lados, pelo invasor selvagem. O "mundo intermediário" de ordem humana estava sempre cercado por "mundo exterior", cujos habitantes sinistros ou fascinantes eram tão palpáveis como eram os seres humanos. [121]

A figura do monstro associa-se, assim, a comportamentos e ações inaceitáveis por esta sociedade. A nomeação de *gaest* - estrangeiro ou alienígena, que é utilizada diversas vezes para nomear Grendel - abarca tudo que é estranho àquela sociedade. Porém, como o próprio poema nos conta, o casal de monstros habitava aqueles pântanos desde tempo "imemoriais". Grendel não é identificado no poema com Satanás, com o oponente de Deus, mas com o primeiro humano criminoso, o primeiro traidor, o primeiro fratricida, o primeiro "amaldiçoado" pela "ira de Deus": Caim. Sua figura apresenta-se, portanto, como um homem, que se desumanizou pelos seus maus atos e pela conseqüente maldição divina. Portanto, Grendel e sua mãe como monstros físicos, animalescos e, sobretudo antropomórficos. Não são *demônios,* seres espirituais, com poderes sobrenaturais, embora diversas vezes as palavras empregadas para nomeá-los também possuam ao mesmo tempo sentido de demônios espirituais: *aéglaéca*[122] ou *gaest*[123] Grendel é "*godes yrre bær*"[124] - aquele que carrega o ódio de Deus e "*godes*

---

[121] "What we meet in the north, by contrast, was a more horizontal model. Evil did not come from the sky. It was not "demonic" in that strict sense. It came across the open land, and it was utterly concrete. We are dealing with a patterning of the social imagination which saw settled human society as surrounded, on every side, by the encroaching wild. A "middle world" of human order was forever hemmed in by "outer world", whose grim or alluring denizens were quite as palpable as were human beings". BROWN, P. - **The Rise of Western Christendom: triumphy and diversity, A.D. 200-1000**. Oxford: Blackwell Publishing, 2nd Edition, 2003, pp.482.

[122] BEOWULF: vv. 159, 433 e 816.

[123] BEOWULF: vv. 86, 102, 1349 e 1617.

[124] BEOWULF: v. 711.

andsacan”[125] - adversário de Deus - e possui hábitos selvagens e monstruosos como o canibalismo[126].

Tanto daneses quanto geatas são (no momento da narração) cristãos e ao mesmo tempo respeitam às leis germânicas, como o *wergeld*, que não é respeitado pelos dois monstros.

> De qualquer homem das tropas dinamarquesas
> não renunciou às mortes violentas, nem a [pagar]
> Nenhum dos conselheiros esperava
> à nobre recompensa, das mãos do assassino.[127]

O *wergeld* - o “preço de um homem” - era o pagamento feito à família do morto pelo assassino. O *wergeld* variava em função da posição social da vítima e normalmente era pago como uma compensação aos parentes do morto (ou ferido) de acordo com os costumes e depois de acordo com valores estabelecidos pelas legislações escritas.[128] Assim, o inimigo estrangeiro traz a esta sociedade anglo-saxã do período pré-dominação normanda, que é múltipla e fragmentada (cultural, social, religiosa e politicamente), uma união artificial. Os dois primeiros grandes inimigos de Beowulf são estrangeiros que já moravam nas terras danesas desde muito tempo. O herói Beowulf é um *geata* que vem salvar aos *daneses*. E a conexão dos inimigos com o mal primordial do Antigo Testamento, por oposição, une os daneses e geatas acima de qualquer desavença que possa acontecer. As palavras de Unferth contra Beowulf perdem o sentido diante do enfrentamento e vitória contra este mal.

Os monstros representam um mal “estrangeiro” que paradoxalmente habita a periferia, os pântanos da mesma terra em que vivem estes bons homens. Os daneses de Hrothgar seriam, então, invasores ou novos ocupantes destas terras? Seria o reino danês, a terra prometida deste novo Israel? Grendel e sua mãe habitam aquelas terras antes dos daneses, porém, são os estrangeiros. São estrangeiros porque não constroem nada e são os causadores de destruição.

---

[125] BEOWULF: v. 786.

[126] BEOWULF: vv. 742-745.

[127] Wið manna hwone mægenes Deniga, /feorhbealo feorran, féa þingian /né þaér naénig witena wénan þorfte / beorhtre bóte tó banan folmum. (BEOWULF: vv. 155-158.)

[128] LOYN, H. R. (Org.), - **Anglo-Saxon England and the Norman Conquest**. Oxford (UK): Longmans, Green and Co. Ltd., 1962, pp. 205.

Diferentemente do casal de monstros antropomórficos que Grendel e sua mãe representam, o dragão é um ser muito mais bestializado. Há várias aparições de dragões tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo. Porém, o poema não deixa tão claro como no caso de Grendel e sua mãe, a ligação direta deste dragão com quaisquer textos bíblicos. O tesouro acumulado na caverna, que ele toma posse, vai contra a tradição anglo-saxã (exaltada diversas vezes como virtude dos governantes no próprio poema Beowulf) de doação e compartilhamento da riqueza.

> Logo depois, de Beowulf, o vasto reino
> passou ás mãos. Ele governou muito bem
> por cinquenta invernos, ele era um rei sábio,
> um experiente guardião da terra, até que viesse
> nas noites escuras um dragão para dominar.
> Ele [dragão] que em um alto salão, vigiava um tesouro acumulado,
> Uma poderosa fortaleza de pedra, em um caminho que permanecia
> desconhecido para os homens. Lá entrou
> um homem, que não se sabe como, e tateou pelo
> tesouro pagão suas mãos ao redor
> de uma jóia ornamentada, que ele conseguiu depois,
> pois ele [o dragão] dormia e foi enganado
> pela astúcia do ladrão. O povo descobriu,
> o povo da vizinhança, que ele[o dragão] ficou furioso.[129].

No poema os bons soberanos são "*doadores de anéis*", pois compartilham a riqueza e o poder com seus nobres súditos. [130] A riqueza obtida sem a luta heroica e guerreira não tem sentido algum nesta sociedade. O tesouro anteriormente acumulado e guardado agora pelo dragão carrega a ideia da ganância. Mais uma vez, o mal que habita a terra antes da instalação da sociedade atual (a comunidade do rei Beowulf, desta vez), se faz presente na forma do Dragão. Mas, desta vez o mal é despertado pela ganância de um de seus súditos.

Voltando ao primeiro texto do manuscrito, ainda que falte uma parte do texto de São Cristóvão presente no Nowell Codex, tanto diversas fontes latinas quanto outra versão em inglês antigo descreve o santo mártir como sendo de grande estatura e possuindo cabeça de cão, um cinocéfalo:

---

[129] Syððan Béowulfe braéde rice /on hand gehwearf hé gehéold tela /fiftig wintra --wæs ðá fród cyning / eald éþelweard-- oð ðæt ón ongan / deorcum nihtum draca rícsian / sé ðe on héaum hofe hord beweotode / stánbeorh stéarcne stíg under læg /eldum uncúð. Þaér on innan going /niða náthwylc ond néah geféng /haéðnum horde hond gewríþenne / since fáhne hé þæt syððan beget / þéah ðe hé slaépende besyred hæfde / þéofes cræfte• þæt síe ðíod onfand / búfolc beorna þæt hé gebolgen wæs. (BEOWULF, vv. 2207-2220)

[130] ANDERSSON, T. M. - *The Thief in Beowulf*. In: **Speculum, Vol. 59, No. 3.** pp. 493-508. Cambridge (USA): Medieval Academy of America, 1984.

> Durante os dias do imperador Décio, ele entrou na cidade chamada Samos daquelas pessoas onde os homens têm cabeças de cão e que a região onde os homens comem uns aos outros. Ele tinha uma cabeça de cão, e seu cabelo era extremamente grosso, e seus olhos brilhavam tanto quanto estrela da manhã, e os seus dentes eram tão afiados quanto as presas de um javali. Ele acreditava em Deus em seu coração, mas ele não foi era de falar como um homem. Quando ele orou a Deus para dar-lhe a fala humana, um homem vestido de branco veio até e ele e soprou em sua boca; em seguida, ele foi capaz de falar como um homem.[131]

Os homens ou humanoides de grande estatura, ou corpos humanoides bestiais aparecem em diversas das criaturas das Maravilhas do Oriente, como por exemplo, tais quais São Cristóvão do primeiro texto, os cinocéfalos:

> Também não nascem lá [homens] meio-cães que são chamados *Conopenae*. Eles têm crinas de cavalos, presas de javali, cabeças de cães e sua respiração é como uma chama de fogo. Essas terras estão perto das cidades que estão repletas de toda a riqueza mundana, isto é, ao sul do Egito.[132]

O texto das Maravilhas também cita diversos outros seres humanoides de grande estatura como os Homodubii (os quase homens) de seis pés de altura, pessoas de 15 pés de altura que tem duas faces no rosto, povo da Ciconia (Gália) com jubas de leão e 20 pés de altura, e diversos outros.

Na carta de Alexandre, ainda que a ênfase se dê nos animais e paisagens inóspitas da índia, há a narração da existência de peixes-faunos e também os cincéfalos, como São Cristóvão:

---

[131] ‘Sē com on Decius dagum þæs caseres on þa ceastre þa Samo is nemned of þære þeode þær men habbað hunda heafod ond of þære eorðan on þære æton men hi selfe. he hæfde hundes heafod, ond his loccas wæron ofer gemet side, ond his eagan scinon swa leohte swa morgensteorra, ond his teð wæron swa scearpe swa eofores tuxas. he wæs gode geleaffull on his heortan, ac he ne mihte sprecan swa mon. þa bæd he god þæt he him sealde monnes gesprec; þa stod him æt sum wer on hwitum gegirelan ond eðode him on þone muð; þa mihte he siððan sprecan swa mon.” HERZFELD, George, ed. An Old English Martyrology. Woodbridge: Boydell and Brewer, 1997. Originally published for the Early English Text Society, Vol. 116 (n.p.: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1900). P. 90.

[132] “Eac swylce pær beod cende healf-hundingas pa syndon hatene conopenas hy habbad horses mana and eoferes tuxas and hunda heafdu and heora orod bid swylce fyres leg pas land beod neah psem burgum pe beod eallum worldwelum gefylled f is on pa sud healfe egyptana lands. (Maravilhas do Oriente, linhas 25-30) RYPINS, Stanley. Threee Old English Prose texts in MS Cotton Vitellius A.xv. Oxford: Early English Text Society, 1924. Utilizamos este volume como base, embora haja no mesmo algumas transcrições incorretas do texto do manuscrito, as quais corrigimos no texto aqui presente.

> Quando era manhã do dia [seguinte], nós viajamos até outra terra habitada da Índia, chegamos em uma uma certa grande planície. Lá vimos mulheres e homens e mulheres hirsutos, com pelos e cabelos como de animais selvagens. Eles possuíam nove pés de altura, e todas pessoas estavam nuas, e não se importavam com roupas. Os indianos os chamam de *ictifafonas* (peixe-faunos?), e eles tomam as baleias dos rios próximos e comem-nas, vivem delas e depois bebem a água. Quando eu desejei aproximar-me para vê-los e observá-los melhor, eles fugiram rapidamente para a água e esconderam-se entre as brechas das rochas. Depois disso, nós vimos entre as matas e as árvores um grande grupo de [homens] meio-cães, que seguiram-nos com a intenção de nos ferir. E quando atiramos flechas contra eles imediatamente eles fugiram de volta para a mata. Depois viajamos para as vastidões da Índia, e nós não vimos mais nada maravilhoso ou memorável. [133]

Embora não apareça necessariamente nenhuma menção a algum ser monstruoso como nos outros textos do manuscrito, há em um momento do poema Judite a utilização da palavra "*atolan*" para nomear Holofernes, que significa terrível, monstruoso, repulsivo.

> (....) Então foi, do Salvador
> a serva gloriosa, compelida em
> como ela ao *homem monstruoso* facilmente poderia
> privar à vida (....) [134]

A mesma palavra é utilizada no poema Beowulf para qualificar batalhas terríveis (versos 596), aparência das águas pantanosas fervendo sangue (versos 848, 1766), o próprio Grendel ("atol aéglaéca" , nos versos 165, 592, 732, 1502), os atos de Grendel (332) e, finalmente ao dragão (v 2670). Ainda que não seja descrito exatamente como um monstro, Holofernes é uma espécie de São Cristóvão invertido. Ele é um homem, um guerreiro líder de exércitos, doador de tesouros, porém, age como um monstro por ser pagão e tomar à força a terra do povo de Judite. Por isso, é qualificado com o mesmo adjetivo usado em monstros, batalhas ou forças da natureza.

---

[133] Ða hit þa on morgen dæg wæs þa ferdon we on oþer þeodlond India þa cwoman we on sumne micelne feld. Ða gesawe þær ruge wif-men ond wæpned men wæron hie swa ruwe ond swa gehære swa wildeor. Wæron hie nigon fota uplonge ond hie wæron pa men nacod ond hie næcniges hrægles ne gimdon. Ðas men Indeos hatað *ictifafonas* ond hie of ðæm neaheum ond merum þa hronfiscas up tugon ond þa æton ond be þæm lifdon ond þæt wæter æfter druueon. Mid þy ic þa wolde near þa men geseon ond sceawigon þa flugon hie sona in þa wæter ond hie pær in þæm stan-holum hyddon. Þa æfter þon gesawon we betweoh þa wudu-bearwas ond þa treo healf-hundinga micle mængeo, þa cwoman to þon þæt hie woldon us wundigan. Ond we þa mid strælum hie scotodon ond hie sona onweg aflymdon, ða hie eft on þone wudu gewiton þa syððan geferdon we in þa westenn India ond we þa þær noht wunderlices ne mærlices gesawon.

[134] "(…) Þā wæs Nerġendes / þēowen þrymful, þearle ġemyndiġ /hū hēo þone *atolan* ēaðost mihte ealdre benæman ær se unsȳfra, / womfull onwōce". O itálico é nosso. (Judite, VV. 74-77)

Como os monstros são figuras conectadas às origens, a lógica de compilação acerca do monstruoso não nega a unidade temática maior do Nowell Codex – ela a complementa e reafirma: as origens dos anglo-saxões.

> Finalmente, e para os meus propósitos especialmente, todos esses mitos contêm algum tipo de elemento animalesco ou monstruoso. Para Gildas, os anglo-saxões são 'bestas selvagens'. Seus inimigos também são 'bestas bárbaras selvagens... hordas imundos de escoceses e pictos, assim como tropas escuras de vermes que emergem de suas tocas apertadas, seus pequenos esconderijos, quando Titan [o sol] é alto e eles crescem borbulhantes no calor'. Para Nennius, as genealogias dos britânicos e anglo-saxões estão todas ligadas à Gog e Magog e de acordo com Geoffrey de Monmouth e Gerald de Gales estão repletas de gigantes que precisam ser mortos para que a Grã-Bretanha de voltar a ser habitada. (...) Os anglo-saxões usaram essas histórias de origem para explicar sua existência e para justificar a sua presença na Inglaterra, mas ao mesmo tempo esses mitos evidenciam ansiedades culturais que giram em torno de monstruosidade e hibridismo.[135]

Além disso, como compilação acerca do Oriente, do outro, e levando-se em conta que a identidade se processa pela alteridade, os monstros apresentam-se como a alteridade extrema materializada:

> O monstro é a diferença que se fez carne e veio habitar entre nós. Em sua função como o Outro dialético ou terceiro suplementar, o monstro é uma incorporação do Lado de Fora, o Além - de todos estes *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas se originam de Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrita através (construída através) do corpo monstruoso, mas para a maior parte a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual.[136]

Esta perspectiva Antropológica sobre os monstros explica a moldura de pensamento que unifica os textos do manuscrito: um Oriente como lugar de origem e de onde se cria os monstros, um lugar de origem e ao mesmo tempo lugar da alteridade,

---

[135] Finally, and for my purposes most importantly, all these myths contain some sort of animalistic or monstrous element. For Gildas, the Anglo-Saxons are "wild beasts." Their enemies are likewise "wild barbarian beasts . . . filthy hordes of Scots and Picts, just like dark troops of worms which emerge from their tight holes, their little hollows, when Titan [the sun] is high and they grow hot in the warmth." For 'Nennius,' the genealogies of the Britons and Anglo-Saxons are all tied in with Gog and Magog and the accounts of Geoffrey of Monmouth and Gerald of Wales are filled with giants that need to be killed in order for Britain to be re-inhabited. (…) The Anglo-Saxons used these origin stories to explain their existence and to justify their presence in England, but at the same time these myths betray cultural anxieties that revolve around monstrosity and hybridity. MITTMAN, Asa. Maps and Monsters in medieval England. New York: Routledge, 2006. Pp .14-15

[136] The monster is difference made flesh, come to dwell among us. In its function as dialectical Other or third-term supplement, the monster is an incorporation of the Outside, the Beyond—of all those *loci* that are rhetorically placed as distant and distinct but originate Within. Any kind of alterity can be inscribed across (constructed through) the monstrous body, but for the most part monstrous difference tends to be cultural, political, racial, economic, sexual. COHEN, Jehffrey Jeromy, Monster Theory: Reading Culture. University of Minnesota Press: MIneapolis, USA, 1996. (p.7)

pois a origem de tudo , segundo o próprio cristianismo é uma só: Deus. Além disso, os monstros são gerados pela mesma substancia da criação no local da criação:

> Nestes pântanos, plantas primitivas e animais primitivos se fundem em lodo, limo e lama. . . A vegetação podre pode ser quase tão proeminentes nos barrancos quanto carne podre, e ainda estamos apegados a crenças populares que tal lama vegetal gera espontaneamente as minhocas, lesmas, sapos, salamandras, filhotes de lama, sanguessugas, e enguias que nós associamos a ela.[137]

Tal qual o lodo sangrento do pântano onde vivem Grendel e sua mãe, este o Oriente é o local de onde originou-se o homem e de ao mesmo tempo de onde surgem os monstros.

[137] In these fens primitive plants and primitive animals merge into slime, ooze, and murky quagmire. . . Rotting vegetation can be nearly as gorge raising as rotting flesh, and we are still wedded to folk beliefs that such vegetable muck spontaneously generates the worms, slugs, frogs, newts, mudpuppies, leeches, and eels we associate with it.William Ian Miller, *The Anatomy of Disgust.*Cambridge: Harvard University Press, 1997. p. 40.

Conclusões

Buscamos no capítulo 1, discutir alguns problemas metodológicos que se apresentaram no percurso da escrita da dissertação. Sem fechar como acabado algum conceito prévio pré-estabelecido, buscamos algumas balizas que nortearam esta pesquisa. Ainda que seja possível a aplicação em outros tipos de estudos históricos, as inquietações e problemáticas apresentadas foram buscadas devido aos problemas apresentados para esta, e somente, esta pesquisa.

No capítulo 2, ainda que seja impossível determinar todas as etapas das origens dos textos do Nowell Codex, buscamos apresentar os documentos, seus conteúdos e suas possíveis origens.

No capítulo 03 foi apresentada a questão da materialidade do manuscrito, visto que a princípio ele é o universo inicial da pesquisa desta dissertação. Quaisquer digressões em outros documentos além do manuscrito buscaram apenas explicara unidade do manuscrito, portanto a discussão sobre a unidade material do manuscrito seria obrigatória nesta dissertação.

No capitulo 04, embasado por todos os elementos fornecidos pelas discussões apresentadas nos capítulo anteriores buscou-se analisar algumas hipóteses que explicariam a lógica de união dos textos no Nowell Codex.

Diante das teorias existentes que buscam explicar o porquê destes textos terem sido unificados neste manuscrito, cremos que tanto a ideia de Sisam quanto a de Orchard, detalhadas no capítulo 03 fazem sentido até um certo ponto. Parece-nos que, sem desprezar estas hipóteses, a lógica dos monstros, dos prodígios e do orgulho estão sob um arco maior de ideias, que abarcasse todos os conteúdos do manuscrito realmente. Não é um Oriente geográfico real, mas um Oriente que está no passado ou que guarda conexões com o passado. Porém, na unificação dos textos que compõem o manuscrito, somente os monstros não explicam a escolha dos textos incluídos no codex. Os monstros são o acessório da ideia de Oriente. Juntamente com estas outras lógicas, o grande tema unificador do manuscrito é um ideal de Oriente.

A palavra *níðwundor*, utilizada no título, significa paradoxalmente, maravilhoso e aterrorizante. É empregado como adjetivo do fogo, que é visto crepitando sobre as águas do pântano onde vivia o casal os "monstros" antagonistas de Beowulf, Grendel e sua mãe:

> (...) Eles, na incerta terra,
> maligna montanha-de-lobos, rochosa com ventos uivantes,
> perigosa passagem para o pântano,
> sobre rochedos sombrios, descendo rodopiantemente
> no fluxo sobre a terra, não longe daqui,
> em medida de milhas, onde o mar alcança
> sobre o qual suspensas, plantas congeladas,
> ramos presos por raízes, sombreadas pelas águas.
> Lá poderia-se a cada noite ver uma *terrível maravilha*:
> fogo sobre o fluxo das águas. Nem o mais velho vivente
> dos filhos dos homens conhecia o fundo [daquele lugar].
> Ainda que o caçador-pagão, atormentado por cães
> [como] um cervo de fortes chifres, procurou à floresta-de-madeiras
> posto em fuga para longe, antes [que] desistisse da vida,
> a existência no limite, antes [que] ele desejando
> esconder á cabeça. Este não é um bom lugar,
> ainda que um redemoinho-de-ondas, surgisse,
> vencendo às nuvens, quando o vento se agitou
> em violenta tempestade, até que o ar tornou-se sombrio
> e os céus choraram. (...)[138]

Ela é composta das palavras *níð*, que significa mal, luta, inimizade ou opressão, aflição, sofrimento e *wundor*, que é usada tanto para os monstros, quanto para coisas boas. Possui também o significado de coisa aterrorizante e maravilhosa. Portanto, terrível maravilha resume todos os paradoxos envolvidos na escolha de semelhanças e diferenças para unir estes textos neste manuscrito na construção deste Oriente. Além disso, representa a impressão estética causada ao leitor em textos que utilizam prosas e poesias extremamente elaboradas, mas com seres monstruosos e episódios de extrema violência e terror.

O que unifica os textos do manuscrito é um paradoxo: um Oriente, que é a origem - a principio algo "bom" e ao mesmo tempo algo horrível. Algo que confronta-se com o modo de vida dos anglo-saxões, com o que se considera como bom. São

---

[138] (…) Híe dýgel lond / warigeað wulfhleoþu windige næssas / frécne fengelád ðaér fyrgenstréam / under næssa genipu niþer gewíteð / flód under foldan nis þæt feor heonon / mílgemearces þæt se mere standeð / ofer þaém hongiað hrímge bearwas / wudu wyrtum fæst wæter oferhelmað / þaér mæg nihta gehwaém *níðwundor* séon / fýr on flóde nó þæs fród leofað gumena bearna þæt þone grund wite. / Ðéah þe haéðstapa hundum geswenced / heorot hornum trum holtwudu séce / feorran geflýmed aér hé feorh seleð / aldor on ófre aér hé in wille / hafelan helan nis þæt héoru stow / þonon ýðgeblond úp ástígeð / won tó wolcnum þonne wind styreþ / láð gewidru oð þæt lyft drysmaþ / roderas réotað. (...) (Beowulf VV. 1358- 1376)

terríveis maravilhas não somente entre si, no embate entre heróis e vilões, mas são o registro de um conflito de origem.

Bibliografia

A. Fontes Primárias

ALEXANDER, M. - **Beowulf.** London: Penguin Books, 1995.

CHICKERING Jr., Howell D. - **Beowulf - A dual-language edition**. New York: Doubleday, 1989.

FULK, R. D. - **The Beowulf Manuscript**. Cambridge (USA): Harvard University Press, 2010.

FULK, R.D. & BJÖRK, R. E. & NILES, J.D. - **Klaeber's Beowulf**. 4th Edition. Toronto: University of Toronto Press, 2008.

GORDON, R. K. - **Beowulf.** Dover Publications Inc.: New York, 1992.

HEANEY, S. - **Beowulf – A New Verse Translation – Bilingual Editon**. Nova York: W.W. Norton & Company, 2000.

KIERNAN, K. S.(edited by), Iacob, I. E (programmed by). - **Electronic Beowulf** - 3rd Edtion. London: The British Library Board, 2011. (CD-ROM).

LIUZZA, R. M. - **Beowulf – A new verse translation**. Toronto: Broadview Press Ltd., 2000.

MITCHELL, B.. & ROBINSON, Fred C. - **Beowulf**. Oxford (UK): Blackwell Publishing: 1998.

WRIGHT, D. - **Beowulf – A Prose translation**. New York: Penguin Books, 1957.

ZUPITZA, J. - *Beowulf: Autotypes of the Unique Cotton MS Vitellius A. XV in the British Museum, with a Transliteration and Notes* - *In:* **Early English Text Society 77.** London: Oxford University Press, 1882.

B.Fontes Secundárias

ATTENBOROUGH, F.L. - **The laws of the earliest English kings**. Cambridge (UK): The Cambridge University Press, 1922.

BÍBLIA DE JERUSALÉM (vários editores e tradutores). São Paulo: Paulus Editora, 2008.

CHADWICK, N. K. - **Anglo-Saxon and Norse poems**, (UK): Cambridge University Press, 1922.

MILLER, T. - **Bede´s Ecclesiastical History of the English in OE**. Cambridge (CAN): In Parenthesis Publications, 1999.

ROBERTI, G. M. - **A Batalha de Maldon - Tradução e Aliteração.** Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas – FFLCH-USP em 2006.

WHITELOCK, D. - **English Historical Documents.** London(UK): Penguin Books/Aylesbury, 1955.

_____ - **The Anglo-Saxon Chronicle.** London(UK): Penguin Books/Aylesbury, 1961.

C. Gramática e dicionários de inglês antigo

BAKER, Peter S.- **Introduction to Old English**. Oxford (UK): Blackwell, 2003.

BARNEY, Stephen. A. - **Word-Hoard: An Introduction to Old English Vocabulary**, Second Edition. New Haven/ London (UK): Yale Language Series, 1985.

BENTON, John F. - **A Concise Anglo-Saxon Dictionary**. Toronto (CAN): Ed.Toronto, 2005.

BOSWORTH, J. - **Anglo Sacon and English Dicitionary - A Compendius**. London: John Russel Smith, 1848.

CASSIDY, Frederic G. & RINGLER, Richard N. - **Bright's Old English Grammar & Reader**, 3rd Edition. : New York (USA): Holt, Rinehart and Winston, INC, 1971.

DIAMOND, Robert E. - **Old English. Grammar & reader**. Detroit (USA): Wayne State University Press, 1989.

HALL, John R. C.- **A concise Anglo-Saxon Dictionary**, Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1960.

HAN, Sangwoo - **A user friendly Anglo-Saxon Dictionary**, New Jersey (USA): Hollym International Corp., 1999.

POLINGTON, Stephen. - ***Wordcraft – New English to Old English Dictionary and Thesaurus***, Norfolk(UK): Anglo Saxon Books, 2006.

SWEET, Henry. - **The student's Dictionary of Anglo-Saxon**, Surrey (UK): Tiger of the Stripe, 2006.

D. Historiografia sobre Inglaterra anglo-saxônica

BLAIR, P. H. - **An introduction to Anglo-Saxon England.** Cambridge (UK): Cambridge University Press: 1959.

CAMPBELL, J. (edited by) - **The Anglo Saxons**. : London: Penguin Books, 1991.

CLEMOES, P. (edited by) - **Anglo-Saxon England**. Cambridge (UK), Cambridge University Press, 1972.

HODGKIN, R. H. **A History of the Anglo-Saxons, vol. I-II**, Oxford (UK): Blackwell, 1967.

LAPIDGE, M.; BLAIR, J.; KEYNES, S. and SCRAGG, D. (ed.), **The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England**. Oxford (UK): Blackwell, 1999.

LOYN, H. R. (Org.). **Anglo-Saxon England and the Norman Conquest**. Oxford (UK): Longmans, Green and Co. Ltd., 1962.

OMAN, C.W.C. **England Before the Norman Conquest**. London: Methuen & Go Ltd., 1949.

STENTON, Sir F.M. **Anglo-Saxon England**, Oxford: Oxford University Press, 1989.

WHITELOCK, D. **The beginnings of English Society**. London (UK): Penguin Books/Aylesbury, 1956.

E. Beowulf e literatura em inglês antigo

ANDERSSON, T. M. *The Thief in Beowulf*. In: **Speculum**, Vol. 59, No. 3. pp. 493-508. Medieval Academy of America: Cambridge (USA), 1984.

BAKER, P. S (ed.). **The Beowulf Reader**. New York: Routledge, 2000.

BJORK, R. E. & NILES, J. D. **A Beowulf Handbook**, Lincoln(USA): University of Nebraska Press, 1998.

FOWLER, D. C. **The Bible in Early English Literature**. Seattle / London: University of Washington Press, 1976.

GODDEN, M. R. & LAPIDGE, M. (edited by). **The Cambridge Companion to Old English Literature.** Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1994

GONZALEZ, M. C. E. *El proposito de La poesia en La sociedad anglosajona*, IN: **Estudios Ingleses de La Universidade Complutense**. Madrid (ESP): Servicio de Publicaciones UCM:, 1996.

JACOBS, N. *Anglo-Danish Relations, Poetic Archaism and the Date of Beowulf: A 8 Reconsideration of the Evidence*. In: **Poetica 08**. Shubun International Co. Ltd.: Tokyo, 1977. Pp. 23-43

JACKSON, W. T. H. **The Hero and the King: An Epic Theme**. New York: Columbia University Press (USA), 1982.

JONES, G.. **Kings, Beasts and heroes.** Oxford (UK): Oxford University Express, 1972.

JOHNSON, D. F. & TREHARNE, E. (edited by). **Readings in medieval texts: interpreting Old and Middle English Literature.** Oxford (UK): Oxford University Press, 2005.

JURASINSKI, S. **Ancient Privilegies: Beowulf. Law and the Making of Germanic Antiquity**. Morgantown(USA): West Virginia University Press, 2006.

KIERNAN, K. S. **Beowulf and the Beowulf Manuscript**, New Jersey (USA): Rutgers University Press, 1981.

MEDEIROS, E. O. S. **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História – FFLCH-USP em 2006.

MAGENNIS, H. **Images of Community in Old English poetry - Cambridge Studies in Anglo-Saxon England 18.** Cambridge (UK): Cambridge University Press.

MITCHELL, B. & ROBINSON, F.C. **A Guide to Old English**. Oxford (UK): Blackwell Publishing, 2006.

ORCHARD, A. **A Critical Companion to Beowulf.** Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2003.

_____ **Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript.** Toronto: University of Toronto Press, 1995.

TOLKIEN, J. R. R. **Finn and Hengest: The fragment and the episode**. London (UK): Harper and Collins, 1982.

_____ **The Monsters and the critics.** London (UK): Harper and Collins,1982.

F. Estudos sobre literatura medieval em geral

AUERBACH, E. **Mimesis. A representação da Realidade na Literatura Ocidental,** São Paulo: Perspectiva, 1998.

BORGES, J. L. **Literaturas germánicas medievales**. Madrid: Alianza Editorial. 1978.

FENTRESS, J. & WICKHAM, C. **Memória Social - Nova Perspectivas sobre o Passado**. Tradução T. Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

DUMEZIL, G. **Do mito ao romance.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.

SPEIDEL, M. **Ancient Germanic Warriors**. London / New York: Routlege – Taylor & Francis Group, 2004.

VANCE, E. **Mervelous signals. Poetics and Sign Theory in the Middle Ages**. Lincoln (USA): University of Nebraska Press, 1986.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz. A "literatura" medieval**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

G. Historiografia sobre Idade Média Ocidental em Geral

ANDERSON, P. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo** (Trad.: Beatriz Sidou). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BROWN, P. **O Fim do Mundo Clássico: de Marco Aurélio a Maomé**. Tradução de Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

_____. **The Rise of Western Christendom: triumphy and diversity, A.D. 200-1000**, Oxford: Blackwell Publishing, 2nd Edition, 2003.

DHONDT, J. **La alta edad media**. Tradução ao espanhol por A. Steban Drake, original de 1967. 2ª edição. Madrid: Ediciones Castilla, 1972.

FEBVRE, L. **A Europa - Gênese de uma civilização.** Tradução de Ilka Stern Cohen, original de 1945. Bauru, SP: Edusc, 2004.

GAMESON, R. **The Early Medieval Bible**, Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1996.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005.

HEERS, J. **História Medieval**. Tradução de Tereza Aline Pereira de Queiroz. 2ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Difel, 1977.

KANTOROWICZ, E. H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

LE GOFF, J. & SCHIMIDT, J. - C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Organização da tradução Hilário Franco Jr. São Paulo/Bauru: EDUSC, 2002.

McKITTERICK, R. **The Early Middle Ages**: Europe, 400-1000. Oxford(UK): Oxford University Press, 2001.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental (Séculos VIV a XIV).** Tradução: L. Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

H.Metodologia da tradução e análise do discurso

AUBERT, F. H. **As infidelidades da tradução**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame.** London (UK): Routledge: 1992.

MAGENNIS, H. **Translating Beowulf -Modern versions in English Verse**. Cambridge (UK): D. S. Brewer, 2011.

NEWARK, P. M**anual de Traduccion.** Traduzido para o espanhol por Virgilio Moya, original de 1987. Madrid: Ediciones Catedra, 2010.

TYMOCZKO, M. **Translation in a Postcolonial Context**. Manchester (UK): St. Jerome,1999.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**, Amsterdam/Philadelphia (USA): John Benjamins, 1995.

VENUTI, L. **Escândalos da Tradução**. Revisão da tradução Stella Tagnin, original de 1998. Bauru, SP: Edusc, 2002.

VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. London (UK): Routledge, 2000.

I. Paleografia, manuscritos, e manuscritos da Inglaterra anglo-saxônica:

BATELLI, G. **Lezioni di Paleografia.** Città Del Vaticano: Sansaini, 1949.

BISCHOFF, B. **Latin Palaeography: Antiquity and the Middle Ages**. Cambridge University Press: Cambridge, UK, 1990.

BROWN, M. **A Guide to Western Historical Scripts from Antiquitiy to 1600**. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

_____ Manuscripts from the Anglo Saxon Age. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

_____ Understanding Illuminated manuscripts: a guide to technical terms. Los Angeles (USA): J. Paul Getty Trust & The British Library Board, 1994.

Camille, M. **Images dans les marges, Aux limites de l'art mediéval**. Paris : Galimard, 1997.

CLEMENS, R. & GRAHAM, T. **Introduction to manuscript Studies**. London: Cornell University Press, 2007.

FAULKNER, M. **The uses of Anglo-Saxon manuscripts, c. 1066-1200**. DPhil, Oxford University, UK . URL: http://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:b98cb64f-c896-4402-8aa1-9bd317675c12 (acessado em 15/12/2012)

LEOPOLD, G. *La typologie des sources du Moyen Âge occidental*. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 27e année, N. 6, 1972**. pp. 1257-1263. URL: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1972_num_27_6_422543 (consultado em 12/12/2011).

PACHT, O. **La miniatura Medieva**l. Madrid: Alianza, 1987.

ROBERTS, J. **Scripts Used in English writings up to 1500**. London: The British Library, 2008.

SCHIMITT, J.-C., « *Le miroir du canoniste. Les images et le text dans un manuscrit mediéval* ». **Annales ESC, 48/6**, 1996, p.1471-1495.

J. Metodologia de Pesquisa histórica

BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BRAUDEL, F. "*História e Ciências Sociais. A longa duração*", **Revista de História da USP,** n. 62, v. XXX, 1965, p. 261-294;

BURKE, P. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** Tradução de Guy Reynaud, original de 1975. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

FENTRESS, J. & WICKHAM, C. **Memória Social - Nova Perspectivas sobre o Passado**. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**, São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**, Editora da Unicamp: Campinas, 1990.

_____ . O Imaginário Medieval [tradução Manuel Ruas, original de 1985]. Editorial Estampa: Lisboa, 1994.

MENESES, Ulpiano T. B. "*A História, cativa da memória*". In: **Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais,** Revista Inst. Est. Bras., 34, 1992.

VOVELLE, M. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANEXO A - Ficha catalográfica do manuscrito

1.O manuscrito, escribas e outros detalhes

O *Nowell Codex*[139] não se enquadra em somente uma das mais comumente usadas nomenclaturas gerais do Ocidente medieval latino[140] devido à especificidade dos escritos do período anglo-saxônico [141]. Ao contrário do continente, a Inglaterra possui escrita de várias naturezas em língua vernácula. Há em inglês antigo desde escritos poéticos até leis leis, sermões, crônicas, etc. O latim era usado e muito conhecido pelos anglo-saxões, pois a medida que a cristianização avançou, a Inglaterra Anglo-saxônica progressivamente inseriu-se na esfera cultural da cristandade Ocidental, não somente como receptora, mas como produtora de escritos[142].

O manuscrito possui 116 fólios preservados (provavelmente partes iniciais e finais foram perdidas antes da Idade Moderna). Como a maioria dos manuscritos anglo-saxônicos que chegaram aos tempos atuais, sua datação é aceita de forma ampla como sendo próximo do ano 1000. Devido aos danos sofridos pelo fogo, os fólios apresentam basicamente a parte do texto (riscadura) e apenas em alguns preservaram-se partes das margens.

---

[139] *Cotton Vitelius A.xv - Nowell Codex* (The Beowulf Manuscript), Bristish Libray, UK. As imagens foram obtidas no CD-ROM: KIERNAN, K. (edited by), IACOB, I. E (programmed by). - **Electronic Beowulf - 3rd** Edtion. London: The British Library Board, 2011.

[140] Genicot Léopold. **La typologie des sources du Moyen Âge occidental**. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 27e année, N. 6, 1972. pp. 1257-1263.

URL: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1972_num_27_6_422543

(consultado em 12/12/2012).

[141] Período entre o abandono das ilhas britânicas pelos romanos e ocupação da parte sudeste pelos povos germânicos (anglos, saxões e jutos) e a conquista normanda em 1066. LAPIDGE, Michael; BLAIR, John; KEYNES, Simon and SCRAGG, Don (ed.), The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England, Oxford, 1999.

[142] GAMESON, Richard. *The Royal 1 B VII Gospels and English Book Production in the Seventh and Eighth Centuries*. IN: **The early Medieval Bible**, Cambridge University Press: Cambridge, 1996. P. 98.

Medidas

200mm x 120mm (parte preservada, sem contar o suporte onde se encontram coladas os centros dos fóilios). O manuscrito possui 01 colunapor página.

Preparação da página (riscadura):

Ponta seca, em algumas páginas é possível ver as linhas, mas devido ao danso às margens causadao pelo fogor, não conseguimos detectar os furos causados pelo instrumento (régua) para medição de cada traço das linhas e margens.

Cadernos:

Não há dados suficientes para afirmar com certeza quantos fólios há por caderno, visto que toda a encadernação do manuscrito foi queimada.

Escrita:

Minúscula anglo-saxônica[143]. Há letras diferentes do alfabeto latino, utilizadas para fonemas da língua anglo-saxônica[144]:

- æ (ash)

- þ (thorn).

- ð (eth)

---

[143] BROWN, M. - Manuscripts from the Anglo Saxon Age, University of Toronto Press: Toronto, 2007, p. 92 e 130 e ROBERTS, J., **Scripts Used in English writings up to 1500,** The British Library, London, 2008. Pp. 68-71

[144] Para um maior detalhamento do uso dessas letras especiais no idioma Old English, de origem rúnica, consultar: LASS, R., **Old English - A Historical Linguistic Companion**, Cambridge University Press: Cambridge, 1998.

- ƿ (wynn)

Além disso, há as abreviaturas características: “ond” e “þæt” (vide item 1). De 129r a 206v (Beowulf e Judith), os versos são separados por ponto (.) no meio das linhas.

Outros sistemas de escrita:

91r - 93r: está escrito “*Lawrence Nowell 1563*” em letra cursiva acima do texto.

128v: “ FINIT ¨ ' ” na linha 07, em capital.

182r: ao final, após última linha na margem: “FINI (caractere ilegível “t” ou “s”)

Escribas:

Conseguimos identificar dois escribas para o manuscrito (vide Item 1):

Além da evidente, maior firmeza na escrita do escriba B - que torna suas letras mais escuras, mais fortes, quase um “negrito” perante o escriba B, há algumas particularidades que podemos destacar:

Escriba A:

Embora ambos utilizem sempre o “a” semiuncial, o escriba A tende a prolongar a cauda do a e a escrevê-le ligeiramente inclinada à direita. Tendência a serifar as barras do “b”, “h”, “l”, þ. Tendência a prolongar o remate das letras, como, por exemplo, letras: “b”, “l”, traço do “ð”, e das abreviaturas. Na letra “æ”, a parte que forma o “a”, tende a parecer-se com um triângulo. Tendência a manter o “e” dentro das linhas das minúsculas mesmo quando este forma ligaduras com outras letras subsequentes.

Escriba B:

Tendência a não fechar as letras “a”, “o”, “r”, “þ” e a abreviatura do “þæt” (que tem por base a mesma letras “þ”, talvez porque use a pena muito pressionada, causando um efeito de “negrito” quando compramos as escritas. Letra “e” sempre acima da linha das minúsculas. Barra inferior do “r”, ao contrário, tendencialmente mais curta. Cauda da letra “g” bem mais prolongada, fazendo um formato circular e retornando para arrematar encontrando com a parte superior dentro da linha das minúsculas.

V.03. Iniciais, número de linnhas e numerações romanas

Página			Inicial	Número de linhas		Numeração Romana
				Riscadura	Escritas	
Life of Saint Cristopher						
Kiernan		**Malone**				
91r	**93r**	**94r**	"S" pouco maiores do que as outras letras	20	20	
91v	**93v**	**94v**		20	19	
92r	**94r**	**95r**	"S" e "O" 2x tamanho das letras e traços plenos	20	20	
92v	**94v**	**95v**	"þ", "h" e "þ" tracejado na parte superior (abreviação de "þæt") e C maisculo	20	20	
93r	**91r**	**96r**		20	20	
93v	**91v**	**96v**	"O" inicial maior na 13ª linha	20	20	
94r	**92r**	**97r**		20	20	
94v	**92v**	**97v**	"Þ": 12a. Linha dobro, linhas plena	20	17	
95r	**97v**	**98r**		20	20	
Wonders of The East						
95v	**97v**	**98v**	"S" inicial linhas plenas	20	20	
96r	**98r**		"S" (6a.) e "E"(14a.) linhas plenas, 2 linhas	20	20	
96v	**98v**		"O" (19a.) linhas plenas, 2x tamanho	20	20	
97r	**99r**		"E" (10) e "O" (20", 2x, linhas plena	20	20	
97v	**99v**		"C" Inicial tamanho dobro	20	20	
98r	**100r**		"B"(16), 2x, linhas plenas	20	6	
98v	**100v**		"Đ"(04) e "C" (12), 2x, linhas plenas	20	20	
99r	**95r**		"B"(03), "Đ"(22) e "W"(22), 2x, linhas plenas	20	20	
99v	**95v**			20	17	
100r	**96r**		"Đ"(09, 2x, linhas plenas	20	20	

100v	**96v**		"O"(09), 2x, linhas plenas	20	20	
101r			"Đ"(05) e"Đ"(19), 2x, linhas plenas	20	20	
101v			Đ(19), 2x, linhas plenas	20	20	
102r				20	13	
102v			Đ(04), e "Y"(17), 2x, linhas plenas, ligeriamente maior do que anteriores	20	20	
103r			"B"(04) e"0"(11), 2x,	20	20	
103v		**106v**	"Đ"(12),2x, linhas plenas	19	19	
Letter of Alexander to Aristotle						
104r		**107r**	Inicial "h" prenchida toda de tinta preta do tamanho de duas linhas e restante da linha em capital: "Her is seo gesetenis" (capital) e "C"(08), ligeriamente maior, traço mais forte.	20	20	
104v				20	20	
105r				20	20	
105v				20	20	
106r				20	20	
106v				20	20	
107r	**115r**			20	20	
107v	**115v**			20	20	
108r	**116r**			20	20	
108v	**116v**			19	19	
109r	**117r**			20	20	
109v	**117v**			20	20	
110r	**118r**			20	20	
110v	**118v**			20	20	
111r	**119r**			20	20	
111v	**119v**			20	20	
112r	**120r**			20	20	
112v	**120v**			20	20	

113r	**121r**			20	20	
113v	**121v**			20	20	
114r	**122r**			20	20	
114v	**122v**			20	20	
115r	**107r**			20	20	
115v	**107v**			20	20	
116r	**108r**			20	20	
116v	**108v**			20	20	
117r	**109r**			20	20	
117v	**119v**			20	20	
118r	**110r**			20	20	
118v	**110v**			20	20	
119r	**111r**			20	20	
119v	**111v**			20	20	
120r	**112r**			20	20	
120v	**112v**			20	20	
121r	**113r**			20	20	
121v	**113v**			20	20	
122r	**114r**			20	20	
122v	**114v**			21	21	
123r				20	20	
123v				20	20	
124r				20	20	
124v				20	20	
125r				20	20	
125v				20	20	
126r				20	20	
126v				20	20	
127r				20	20	

127v				20	20	
128r				20	20	
129v		**131v**	"FINIT ¨ "'(07)	20	7	
Beowulf						
129r		**132r**	Inicial "h" somente com a barra preenchida. O restante da frase inicial em letras capitais, ocupa o espaço de duas linhas"Hwæt we Garde"	20	20	
129v				20	20	
130r			"Ð" (05) dobro, traço pleno	20	19	i
130v				20	20	
132r				20	20	
132v				20	20	ii
133r				20	20	
133v				20	20	
134r			"S" (09) dobro, traço pleno	20	20	iii
134v				20	20	
135r				20	20	
135v			"Ilegível" (06) dobro, traço pleno	20	20	iii
136r				20	20	
136v				20	20	
137r			"S" (03) dobro, traço pleno	20	20	v
137v				20	20	
138r			"h"(13), dobro, traço pleno	20	20	vi
139v				20	20	
140r			"h"(13), dobro, traço pleno	20	20	vii
140v				20	20	
141r			"h"(15, dobro, traço pçeno só na barra vertical, "hVN" em capital.	20	20	viii
141v				20	20	
142r				20	20	

142v			"S" (15) dobro, traço pleno	20	20	viiii
143r				20	20	
143v				20	20	
144r				20	20	
144v				20	20	
145r			"Ð"(08), duas linhas de tamanho, traços pleno s na barra, vazado na pança da letra.	20	20	x
145v				20	20	
146r			"Ð"(13), duas linhas e 1/2 de tamanho, traços plenos.	20	20	xi
146v				20	20	
147A	**131r**			20	20	
147A	**131V**			20	20	
147r			"N"(09), duas linhas e 1/2 de tamanho, traços plenos.	20	20	xii
147v				20	20	
148r			"Ð"(10), duas linhas de tamanho, traços vazado na pança e parte de cima do encontro da parte angulosa com a barra, tanto em cima quanto embaixo.	20	20	xiii
148v				20	20	
149r				20	20	
149v				20	20	
150r			"h"(08), 3 linhas de tamanho, traços pleno vazado na pança.	20	20	xiiii
150v				20	20	
151r				20	20	
151v			"ilegível"(05), mas perceptivel a inicial e a "A" capital após	20	20	xv
152r				20	20	
152v			"Ð"(provavelmente, mas danificado a aprte da barra),(18), duas linhas de tamanho, traços vazado na pança, porém com traço extreo pleno	20	20	xvi
153r				20	20	

153v				20	20	
154r			(?)	20	20	xvii
154v				20	20	
155r				20	20	
155v				20	20	
156r			"h"(18), 3 linhas de tamanho, traços pleno, com uma cauda que se enrola no fim	20	20	xviii
156v				20	20	
157r				20	20	
157v				20	20	xviiii
158r				20	20	
158v				20	20	
159r			"h"(18), 3 linhas de tamanho, traços pleno, diferente do anteirior sem cauda que se enrola	20	20	xx
159v				20	20	
160r				20	20	
160v			(?)EOWULF" (07)	20	20	xxi
161r				20	20	
161v			(?)EOWULF" (04)	20	20	xxii
162r				20	20	
162v				20	20	
163r				22	22	
163v				22	22	
164r			"G"(15), 3 linhas de tamanho, traços pleno.	22	22	xxiii
164v				22	22	
165r				22	22	
165v				24	22	
166r			"B"(12), 3 linhas de tamanho, traços pleno. "BEOwulf"	22	22	xxiiii
166v				22	22	

167r				22	22	
167v				22	22	
168r			"O"(18), 2 linhas de tamanho, traços pleno.	22	22	xxv
168v				22	22	
169r				22	22	
169v			?	22	22	xxvi
170r				22	22	
170v				22	22	
171r			"G"(16),3 linhas de tamanho, traços plenos, "E"	20	20	xxvii
171v				20	20	
172r				20	20	
172v			**MUDANÇA DE ESCRIBA a partir da 4ª linha**	20	20	
173r			"C"(16), 2 linhas de tamanho, traçõs plenos, "E" - numeração na linha junto ao paragráfo anteiror, e letra inicial dentro da área do texto	20	20	xxviii
173v				20	20	
173r				20	20	
174r				21	21	
174v			Provavelmente letra "O" na linha 19	21	21	
175r				21	21	
175v				21	21	
176r				20	20	
176v				20	20	
177r			"S"(17), 2 linhas, traços plenos,	20	20	xxxi
177v				20	20	
178r				20	20	
178v				21	21	
179r			"N"(14), 2 linhas, traços plenos,	21	21	xxxii
179v				21	21	
180r				21	21	

180v				21	21	
181r			"Ð"(18), 2 linhas, traços plenos, "A" capital	21	21	xxxiii
181v				21	21	
182r			fim, após última linha na margem: “FINI (caractere ilegível “t” ou “s”)	21	21	
183r			"S"(09), 2 linhas, traços plenos,	21	21	xxxiiii
183v				21	21	
184r				21	21	
184v			Provavelmente "G"(10),3 linhas de tamanho, traços plenos, "E"	21	21	xxxv
185r				21	21	
185v				21	21	
185r				21	21	
185v				21	21	
186r				21	21	
186v				21	21	
187r				21	21	
187v			Provavelmente "W"(10), 2 linhas de tamanho, traços plenos, "E"	21	21	xxxvi
188r				21	21	
188v				21	21	
189A	**197r**			21	21	
189A	**A197v**		Provavelmente "Ð"(12), 2 linhas de tamanho, traços plenos, "E"	21	21	xxvii
189r				21	21	
189v			Provavelmente "Ð"(17), 2 linhas de tamanho, traços plenos, "E"	21	21	xxviii
190r				21	21	
190v				21	21	
191r			"Ð"(13), 2 linhas de tamanho, traços plenos, "E"	21	21	
191v				21	21	

192r			Provavelmente "h"(08), 2 linhas de tamanho, traços plenos	22	22	xl
192v				21	21	
193r				21	21	
193v			Provavelmente "W"(08), 2 linhas de tamanho, traços plenos	21	21	xli
194r				21	21	
194v				22	22	
195r				22	22	
195v			Provavelmente "W"(15), 2 linhas de tamanho, traços plenos	21	21	xlii
196r				22	22	
196v				22	22	
198r			"h"(12), 2 linhas de tamanho, traços plenos.	21	21	xliii
198v		**201v**		21	21	
Judith						
199r		**202r**	"h"(12), 2 linhas de tamanho, traços plenos.	22	22	
199v				21	21	
200r				21	21	
200v				20	20	
201r			"h"(13), 4 linhas de tamanho, traços plenos.	20	20	xi
201v				20	20	
202r				20	20	
202v				20	20	
203r				20	20	
203v				21	21	
204r			"h"(12), 3 linhas de tamanho, traços plenos.	20	20	xii
204v				20	20	
205r				20	20	
205v				20	20	

206r				22	22	
206v		**209v**		21	21	

V.04.Escribas, tipos

Letras	ESCRIBA A	ESCRIBA B
a		
æ (ash)		
b		
c		
d		
e		
f		

Letras	ESCRIBA A	ESCRIBA B
g		
h		
i		
l		
m		
n		
o		
p		

Letras	ESCRIBA A	ESCRIBA B
r		
s		
t		
þ (thorn)		
ð (eth)		
u		
x		
y		
w		

Abreviaturas	ESCRIBA A	ESCRIBA B
and		
þæt (that)		

V.05.Imagens, Iniciais, escritos além do texto principal e outras observações

01.Life of Saint Cristopher (91r-93r-94r até 95r-97r)

91r - 93r:

Está escrito "*Lawrence Nowell 1563*" acima do texto.

A palavra "*Cristoforus*" está sublinhada (aparentemente num traço mais recentente, provavelmente na modernidade para identificar o texto)

091v-093v:

Parte da última linha, apartir da segunda palavra foi "apagada", provavelmente por raspagem e reeescrita na margem abaixo da riscadura. *"& for þaes egef fyrhto he wæs"* .

092v-94v:

"*Forđon*" repete-se na outra página (093r-91r)

02.Wonders of The East (95v-97v a 103v)

95v - 97v:

Ocupando 5 linhas na parte superior a esquerda, emoldurada, a figura de um animal quadrupede (sheep) e o fundo é pintado de azul e as pedras (chão) avermelhado. No canto inferior direito há uma duas figueiras semelhantes (sheep) emolduradas (duplas -somente a superior é um traço apenas) e o fundo é laranja como as pedras da figura acima.

96v-98r:

A partir da 5ª linha, ocupando seis linhas no canto direito, dois animais (ave, galinha) há um risco numa espécie de moldura e os animais estão pintados de vermelho. Na parte inferior a direita, a partir da 14ª linha, ocupando 5 linhas, uma figura animal,

com duas cabeças e oito patas, com molduras na parte de cima e de baixo. Parecem estar pintados tanto o animal quanto a moldura. O animal de laranja e a moldura de rosa-claro.

96v-98v:

Ocupando toda a segunda linha e a terceira, uma cobra de duas cabeças sem moldura caudalado equerdo, as cabeças no lado direito. A partir da sexta linha, emoludrado, doi animais: uma cobra e um animal quadrupede. O texto fala de cobras com chifres na Babilônia e Assíria. Os animais estão todos pintados de cor rosa, laranja e azul. O fundo do quadro inferior é laranja.

97r-99r:

Ocupando 8 linhas a partir da 10ª linha uma figura antropomórfica com cabeça de animal (cinocéfalo). Emoldurada de rosa, pintada de vermelho, azul e rosa.

098r-100r:

A partir da segunda linha e sobre parte da primeira passando da margem superior direita até a linha 24, sem molduras. No centro da firgura uma espécie de caldeirão de onde sai quatro faixas até o meio da figura numa espécie de dois triângulos um dentro do outro, com textura de nuvem , enroscado e prolongando-se em forma de oito deitado até dar a volta no pescoço de uma animal quadrúpede. Do lado direito do "caldeirão" uma figura humana segurando dois cones nas mãos e à sua direita um animal quadrupede om uma espécie de arreio e carregando uma quadrado com seis esferas rosas pintadas e dois prologamentos com círculos maiores que as esferas e com circulos um dentro do outro da laterais do quadrado. A figura humana tem as vestes pintadas de azul. O animal quadrúpede com cascos está sobre na prmeira camada de um monte com textura de "nuvem". Acima das faixas rosa com manchas prestas que saem das figuras triangulares centrais há 8 figuras de animais. Umao fundo no canto superior direito só é possível ver a cabeça de uma delas. Na parte superior sobre as letras do texto vemos outros animais quadrúpedes, sem detalhes nem cores. Ao fundo a direita há um animal enorme quadrupede, parecendo-se com um cavalo. E cinco outros animais sobre a firgura, menores quadrupedes, asemelhados com o que está mais acima. Dois estão pintados de preto, um de rosa e preto, um de amarelo e um deles que morde o animal

maior de cima para baixa, não possui cor preenchendo. Um dos animas pitandos de preto está também mordendo o animal maior. E dois dos animais, o rosa e um preto (canto superior a direita estão próximos a uma figura em formato ogival azul com uma série de círculos ao redor. Como se estivessem coletando os circulos do local. O texto fala das formigas mineiradoras de ouro.

098-100v:

Canto superior a direita, a partir da 2ª até a 7ª linha imagem de dois animais quadrupedes, sendo que um está atrás do outro. O fundo é vermelhor e tanto a moldura (inferior e superior apenas) são de tonalidade laranja. Entre as pernas dianteiras do primeiro animal o fundo está pintado de marrom (ou preto).

Na parte inferior da página à direita entre as linhas 12 e 18 uma figura humana, com duas cabeças está dentro de uma moldura laranja. Em uma das mãos há um objeto no formato de um chifre e na outra algo assemelhado com um vegetal de três folhas, passando da moldura. Provavelmente são os nativos de *Locotheo*, entre os rios Nilo e Brixontes, conforme o texto ao lado.

099r-095r:

A partir da 3ª até a 12ª linha no canto superior à direita uma figura antropomórfica, a a primeira vista nu, mas com o corpo pintado de azul claro. A figura segura em uma das mãos uma espécie de galho, e está dentro de uma moldura vermelha.

Na parte inferior direita, entre a 14ª e a 19ª linha duas figuras antropomórficas e ao centro um animal quadrupede pintado de amarelo. Embora não ahaja moldura, o fundo está pintado de azul. (lertices)

099v-95v:

No canto superior direito ocupando aa página até o fim da margem superior até a 8ª linha, em um quadro emoldurado uma figura humanoide com o rosto no peito. O fundo é pitando de vermelho escuro. Ocupando totalmente o espaço das linhas 8, 9 e 10, dois animais serpentiformes trançados, com suas caudas começando da esquerda para a

direita onde as duas cabeças estão lado a lado. Um está pitando de laranja-claro e o outro de azul.

No canto inferior direito ocupando da linha 16 até a 20, uam figura metade home e metade animal quadrupede. Seu corpo (parte animal) está pitado de rosa/amarelo-alaranjado. Possui pulseiras pintadas de vermelho nos pulso. Há uma espécie de moldura somente no lado esquerdo e do lado direito um pequeno trecho de moldura encantonado como se envolvesse apenas o corpo animal . As patas do "animal" estão sobre um chao pintado de laranja. (*Homodubii*)

100r-96r:

A partir da 9ª linha até a 13ª na parte central direitadentro de duas molduras, doi circulos, e dentro de cada circulo mais dois círculos. E em cada um deles dentro de cada crirculo 8 aros. Os aros leste-oeste, norte-sul duplos e com formas de meio circulos nas pontas. No centro de cada, há um circulo menor. O pequeno círculo central da esquerda está pitando de velrmelho e o meio-círculo, com execeção do mais à direita. Tanto este quanto os que estão contidos no outro circulo maior estão pintados de uma tonalidade avermelhada mais clara. A modlura tambem está pintada da mesma cor.

100- 96v:

Ocupando as seis primeira linha do canto superior direito, e trasnbordando para as margens do texto um vegetal com quatro troncos principais torcidos, com suas base igualmente torcidas. Um vegetal é azul outro vermelho um amarelo e o outro uam tonalidade mais clara do rosa. Há espécie de "flor" que pende para o lado esquerdo com um centro avermelhado, saindo do caule azul. A base retorcida aparentemente foi pitada de amarelo ou laranja. Provavlmente trata-se da árvore do país dos *Homodubii*, citada no texto ao lado.)

Da 9ª a 15ª linha no canto inferior direito duas figuras antropomórficas dentro de uma moldura laranja com fundo vermelho. A cabeça dafigura humana da direita parece de um animal quadrupede, sem roupas e parece haver arrancado uma das partes inferiores da perna do outro ser humano, que possui uma perna só. Tanto seu pé, quanto o pé decepado que está segurando saem da moldura, assim com a cabeça do outro

homem, que apresenta longas vestes. Provavelmente é uma representação dos adivinhadores de Donestre, citado no texto ao lado.

101r

Entre as linhas 7 e 15, no centro a direita, uma figura humana, próximo a uma vegetal. Suas orelhas são enormes e prologam-se o tamanhod e cerca de uma cabeça além da própria cabeça da figura. O fundo está pintado de vermelho e tanto a cabeça (e as orelhas) quanto os pés da figura saem da pate interna da moldura. O vegetal também se prolonga além da moldura interna. Os pés da figura antropomórfica saem completamente da moldura. Em uma de suas mãos há um objeto, porém devido ao dano não é possível ter certeza do que é. Pelo texto trata-se de gigantes que possuem grandes orelhas e que além de se cobrirem com elas, podem voar com elas em suas mãos.

101v:

No canto superior direito, transbordando a área da riscadura do texto há , dentro de uma moldura dupla alaranjada que ocupa as linhas de1 a 7, uma figura antropomórfica com as pernas pintadas de vermelho, de sapatos e uma "toga" bran com detalhes azuis. A cabeça foi danificada pelo fogo, e só é possível ver a boca. (provavelmente pessoas da ilha que nascem com olhos brilhantes como uma uma lanterna na luz da noite)

No canto inferior direito entre as linhas 10 e 18 dentro de uma moldura uma moldura, com degraus abaixo. Dentro dela há uma figura humana cercada por uma construção (como um castelo ou cidade murada. Abaixo da figura humana há uma circulo representado o brilhod e uma "luz avermelhada", como se a figura humana estivesse atrás deste balcão. Há partes pitadas de vermelho, rosa, laranja e amarelo. Templo do sol segundo o texto, onde há um tabernáculo e o selo "silêncio" do mais sereno bispo, que não come nada além das ostras do mar.)

102r:

Há uma imagem no canto superior direito que se parece com o vegetal do 100v, a base é semelhante mas parece com um pano envolvendo cinco troncos: dois nas

extremidades são vermelhos, um azul curvando-se a direita e dois para cima em amarelo e partilhando a mesma sub-base. (vinha de ouro)

Ocupando todas as linhas de 10 a 17, uma imagem com três figura humanas (dos ombros para cima, que tem seus corpos escondidos por diversos círculos , com motivo semelhantes de círculos que trançam sobre os outros com círculos brancos ao meio. (montanhas dos medo e da Armênia que produzem jóias?)

102v:

No canto superior direito entre as linhas 01 e 11, dentro de uma modura dulpa de grossa espessura há uma figura antropomórfica barbada, com um objeto em forma de bastão na mão, com longas vestes até os, pés e tem sapatos. Seus cabelos são longos e pintados de cora vermelha ou laranja. O fundo é vermelho-escuro e a moldura é da mesma cor dos cabelos. O objeto em sua mão é de cor marrom. Na parte que corresponderia a direita da moldura em direção Á margem, há uma figura semelhante a uma anima quadrúpede, porém, devido ao dano causado pelo fogo impede de ver melhor o animal. (mulheres barbadas caçadoras, que usam como cães caçadores, tigres, leões e linces)

Na parte inferior direita há uma figura antropomórfica entre as linhas 13 e 20, ultrapassando a riscadura do texto, ela está em uma moldura dupla alaranjada e a pate superior de sua cabeça (cabelo) passa a moldura. Possui longos cabelos até o pés, seios e cauda. Em sua mão há um objeto semelhante a um vegetal. (mulhres que apresentam presas de javali, cabelos até as canelas e cauda de boi. 30 polegadas de altura, corpo com aparência de mármore, pés de camelo e dentes de asno)

103r:

Entre as as linhas 2 e 9, no canto superior direito do fólio, há uma figura antropomórfica emoldurada por arcos e colunas (vermelhas e laranja). Apresenta roupas suntuosas (e o cabelo vermelho) e está sentado como um rei numa posição majestática. (provavelmente um rei dos povos chamados catini, segundo o texto, que são animais selvagens com bons “modos” e possuem reis)

Entre as linhas 12 e 22, extravazando para a margem inferior direita há dentro de uma moldura dupla alaranjada, duas figuras humanas. Acima da mooldura dois animais aquadrupedes parecem estar em movimento. A figura humana abaixo está vestidno longas vestes e possui uma espécie de "bengala" na mão. Separado da outra figura humana por um risco divisório, estica a mão como se fosse alcançar a mão da outra figura humana, Porém não é possível visualizar nada além da máe ombro e parte das vestes da outra figura. O gesto parece "espelhado" com a outra figura humana, provavelmente trata da recepção dos Catini à Alexandre, pois estes seriam tão gentis tanto quanto os "ocidentais"?

103v

No canto superior direito entre as linhas 1 e 9 há dentro de uma moldura dupla duas figuras humanas sobre um solo vermelho e com fundo amarelo. Umas das pessoas parece carregar a outra. (Pelo texto supõe-se que seja um vistante sendo recebido com hospitalidade)

Entre as linhas 11 e 19 há uma imagem que se compõe de duas partes, conectadas. Entre as linhas 11 e 14, uma nova planta, composta de vários troncos retorcidos (cinco). Um dos troncos é azul, dois são amarelos um vermelho e outro rosa. O solo ou base é amarelo. E o desenho está contínuo com o debaixo, o solo de cima cola-se a uma moldura vermelha dupla onde se encontra uma figura humana com um círculo na cabeça, como se fosse um rei. Em sua mão uma caule vegetal e ao seu lado uma figura femina de tamanho muito menor. A figura feminina e a maõ com o caule está fora da moldura. Provavelmente é um C*atini* dando oferecendo uma mulher ao visitante como diz o texto ao lado.

Letter of Alexander, The Great to Aristotle (104r a 129v)

104r:

"hER IS SEO GESE TENIS"- Inicial "h" e primeira linha em capital. (01 linha)

117r-109r:

17ª linha a primeira palavra foi apagada

128v:

“ FINIT ¨ ' “(07)

Beowulf (129r a 132r)

172v:

A partir da 3a linha mudança de escriba

182r:

No fim, após última linha na margem: “FINI (caractere ilegível “t” ou “s”)

191r e 191v:

Abertura, dano no pergaminho, anterior à escritura, visto que o texto foi excrito em volta no buraco, tanto no recto quanto velum.

Judith (199r a 206v)

206v

Entre as linhas 2 e 3 : “ Cons. Fol. 206”, em cursiva moderna.

Vários escritos, abaixo das linhas, após a última linha:

“ wgelorir þæerðe hev alite soðne gelenran toða

(ilegível)*tigan husa æt Þam ende necþeþegde þær lea (ilegível)*

(ilegível)ge gyrnde ‘þær fyðā leofan dryhere so

Cofidan aldre þege sceow wird & lyfte noder (ilegivel)

(ilegível grunday ‘(ώi) lca eac neðe fenean gis & sea (ilegível)”

02.Bibliografia:

Publicações sobre manuscritos, e manuscritos da Inglaterra anglo-saxônica:

BATELLI, G. **Lezioni di Paleografia.** Città Del Vaticano: Sansaini, 1949.

BISCHOFF, B. **Latin Palaeography: Antiquity and the Middle Ages**. Cambridge University Press: Cambridge, UK, 1990.

BROWN, M. **A Guide to Western Historical Scripts from Antiquitiy to 1600**. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

_____ **Manuscripts from the Anglo Saxon Age**. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

_____ **Understanding Illuminated manuscripts: a guide to technical terms**. Los Angeles (USA): J. Paul Getty Trust & The British Library Board, 1994.

CAMILLE, M. **Images dans les marges, Aux limites de l'art mediéval**. Paris : Galimard, 1997.

CLEMENS, R. & GRAHAM, T. **Introduction to manuscript Studies**. London: Cornell University Press, 2007.

FAULKNER, M. **The uses of Anglo-Saxon manuscripts, c. 1066-1200**. DPhil, Oxford University, UK . URL: http://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:b98cb64f-c896-4402-8aa1-9bd317675c12 (acessado em 15/12/2012)

LEOPOLD, G. *La typologie des sources du Moyen Âge occidental*. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 27e année, N. 6, 1972**. pp. 1257-1263. URL: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1972_num_27_6_422543 (consultado em 12/12/2011).

PACHT, O. **La miniatura Medieva**l. Madrid: Alianza, 1987.

ROBERTS, J. **Scripts Used in English writings up to 1500**. London: The British Library, 2008.

SCHIMITT, J.-C., « *Le miroir du canoniste. Les images et le text dans un manuscrit mediéval* ». **Annales ESC, 48/6**, 1996, p.1471-1495.